



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

ANA CRISTINA GUIMARÃES DE OLIVEIRA

**Olhares de brinquedistas: análise do discurso dos saberes
lúdicos-educacionais e culturais.**

Belém
2017

ANA CRISTINA GUIMARÃES DE OLIVEIRA

Olhares de brinquedistas: análise do discurso dos saberes lúdicos-educacionais e culturais.

Versão Corrigida

(Versão original encontra-se no Programa de Pós-Graduação)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nazare Cristina de Carvalho.

Belém

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Biblioteca do CCSE, Belém - PA

Oliveira, Ana Cristina Guimarães de

Olhares de brinquedistas: análise do discurso das saberes lúdicos-educacionais e culturais / Ana Cristina Guimarães de Oliveira; orientação de Nazaré Cristina de Carvalho, 2017, 170fls.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

1. Brinquedotecas. 2. Brinquedistas. 3. Saberes lúdicos I. Carvalho, Nazaré Cristina de (orientadora) II. Título.

CDD. 21º ed. 027.625

ANA CRISTINA GUIMARÃES DE OLIVEIRA

Olhares de brinquedistas: análise do discurso dos saberes lúdicos-educacionais e culturais.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nazare Cristina de Carvalho.

Data da Aprovação: 15 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Nazaré Cristina Carvalho – (Presidente da Banca/Orientadora) – UEPA.

Prof.^a Dr.^a Laura Maria Silva Araújo Alves – (Membro da Banca/Examinadora Externa) – UFPA

Prof.^a Dr.^a Denise de Souza Simões Rodrigues – (Membro da Banca/Examinadora Interna) – UEPA

À Deus, minha força e fortaleza, que me ergueu das dores para a vitória.

A meu esposo e filha, que cuidam de mim incessantemente e me deram força quando pensei em desistir.

A minha amada mãe fonte inesgotável de amor e minha grande inspiração.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, que em minhas orações me deu sabedoria para trilhar o caminho necessário à minha formação.

Ao meu amado esposo Geraldo Bruno Costa de Andrade que me ajudou muito, compartilhando conhecimentos, mas acima de tudo, que me amparou quando minha saúde debilitou e as dores vieram - minha luta diária-, e é capaz de se sacrificar para ajudar aqueles a quem ama.

A minha Orientadora Professora Dra. Nazaré Cristina Carvalho, que soube compreender como ninguém as dificuldades, e mesmo assim, somente deu palavras de sucesso, que contribuiu com seu extenso conhecimento para que este trabalho se consolidasse e tornando possível sua finalização.

A professora Dra. Denise de Souza Simões Rodrigues e a Professora Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves que contribuíram com suas considerações e permitiram um novo caminho para a construção desta pesquisa.

A professora Joana d'Árc Guimarães de Oliveira primeira recriadora da universidade e precursora da recreação escolar em Belém do Pará, que é até hoje inspiração para muitos na área do brincar e do lazer. E que tenho a honra de chamá-la: Mãe.

A professora Vera Lúcia da Costa Fernandes minha grande amiga, que contribuiu com suas memórias e lembranças, dando total apoio para a elaboração desta dissertação, e, com quem troco conhecimentos maravilhosos sobre nossa paixão do brincar, da ludicidade e do lazer.

A minha querida amiga Maiolina Nascimento Neves, a primeira brinquedista de Belém do Pará, uma lutadora que defende o espaço brinquedoteca, a formação específica de um novo profissional e que ama o que faz.

Aos brinquedistas da Brinquedoteca Joana d'Árc do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará nas pessoas de Rosani Oliveira, Karla Tokuda, Thaís, Andreza, Augusto Valdeci meus colaboradores diários e que acreditam na liberdade do ato de brincar.

A Brinquedista Rosângela Silva, que dispôs de seu tempo para contribuir com nossa pesquisa.

A todas as instituições que permitiram a pesquisa para um novo debate sobre a brinquedoteca em Belém do Pará: Biblioteca Arthur Viana da Fundação Cultural do Pará, A Brinquedoteca Joana d'Árc da Universidade do Estado do Pará, a coordenação do Hospital Metropolitano de Belém, ao Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves.

Aos meus colegas do PPGED que deram palavras de incentivo. "Não desista".

Ao meu amigo Jorginho, longas datas de trabalho conjunto e que tive a satisfação de encontra-lo, sempre disposto a ajudar.

RESUMO

OLIVEIRA, Ana Cristina Guimarães de. **Olhares de brinquedistas: análise do discurso dos saberes lúdicos-educacionais e culturais**. 2017. Xxf. (Dissertação de Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

Este estudo analisa os discursos dos brinquedistas refletindo nas construções de saberes lúdicos, educacionais e culturais que ocorrem nos espaços das brinquedotecas públicas em Belém do Pará. Os brinquedistas são os profissionais que atuam dentro do espaço brinquedoteca e que possuem ou não formação específica expedida pela Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBR). Priorizamos através do recorte histórico brinquedistas que já possuem um período de atuação superior a cinco anos dentro da brinquedoteca pública, entre os anos de 2010 a 2016. Nosso objetivo geral está voltado a analisar os discursos dos brinquedistas partindo de suas experiências nos espaços de brinquedotecas públicas através das relações simbólicas e da produção de sentidos. O aporte teórico utilizado para subsidiar nossa pesquisa foi: Friedmann (1992), Cunha (1997; 2007; 2011; 2016), Oliveira (2011; 2012), Brougère (2004, 2010, 2014), Brandão (2002), Durham (2004), Elias (1998,1993), entre outros autores que nos permitiram analisar criticamente as categorias existentes sobre saberes, ludicidade, educação e cultura. A abordagem da pesquisa foi etnometodológica visto a importância dos brinquedistas enquanto sujeitos sociais portadores de saberes lúdicos, educacionais e culturais. Utilizamos dois métodos de procedimentos: o histórico-cultural para identificarmos o elemento propulsor da criação das brinquedotecas públicas, suas motivações e práticas, e, o método sociológico que reflete sobre as relações encontradas na sociedade. Foram dois os tipos de pesquisa: a qualitativa e a participante. A técnica delimitadora foi através da amostragem não probabilística por acessibilidade. Os sujeitos da pesquisa foram três brinquedistas de brinquedotecas públicas de Belém. As técnicas de coleta de dados ocorreram através da observação participante, narrativas orais, e entrevista semidirigida. As sistematizações das análises dos discursos ajudaram a refletir criticamente os dados obtidos. Nossos resultados apontam para a existência de saberes específicos que

surgem dentro do contexto das brinquedotecas públicas na cidade de Belém no estado do Pará.

Palavras-chave: Brinquedista. Análise do Discurso. Saberes Lúdicos-Educacionais. Cultura.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Ana Cristina Guimarães de. **Toy librarian looks: analysis of the discourse of ludic-educational and cultural knowledge**. 2017. Xxxf. (Master's Dissertation in Education). Center for Social Sciences and Education, State University of Pará, Belém, 2017.

This study analyzes the discourses of the toyists reflecting in the constructions of playful, educational and cultural knowledge that take place in the spaces of the public toy libraries in Belém do Pará. The toyists are the professionals who work within the toy space and who have, or not specific training issued by the Association Brazilian Library of Toys (ABBRI). We prioritize, through the historical cut-out, toys that already have a period of performance of more than five years within the public toy library, between the years 2010 to 2016. Our general objective is to analyze the discourses of the toyists from their experiences in the spaces of public toy libraries through symbolic relations and the production of meanings. The theoretical contribution used to subsidize our research was: Friedmann (1992), Cunha (1997, 2007, 2011, 2016), Oliveira (2011, 2012), Brougère (2004, 2010, 2014), Brandão, Elias (1998, 1993), among other authors that allowed us to analyze critically the existing categories on knowledge, playfulness, education and culture. The approach of the research was ethnomethodological considering the importance of the playwrights as social subjects carrying ludic, educational and cultural knowledge. We used two methods of procedures: historical-cultural to identify the propulsive element of the creation of public toys, their motivations and practices, and the sociological method that reflects on the relationships found in society. There were two types of research: qualitative and participant. The boundary technique was through non-probabilistic sampling by accessibility. The subjects of the research were three public toy libraries in Belém. Data collection techniques occurred through participant observation, oral narratives, and semi-directional interview. The systematizations of the discourse analysis helped to reflect critically the data obtained. Our results point to the existence of specific knowledge that arise within the context of public toy libraries in the city of Belém in the state of Pará.

Keywords: Toy Librarian. Speech analysis. Ludic-Educational. Knowledge. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01	Imagem diagonal do espaço interno da Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Viana.	116
Foto 02	Imagem da fachada da brinquedoteca Joana d'Árc do CEDF/UEPA.	117
Foto 03	Imagem da Fachada da Brinquedoteca do "Bosque Rodrigues Alves".	117
Foto 04	Brinquedista Maiolina Nascimento Neves da Biblioteca Arthur Vianna da FCP. Cantinho da Fantasia.	121
Foto 05	Brinquedista Rosani Moraes em atividade do Programa Circuito Lúdico com Idosos	122
Foto 06	Brinquedista Rosangela Silva no canto de histórias.	122
Foto 07	Brincantes adolescentes se fantasiando na brinquedoteca Arthur Viana	137
Foto 08	Brincantes adolescentes brincando com o jogo da fortuna	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Levantamento dos trabalhos científicos stricto sensu defendidos no Brasil que contém o termo Brinquedoteca a partir da BDTD realizado em 2015 pela autora.....	24
Quadro 02	Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores de Pedagogia.....	100
Quadro Síntese 01	A relação dos sujeitos sobre seu papel e compreensão de quem é o brinquedista.....	124
Quadro Síntese 02	As interações entre o brinquedista e o público de atendimento no espaço de brinquedoteca.....	135
Quadro Síntese 03	Transformações das práticas a partir da interação diária com o seu público.....	140
Quadro Síntese 04	As vivências lúdicas vivenciadas na brinquedoteca enquanto saberes culturais.....	146
Quadro Síntese 05	As atividades lúdicas na brinquedoteca enquanto saberes educacionais.....	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Fases principais da entrevista narrativa.....	51
Tabela 02	Agrupamento e comparação entre os intérpretes individuais.....	67

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	SOBRE BRINQUEDOTECAS E BRINQUEDISTAS.....	21
2.1	O estado da arte	22
2.2	Breve contextualização histórica das brinquedotecas do mundo ao Brasil	32
2.3	A narrativa oral e a incursão histórica cultural de algumas brinquedotecas públicas no Pará.....	48
2.3.1	A narrativa histórica da Brinquedoteca Joana d'Árc.....	52
2.3.2	A narrativa histórica da Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Viana.	56
2.3.3	A narrativa histórica da Brinquedoteca do Jardim Botânico "Bosque Rodrigues Alves"	63
2.4	Tessituras na brinquedoteca e os entrelaçamentos das categorias dos saberes lúdicos-educacionais e culturais.....	74
3.	OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	104
3.1	A etnometodologia como abordagem.....	104
3.2	Métodos de procedimentos.....	109
3.3	Tipo de pesquisa.....	109
3.4	Técnica de pesquisa.....	110
3.4.1	Técnica delimitadora	110
3.4.2	Técnica de coleta de dados	111
3.4.3	Técnica sistematizadora	111
3.4.4	Técnicas de análise de dados.....	111
3.5	Sujeitos da pesquisa.....	115
3.6	<i>Lócus</i> da pesquisa.....	116
3.7	Categorias de análise.....	118

3.8	Aspectos éticos de inclusão e exclusão.....	118
4.	O DISCURSO ANALISADO.....	119
4.1	Olhares de Brinquedistas: entre os guardiões do brincar a formação de brinquedistas e a sustentabilidade nas brinquedotecas públicas do Estado do Pará.....	123
5.	CONCLUSÃO.....	156
	REFERÊNCIAS.....	163
	APÊNDICES.....	169

1. INTRODUÇÃO

- Minha filha não vá estragar esses papéis que estão novos.

- Não mãe eu vou fazer aviãozinho.

(Oliveira, Ana. Um dia em casa. 2016)

Quando eu lembrar o tempo de criança, que venham memórias de sorrisos, de alegrias ao ver as árvores balançando com o vento anunciando a chuva em Belém do Pará a “Metrópole da Amazônia”.

Minha raiz, minhas histórias de infância foram demarcadas pelo tempo que avançava sem parar e pude aproveitar o melhor de mim em nós, pois nunca estive sozinha - brincava com colegas, irmãos, primos – e, mesmo quando não tinha o corpo presente dos meus pais, me deixava conduzir para outro mundo, outros universos entre fantasias no meu imaginário.

Por que o brincar ainda hoje me fascina? Por que me encanto com coisas simples ao ver uma criança, um jovem ou um idoso brincando? E a única resposta que encontro é porque está ao meu redor e faz parte do meu universo, um parceiro que esteve no meu passado, está no meu presente, mas acima de tudo é minha visão para o futuro.

Entre as matas na Amazônia, em Belém do século XX, correndo pelos terrenos, com os pés descalços, sentindo a areia do chão, as poças de água nos pés que serviram para na fantasia ser igarapés cheios de jacarés. E pulando sobre elas saíamos vitoriosos, pois salvos estávamos.

Nas aventuras pelas matas e igarapés sentíamos o cheiro do ar, das águas, em uma mistura de que só quem teve a chance de sentir sabe o quanto fica registrada em nossa memória.

Fui princesa, viajante, super-herói – com o lençol como capa pulando da marquise de casa -, fui menina moleca, subi em árvores, brinquei na chuva, fui observadora, fui criadora, brinquei de argila nas praias de Mosqueiro, dormi em capô do carro à beira do mar de Salinas e, na madrugada fria e escura não havia medo, pois aos olhos de uma criança, tudo era aventura.

Brinquei de tudo um pouco, de casinha, de pega-pega, esconde-esconde, mãe da rua, de macaca (amarelinha), de pião, de fura-fura, de peteca, de empinar papagaio, de roda, de *stop*, brincadeiras de roda, de pular fogueira – e olha que não

era época de junho. Brincadeiras com bola ou sem bola. Construí castelos de areia, ou o que imaginávamos ser um castelo.

Subíamos em árvores, brincávamos de Tarzan (filme que passava na década de 70), nos pendurávamos em cipós e balançando nas árvores jogávamos nos igarapés. Mesmo nos trabalhos diários quando tínhamos que sair de casa para lavar roupa nos igarapés, misturados entre o trabalho e a brincadeira tudo era diversão.

A noite também tinha outras histórias contadas à luz de lamparina, ou do lampião de querosene, reunidos para contar piadas, contos de assombração, ou dos seres encantados da mata em Marituba município de Ananindeua no Pará, e, depois caminhar na trilha de mata escura com medo de cobra, de onça, ou da matinta perera. Foi lá que aprendi as histórias do saci, da mula sem cabeça, das iaras e dos seres encantados. E de repente ... ouvir o canto agourento da rasga mortalha¹.

E, na cama antes do sono ainda querendo ouvir outros contos e cantos. Ouvir minha mãe contando as histórias da Moura Torta, da Bela e da Fera – bem diferente dos contos da Disney de hoje no século XXI -, da Dona Baratinha e do Seu Rato e a do Figo da Figueira entre tantas outras que nem consigo lembrar, pois hoje as lembranças me vêm como enxurrada misturando tudo.

E se você pensa que nasci ribeirinha, lhe direi não, nasci na cidade, mas os rios e igarapés atravessaram dentro de mim. E me marcaram permanentemente.

Tive durante minha infância a oportunidade e liberdade de brincar, sem que tivéssemos o impacto de sua comercialização, já que não possuíamos uma estrutura econômica sólida, e tínhamos que criar as brincadeiras, assim como, nossos brinquedos.

Brinquedos feitos com papel, com jornal, fazíamos as espadas, o revólver, à boneca de esponja. As bolinhas de sabão eram feitas com o cano das canetas, quando essas não serviam para mais nada. Nós inventávamos, nossos brinquedos e nossas brincadeiras.

E quando chovia, - pois, em Belém do Pará, nossa cultura tem hora de chuva também, rasgávamos uma boneca de papel, colocando atrás da porta e cantávamos: - *Vai à chuva, vem o sol, vai a chuva, vem o sol*. Em um coro de vozes, e, como por encantamento, não sei se pela imaginação da criança, a chuva não demorava a passar. Brincávamos na rua, na casa, nos igarapés, nas praias.

¹ Ave de agouro segundo a crendice popular paraense.

Nossas amizades eram construídas pela convivência, brincando, superávamos nossas diferenças ali, entre nós, no nosso mundo.

Assim, cresci, vivenciando e experimentando o brincar. E, quem pensa que na adolescência isto se encerra está redondamente enganada, fui bandeirante², sou ainda hoje, mesmo que de coração. Pois como diz nosso lema: “uma vez bandeirante, sempre bandeirante”. Parti para outras aventuras, acampando na natureza, fazendo excursões, jogando, brincando, cantando, mas também se preocupando com o mundo ao nosso redor, ajudando a quem precisava. “*Semper Parata*”³.

Muitos desses jogos e canções aprendidas são hoje utilizados como dinâmicas educacionais, em encontros de formação de professores, sem se dar conta do simbolismo e significados que foram trazidos pelo Movimento de Bandeirantes no Brasil, que serviram para aproximação de convivência de diferentes povos e localidades. Eram usadas como saudações, ou amostras de suas próprias culturas, realizadas em um único círculo onde cruzávamos um braço sobre o outro e nossas mãos seguravam às mãos dos que estavam ao nosso lado, e num movimento de saudação iniciávamos como uma onda que se inicia e segue sequencialmente, significando nossa união, o maior sempre cuidando do menor, pois no círculo estavam todos. Juntos. Ali se encontravam todas as idades da criança ao adulto. Todas as funções dos que tinham a responsabilidade da cozinha, limpeza, coordenadores, bandeirantes, ajudantes. Todos unidos cooperando entre si, marcando cada um de nós com uma filosofia de vida.

Os jogos, brinquedos e brincadeiras me acompanharam ainda no ensino superior. E resolvi trilhar um caminho que só o dito popular justifica. “Filho de peixe peixinho é” no meu caso, filha. Segui, caminhos como monitora de recreação, tendo como professora minha mãe e mentora: Joana d’Árc Guimarães de Oliveira a primeira recreadora em nível acadêmico, entre os anos de 1971 a 1996, da antiga Escola Superior de Educação Física do Estado do Pará (ESEFPA), atual Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Ela foi formadora e

² Bandeirante é um dos membros do Bandeirantismo, movimento internacional e educacional criado por Olave Baden Power. Em Belém do Pará na década de 70 era reconhecida através da Federação de Bandeirantes do Brasil que tinha sua sede na Avenida Senador Lemos. Mas que se dividia em distritos nos diferentes bairros em Belém do Pará.

³ Lema do bandeirante, que significa estar sempre preparada, para ajudar ao próximo. Ajudar os outros como irmãos.

multiplicadora sobre os conhecimentos de recreação e jogos aos profissionais do magistério no Estado do Pará desde a década de 60.

O campo de ensino, pesquisa e extensão sobre o brincar alicerçou minhas bases de interesse na construção do conhecimento científico, permitindo que as raízes das expressões lúdicas e das manifestações culturais estivessem sempre presentes no trilhar da continuidade de minha formação.

Em 2007, já atuando enquanto docente na UEPA assumi pela primeira vez a coordenação da Brinquedoteca Joana d'Árc, localizada no Curso de Educação Física/UEPA. E adentrei a uma nova concepção do brincar no espaço da brinquedoteca a partir da Professora Mestra Vera Lúcia da Costa Fernandes que idealizou o espaço da brinquedoteca Joana d'Árc e, me indicou para essa nova função. Deste momento em diante mergulhei nas fundamentações teóricas e observações sobre esse espaço, e consolidamos outras aproximações com outras instituições públicas, sendo uma delas a brinquedoteca da Biblioteca Arthur Vianna do antigo Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR), atual Fundação Cultural do Estado do Pará (FCP), através da brinquedista Maiolina Nascimento Neves. Juntas realizamos eventos, seminários, cursos de formação de brinquedistas, outras instituições que se fizeram presentes nos debates e mesas redondas promovidas na UEPA sobre brinquedotecas foram as Brinquedotecas do Jardim Botânico Rodrigues Alves e do Hospital de Clínicas do Pará.

Em estudos bibliográficos nacionais já lançados por editoras percebi que muitas obras foram escritas que falam no conjunto da obra sobre os espaços, as crianças, as práticas, a organização e das funções do brinquedistas, mas, não havia até o presente momento, alguma que falasse especificamente sobre os brinquedistas, e a construção de saberes lúdico-educacionais e culturais acumulados nas vivências diárias dentro deste espaço dinâmico que é a brinquedoteca.

Aliado a isto, me chamou atenção à fala representativa de uma brinquedista que ao expor suas vivências e experiências aos alunos da disciplina Fundamentos e Métodos do Jogo do CEDF/UEPA se identificou como guardião do brincar, guardião dos brinquedos. Assim, consolidou nossa expectativa em desvelar quem são os brinquedistas e quais são os saberes acumulados que trazem na vivência do brincar através das suas interações com os sujeitos sociais?

Destas inquietações surge o objeto de nossa pesquisa que é analisar os discursos dos brinquedistas refletindo nas construções de saberes lúdicos, educacionais e culturais que ocorrem nos espaços das brinquedotecas públicas em Belém do Pará.

Os brinquedistas são os profissionais que atuam dentro do espaço brinquedoteca e que possuem ou não formação específica expedida pela Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBRI).

Para a construção da pesquisa realizamos um recorte histórico priorizando três brinquedistas que já possuem um período de atuação superior a cinco anos dentro de brinquedotecas públicas, entre os anos de 2010 a 2016. Pois pressupõe a existência de saberes e sentidos próprios do seu contexto, acumulados através de vivências e experiências a partir da relação com outros sujeitos sociais.

Nossa intenção na pesquisa é possibilitar debates que possam surgir a partir dos saberes lúdicos, educacionais e, culturais partindo do discurso dos brinquedistas, favorecendo a reflexão, interpretação e compreensão dos elementos simbólicos e os sentidos que fazem parte do dia a dia, e das relações intersubjetivas que ocorrem na brinquedoteca.

A relevância e necessidade da pesquisa nos leva à construção de debates sobre os sujeitos que atuam dentro do espaço brinquedoteca, e as interações que constroem através de suas práticas educacionais e culturais, pois as vivências lúdicas podem sofrer transformações por adaptações e ou adequações, reconstruídas pelo processo dinâmico a qual está entrelaçada culturalmente na sociedade. Do mesmo modo, os espaços de brinquedotecas podem ser analisados e interpretados à luz do saber produzido intersubjetivamente entre as pessoas que ali adentram.

Belém/PA possui diversas brinquedotecas, com diferentes propostas, e profissionais. Todavia, ainda é frágil a consolidação da importância e das práticas significativas que trazem os sujeitos que atuam no interior das brinquedotecas. Assim, a questão central de nosso estudo é: Quais saberes lúdico-educacionais e culturais está contido nos discursos dos brinquedistas a partir de suas vivências diárias?

E como questões norteadoras têm: quais os elementos histórico-culturais que motivaram a criação e institucionalização de diferentes brinquedotecas públicas em

Belém do Pará? Quais as interpretações e compreensões que surgem a partir dos discursos dos brinquedistas quanto aos saberes lúdico-educacionais e culturais?

Nosso objetivo geral está voltado a analisar o discurso dos brinquedistas partindo de suas experiências nos espaços de brinquedotecas públicas através das relações simbólicas e da produção de sentidos. E os objetivos específicos são: levantar informações sobre as motivações que deram início ao processo histórico-cultural de criação e institucionalização das brinquedotecas públicas elencadas na pesquisa; interpretar o discurso produzido pelos brinquedistas junto ao contexto da brinquedoteca em que atua; e compreender como os saberes lúdicos, educacionais e culturais produzem sentidos para os brinquedistas a partir das interações entre os sujeitos sociais e suas experiências diárias.

O estudo foi distribuído em quatro seções. Na primeira seção tratamos sobre o levantamento bibliográfico das abordagens que envolvem os conhecimentos sobre brinquedotecas e brinquedistas, assim como, os processos de construção das brinquedotecas internacionalmente e nacionalmente, refletindo sobre suas relações sócio históricas através do aporte teórico de Moore (1995), Friedmann (1992, 2005, 2013); Cunha (1992, 1997, 2001, 2007, 2016) e Oliveira (2001, 2011, 2012).

Em virtude da ausência de fontes bibliográficas que versa sobre o surgimento de brinquedotecas no Estado do Pará, especificamente, em Belém, utilizamos a narrativa oral de brinquedistas contribuindo para registrar aspectos dos processos históricos culturais que motivaram a criação de três brinquedotecas públicas: Brinquedoteca Joana d'Arc do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará, da Biblioteca Arthur Vianna da Fundação Cultural do Estado do Pará, e da Brinquedoteca que faz parte do Jardim Botânico "Bosque Rodrigues Alves". E, por fim procuramos categorizar abordagens teóricas que esclarecessem sobre os saberes, o lúdico, a cultura e a perspectiva educacional, e também de alguns elementos que envolvem o contexto da brinquedoteca como o brincar e o brinquedo para isso utilizamos conceitos que se fazem presentes nas obras de Huizinga (2008), Callois (1990), Brougère (2004, 2010, 2014), assim como, das relações que envolvem a sociedade, a educação e a cultura em uma perspectiva de Elias (1993, 1998), Vygotsky (2011), Benjamin (2009) e Brandão (2002).

A segunda seção trata dos caminhos metodológicos da pesquisa, esclarecendo todos os procedimentos sistematizados que permitiram a construção

do conhecimento científico apresentados no estudo, nossas bases teóricas foram fundamentadas em Garfinkel (2012), Jovchelovitch & Bauer (2007), Orlandi (2005).

A terceira seção realiza a análise do discurso dos brinquedistas de três brinquedotecas públicas de Belém, que possuem mais de cinco anos de existência, e promovem a interpretação e compreensão dos sentidos e significados de saberes construído por aspectos lúdico-educacionais e culturais, partindo-se das experiências vivenciadas pelos sujeitos sociais e suas interações pessoais.

Na conclusão da pesquisa consideramos a existência de saberes contidos nos discursos específicos que envolvem os brinquedistas e as brinquedotecas, entre esses saberes, apontamos a relação existente entre o lúdico visto como essência dos sujeitos brincantes partindo-se de movimentos dinâmicos considerados como pulsão de energia que decorrem das múltiplas possibilidades de vivências decorrentes no ato de brincar e do princípio de liberdade.

Considerou que a educação é compreendida em dimensões distintas do brincar: a primeira como processos de diálogos e interações que permitem a criação, convivência entre os sujeitos ressignificando o espaço de brinquedoteca, e a segunda enquanto princípio pedagógico que direciona os processos do brincar a partir da funcionalidade sociocultural.

E, por fim os saberes culturais fazem parte de uma diversidade específica de cada brinquedoteca com os quais constroem uma rede de sentidos do brincar, do brinquedo e do espaço de modo individual ou coletivo.

2. SOBRE BRINQUEDOTECAS E BRINQUEDISTAS.

O espaço de brinquedoteca tem por objetivo o brincar, assim, a ludicidade permeia o ambiente em suas amplas dimensões.

Nossa intenção neste capítulo é desvelar alguns conceitos que alicerçam o debate sobre as brinquedotecas e o profissional que ali atua reconhecido como brinquedista. Nesse sentido, iniciamos com reflexões que alinhavam o estado da arte para transparecer alguns dos estudos e pesquisas científicas sobre o tema no Brasil e, sequencialmente abordamos sobre alguns aspectos históricos do surgimento da brinquedoteca, para pôr fim definir brevemente algumas das categorias trazidas no estudo ora produzido, tais como, brinquedoteca, brinquedistas, saberes, ludicidade, brincar, brinquedos, educação não escolar e cultura.

Para Pais (2011) o compromisso de pesquisadores no campo histórico, social e cultural para o terceiro *milênio* está firmado na construção crítica de saberes sobre a ludicidade, com estreita responsabilidade de humanização dos sujeitos em defesa de princípios de educação para a paz e para a liberdade democrática.

No universo internacional, os debates sobre as brinquedotecas tomaram conta das instituições desde a década de 30 e, se fortaleceram nacionalmente no Brasil desde a década de 70 com o surgimento da primeira brinquedoteca na cidade de São Paulo em um bairro nobre chamado de Indianópolis localizado no distrito de Moema/Saúde na região Centro-Sul da cidade, sendo sua precursora a professora Dra. Nylse Helena Silva Cunha.

Em Belém do Pará os debates e inserções de brinquedotecas privadas e públicas nasceram entre o final da década de 80 e início da década de 90. Em Belém a primeira brinquedoteca privada que se tem conhecimento, surgiu na Escola de Natação Infantil Peixinho-Dourado a partir da ideia de uma estrutura diferenciada de brinquedoteca aquática, cujo objetivo era o de aplicar os conhecimentos do desenvolvimento psicomotor através do brincar e da ludicidade para a natação infantil.

A primeira brinquedoteca pública que se tem conhecimento está localizada no Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), é uma seção da Biblioteca Arthur Viana, criada em 1991.

Entre os séculos XX e XXI houve crescente busca de debates sobre a criação de espaços reconhecidos como brinquedotecas. E não foi diferente na Amazônia, que apesar do avanço, ainda há muito a ser consolidado.

2.1. O estado da arte:

A fim de compor o estado da arte, iniciamos um breve levantamento das produções de teses e dissertações defendidas que estivessem relacionadas ao nosso objeto de estudo, e para isso, acessamos o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A busca ocorreu pela palavra-chave brinquedoteca, sem restrição ao período de publicação. Ao analisarmos os resultados a partir dos achados, observou-se que haviam poucos trabalhos cadastrados, pois os resultados apontaram no total: (05) dissertações em Mestrado Acadêmico e (01) uma tese em Doutorado. Destes somente o trabalho de doutorado está acessível para leitura no banco de teses da CAPES.

Após a obtenção destes resultados, procuramos ampliar nossa busca visitando os sites de banco de teses e dissertações das universidades brasileiras que possuem o Programa de Educação credenciado pela CAPES. Daí percebermos que haviam outros trabalhos publicados que não aqueles vistos no banco de teses da CAPES.

Priorizamos realizar uma nova pesquisa a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia as produções das Dissertações e Teses, pelo site <http://bdtb.ibict.br>. Novamente inserimos a palavra-chave, brinquedoteca sem distinção dos períodos de publicação.

Os resultados alcançados nesta nova pesquisa detectaram a existência de 26 trabalhos defendidos, em âmbito de *stricto sensu* no Brasil. Entre as teses e dissertações, que tratam do assunto brinquedoteca, haviam aqueles que não estavam necessariamente descritos nas palavras chaves ou no título dos trabalhos.

Procuramos observar os resultados segundo a quantidade de dissertações e teses defendidas por instituição e resultou em 05 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); 05 da Universidade de São Paulo (USP); 02 da Universidade Estadual de Londrina (UEL); 02 da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);

02 da Universidade de Campinas (UNICAMP); 01 da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas); 01 da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); 01 da Universidade Federal do Estado do Pará (UFPA); 01 da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); 01 da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); 01 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); 01 da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); 01 da Universidade de Brasília (UNB); 01 da Universidade Estadual Paulista (UNESP); 01 da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Analisando preliminarmente, esse resultado quanto à pesquisa sobre brinquedotecas no país, poucas produções que tratem de um modo geral sobre os espaços de brinquedotecas em nível *stricto sensu* foram objetos de pesquisa. Percebermos o *déficit* de pesquisas cientificamente produzidas nacionalmente sobre o tema que nos propusemos estudar. E, diante do levantamento junto aos bancos de teses e dissertações da CAPES e do BDTD até o ano de 2015 - ano em que realizamos este levantamento-, não havia nenhuma pesquisa que tratasse especificamente sobre os brinquedistas.

Partindo-se das localizações geográficas das universidades, o estado da arte nos possibilitou também, perceber onde o fomento do tema está ocorrendo nas diferentes regiões do Brasil.

As distribuições das pesquisas por regiões brasileiras, não foram animadoras. Pois, possuímos doze (12) estudos na região Sudeste, oito (08) pesquisas na região Sul, quatro (04) pesquisas na região Nordeste, uma (01) pesquisa na região Centro-Oeste e uma (01) pesquisa na região Norte. Isso, ratifica a deficiência de produções científicas que tratam sobre o debate de brinquedotecas na região norte em detrimento das demais regiões brasileiras.

Apresentamos no quadro a seguir os resultados preliminarmente alcançados no estudo da arte e, neles constam consecutivamente: o período das defesas, o nível entre dissertações e teses, a área ou linha da pesquisa, o programa e o resumo das pesquisas científicas realizadas.

Quadro 01: Levantamento dos trabalhos científicos stricto sensu defendidos no Brasil que contém o termo **Brinquedoteca** a partir do BDTD.

Legenda: *D = Dissertação / T = Tese

N.	Ano	Instituição	Nível	Abordagem	Área/Linha	Programa
01	1998	UNICAMP	D	Processos de estimulação ligada ao desenvolvimento infantil	Atividade Física Adaptada	Educação
02	2000	UFSC	D	Identificação e mapeamento de brinquedotecas	Gestão do Design e do Produto	Engenharia de Produção
03	2003	UFSC	T	Implementação das etapas de criação e organização de brinquedoteca com crianças e adolescentes em risco social	Gestão do Design e do Produto	Engenharia de Produção
04	2003	USP	T	Processos do brincar clínico no tratamento do câncer infantil	Enfermagem	Inter unidades de Doutorado em Enfermagem
05	2003	UFSC	D	Investigar as brincadeiras como recurso para o desenvolvimento	Psicologia	Psicologia
06	2004	UNESP	D	Olhar psicanalítico do brincar nas relações familiares	Pedagogia da Motricidade Humana	Ciências da Motricidade
07	2006	UFMG	D	Potencial da brinquedoteca hospitalar no tratamento de AIDS.	Pediatria/Saúde da Criança e do Adolescente	Medicina
08	2006	UFSC	D	Analisa o processo de mercadológico do brinquedo usada pela criança na contemporaneidade.	Educação e Infância	Educação
09	2007	UFMG	D	Realiza um estudo comparativo dos tipos de brincadeiras nos diferentes espaços.	Psicologia do Desenvolvimento Humana	Psicologia
10	2007	USP	D	Processo de adaptações para crianças em hospital com distúrbios da fala em virtude do palato. Palatina	Distúrbios da Comunicação Humana	Ciências da Reabilitação
11	2007	UFSC	D	Educação e aprendizagem	Constituição do Sujeito e Práticas Sociais	Psicologia
12	2007	UFRN	D	Descreve a percepção da criança sobre a doença e propõem o uso de atividades recreativas para diminuição dos medos e transtornos.	Enfermagem	Enfermagem
13	2007	PUC CAMPINAS	D	Uso de técnica psicanálise em ambiente de brinquedoteca.	Psicologia clínica	Psicologia do Centro de Ciências e Vida da PUC Campinas
14	2007	UEL	D	Trata das memórias lúdicas das no seu tempo, espaço entre os educadores e os alunos em escola na cidade de Maringá-PR.	Educação	Educação
15	2008	USP	D	Contribuição dos brinquedos na convivência e aprendizagem	Artes Visuais	Artes

Continua.

N.	Ano	Instituição	Nível	Abordagem	Área/Linha	Programa
16	2008	UNB	D	Discute sobre os processos de humanização na saúde e reconhece a brinquedoteca como espaço potencial na atenção da saúde.	-----	Continuação. Ciências Da Saúde
17	2009	USP	T	Interações do trabalho teoria do amadurecimento	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	Psicologia
18	2009	UEL	D	Processos de aprendizagem no hospital	Educação	Educação
19	2010	UFPB	D			Serviço Social
20	2011	UFPA	D	Brinquedoteca hospitalar	Ecoetologia	Teoria e pesquisa comportamental
21	2012	USP	D	Frequências motoras, interação social e tipos de brincadeiras.	Educação Física	Educação Física
22	2012	UNICAMP	T	Processos de ensino aprendizagem pelo brincar	Psicologia Educacional	Educação
23	2013	UNINOVE	D	Analisa a repercussão da política educacional de nove anos com a reestruturação do espaço e, portanto, da inserção de brinquedoteca em ambiente escolar.	Educação	Educação
24	2013	UFMA	D	Processos de socialização	Educação	Educação
25	2013	UFPE	D	Educação hospitalar	Educação Inclusiva	Educação
26	2014	UFUBERLANDIA	D	Levantamento de trabalhos na ANPED	Saberes e práticas educativas	Educação

Fonte: OLIVEIRA, A.C.G (2015).

Observamos cronologicamente a defesa de pesquisas envolvendo o assunto brinquedoteca, a partir de 1998 até nossos dias, sendo o ano de 2007, aquele onde mais houve produção acerca do tema.

Analisando o quadro 01, é possível constatar, ao nível *stricto sensu*, a predominância das defesas em dissertações, totalizadas em (22) frente as defesas de teses totalizadas em (04), demonstrando que o tema abordado está mais consolidado no mestrado, do que no doutorado.

Na análise das áreas e programas observados no BDTD – no quadro supracitado - mostra uma variedade de áreas e programas respectivamente que tem interesse no estudo, entre elas aparecem:

- Atividade Física Adaptada/ Educação Física (Educação Física);
- Gestão de Produção (Engenharia de Produção);

- Enfermagem (Inter unidades de Doutorado);
- Psicologia do Desenvolvimento Humano/Constituição do Sujeito e Práticas Sociais/Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (Psicologia);
 - Psicologia Clínica (Psicologia do Centro de Ciências e Vida da PUC Campinas);
 - Pedagogia da Motricidade Humana (Ciências da Motricidade);
 - Pediatria/Saúde da Criança e do Adolescente (Medicina);
 - Educação e Infância/Psicologia Educacional/Educação Inclusiva/Saberes e Práticas Educativas (Educação);
 - Artes Visuais (Artes)
 - Distúrbio da Comunicação Humana (Ciências da Reabilitação);
 - Serviço Social;
 - Ciências da Saúde
 - Ecoetologia (Teoria e Pesquisa Comportamental);

A partir dos resumos das pesquisas é possível aferir que as abordagens teóricas dos estudos acima descritos, possuem defesas diferenciadas, não em virtude dos programas existentes, mas sim do objeto investigado.

Nesse caso as aproximações com o tema conduzem a pressupostos onde, a brinquedoteca, passa a ser vista, como, espaço de ensino e aprendizagem; como recurso de interação social; como espaço facilitador de tratamentos de doenças; como espaço de intervenção ao desenvolvimento psicomotor; como meio de equilíbrio e mediação das relações familiares e ou de crianças em risco social e, como espaço para saberes e memórias lúdicas.

Para a realização das análises dos resumos das dissertações e teses publicadas no site, focalizamos nos últimos cinco anos, aqueles publicados entre 2010 a 2015.

No sentido de espaço de processos educacionais e de ensino-aprendizagem, a brinquedoteca é defendida enquanto meio de se favorecer o ensino, quer seja especificamente em escolas, quer seja em classes hospitalares.

Magnani (2012) se preocupou com as dificuldades de educadores no atendimento das necessidades lúdicas infantis. Diante da reimplantação das brinquedotecas nos Centros Municipais infantis de uma cidade a sudoeste do

Paraná. Sua pesquisa ação permitiu a capacitação através de curso sobre o brincar, que resultou na percepção das teorias trazidas pelos professores da pré-escola, em três focos: o dirigido; o mediado e o livre. Há de se considerar que o foco da pesquisa estava direcionado a práxis lúdico-educacionais partindo do ponto de vista dos educadores e as relações com os estudantes no favorecimento ao brincar.

Magnani (2012) concluiu em seu estudo que o brincar e a brinquedoteca estão pautadas em ideias empíricas sobre o assunto, havendo inclusive a necessidade de mudanças não somente nas atitudes dos docentes como da visão das políticas públicas educacionais.

Este estudo promoveu uma reflexão sobre a necessidade de os docentes compreenderem, mais profundamente as bases teóricas que envolvem o brincar, assim como, da complexidade ao se abordar um tema permeado por saberes simbólicos, culturais e, imaginários que vão além do processo de uso da brincadeira e, da brinquedoteca enquanto espaço de ensino e aprendizagem.

Marques (2013) desenvolveu um estudo hermenêutico, sobre as expressões simbólicas, contidas nas atividades lúdicas desenvolvidas na brinquedoteca escolar, no sentido de perceber a relevância em busca de uma educação sensível, e, humanizadora. Em sua pesquisa defendeu uma concepção de totalidade do sujeito, compreendendo o imaginário como fator instituinte da sociedade. Sua pesquisa levou em consideração as falas das crianças e do coordenador do projeto brinquedoteca. A autora, concluiu que as brincadeiras vivenciadas na brinquedoteca permitem a criança construir sua interpretação da realidade, assim como do outro, e de si mesma, de modo sensível. Portanto, contribuindo para uma educação humanizadora.

Por fim, quanto à abordagem educacional trazemos Meirelles (2013) que faz uma investigação quanto à repercussão da implantação do ensino fundamental de nove anos. E, traz elementos de análise sobre as escolas e o brincar das crianças quanto à existência, ou não, da brinquedoteca nas escolas.

Este estudo mostra que a brinquedoteca auxilia nos processos educacionais para a infância, e promove o processo de reavaliação dos professores quanto à importância das atividades lúdicas e do brincar da criança na escola. Mas, considera que existe uma grande dificuldade de as escolas da rede municipal adquirir espaço adequado para a construção da brinquedoteca.

Outro sentido, das abordagens, tratadas nos estudos estão voltadas a compreensão das atividades lúdicas, e, do espaço de brinquedoteca enquanto recurso facilitador durante os tratamentos de doenças.

No âmbito de brinquedotecas hospitalares, Lima (2011) se preocupa se estão sendo atendidas as bases legais para sua implantação, mediante a Lei 11.104/2005 que prevê a implantação de espaços de brinquedotecas em hospitais, assim como, dos profissionais competentes para atender neste espaço, em ambientes de internação de crianças. A autora coletou dados indicativos de que existem, no Pará, poucas unidades com implantação de brinquedotecas, mesmo sendo conhecedoras da lei. E, as que possuem, falta uma rotina sistematizada para o atendimento neste espaço. As crianças que participaram da pesquisa apontam que a brinquedoteca no contexto hospitalar, é o seu local preferido, em virtude das brincadeiras.

Ressaltamos que, estudos como este contribuem sobre maneira, para as possibilidades de melhorias nas brinquedotecas hospitalares, e reproduz as realidades de ausência de apoio e suporte a espaços com atividades lúdicas em ambiente hospitalar, o que garantiria o direito da criança ao brincar.

Loiola (2013) realizou, uma investigação sobre as práticas educacionais existentes, na rede hospitalar, da área metropolitana, em uma perspectiva inclusiva. Os resultados apontam para uma situação alarmante, pois, inexistente a classe hospitalar, muito embora, exista precário atendimento educacional a crianças e adolescentes hospitalizados, e, as gerências de educação especial (GREs), sequer tinham conhecimento da garantia da educação hospitalar. As brinquedotecas hospitalares, existentes na pesquisa da autora, retratam a ausência de trabalhos pedagógicos nos moldes técnicos e ou que sustentem a sua prática, pois não existe formação tanto para brinquedistas, como de professores para atuar no ambiente hospitalar.

Os resultados mostram o descaso com o cumprimento da lei, não somente no referente à necessidade das classes hospitalares, como do papel desempenhado e na concepção do espaço brinquedoteca neste ambiente. Clarifica-se a importância, no momento da concepção do espaço brinquedoteca, e das funções exercidas pelos profissionais na execução de atividades, para melhor atendimento das crianças e adolescentes internados em hospitais.

Entre os campos da Psicologia e das Ciências da Motricidade pode-se perceber também a existência de concepção da brinquedoteca enquanto espaço de intervenção psicanalítica e para a promoção do desenvolvimento motor.

Sommerhalder (2004) sugere que existem inúmeros estudos sobre a importância do brincar, para a aprendizagem da criança. Assim, a brinquedoteca é um espaço estruturado para a brincadeira e, oferece condições concretas para as atividades lúdicas. Esclarece que para a psicanálise, o brincar é visto como espaço de estruturação do sujeito, ou seja, a criança emite pelas falas ou por sua rede simbólica sua percepção de si e por si.

Nesse sentido, a partir da análise psicanalítica através do brincar e da brincadeira enquanto representação da realidade, e, evidencia as possibilidades de releitura e escuta da criança. O estudo possibilitou investigar as brincadeiras de casinha, no espaço brinquedoteca, para se ter a percepção das relações familiares, a partir, das relações simbólicas trazidas pelas crianças.

Enquanto visão psicanalítica, o espaço de brinquedoteca é percebido como ambiente lúdico e acolhedor, e, através do brincar, consegue promover à compreensão dos sujeitos sobre aspectos ligados às relações interpessoal e intrapessoal, frente aos traumas ou desejos projetados. Entre todos os aspectos a interação das crianças no espaço de brinquedoteca se fortalece através do brincar e do brinquedo.

Outro aspecto, quanto às concepções defendidas nos estudos científicos no Brasil, se aporta na defesa da brinquedoteca e as relações do desenvolvimento motor ou psicomotor.

Rezende (2012) evocou a importância da liberdade ao brincar no espaço de brinquedoteca. Nesse sentido procura realizar a frequência das atividades motoras, dos processos de interações sociais e os tipos de brincadeiras das crianças entre 04 a 05 anos. Os resultados dos seus estudos apontam que nesta faixa etária às crianças realizam atividades manipulativas, ações locomotoras e ações de estabilidade. No entanto, sua conclusão aponta que nesta faixa etária não existe diversificação na escolha dos brinquedos. E, o tipo de brincadeira influencia a interação social, assim como, a escolha do brinquedo influencia o comportamento motor.

Ressaltamos que a promoção da liberdade dentro do espaço da brinquedoteca, contribui com aspectos determinados pela motricidade da criança,

que vai desde o deslocamento para escolha dos brinquedos, como na vivência da própria brincadeira. Enquanto espaço de interação social a brinquedoteca permite que as pessoas se relacionem no momento da vivência lúdica, desse modo, compreendemos que todo processo de criação da brinquedoteca está imbuído da concepção de integração entre seus participantes.

Luciana Batista de Oliveira (2010) não tratou especificamente sobre um estudo da brinquedoteca, mas realizou uma análise sobre as Políticas de Assistência Social e do processo de implantação dos Centros de Referências em Assistência Social (CRAS) que, por sua vez, possuem brinquedotecas para o atendimento de crianças e idosos em risco social, com atendimento por uma equipe multiprofissional da educação, assistência e saúde. No entanto, uma das fragilidades apresentadas infere tanto nos recursos estruturais, como na capacitação e formação continuada dos profissionais.

É importante refletir que as criações das brinquedotecas que atendem áreas carentes precisam ter um mínimo cuidado na manutenção e, no desenvolvimento contínuo do brincar por um brinquedista, que entenda sobre o assunto, para não incorrer na possibilidade, de nomear o espaço, como sendo de brinquedoteca, mas, não tendo, nem estrutura, nem organização e, nem a concepção que direcione as atividades lúdicas. Por fim, o assunto que trata sobre brinquedotecas, está sempre próximo a outros termos como: jogos, brinquedos, brincar e, brincadeiras, fazendo parte da vivência lúdica.

Estudos de pesquisas promovidos também por Santos (2014) realizou o levantamento dos trabalhos que, envolvem assuntos voltados à infância com estes termos especificamente. Os trabalhos publicados pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) entre 2008 a 2010, apesar de totalizarem 375 entre pôsteres, artigos e comunicação oral, somente 03 eram específicos no debate sobre a brinquedoteca. O levantamento realizado da autora é muito rico em detalhes e conceitos sobre o tema.

É interessante frisar após realizar a análise dos resumos das dissertações e teses que envolvem o termo brinquedoteca para construção do estado da arte, nos foi possível observar que a grande maioria de pesquisadores que escrevem sobre o tema, é do gênero feminino.

As concepções trazidas sobre este espaço, necessita de grandes produções científicas, no entanto é perceptível que a base educacional é a grande promotora

da defesa de existência dos espaços de brinquedoteca. Outras considerações estão aportadas aos aspectos de desenvolvimento, em sua maioria voltada somente a criança e ou adolescentes.

De todos os estudos, percebemos pouquíssima aplicabilidade aos idosos; e, os adultos somente aparecem na mediação do brincar para recuperação de traumas e, ou tratamentos.

Para finalizarmos o estado da arte, levantamos também, junto ao diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), às formações de grupos de pesquisa que tem a brinquedoteca como campo de fomento científico.

O levantamento possui somente cinco grupos cujo nome, linha de pesquisa ou palavras-chave envolve o termo Brinquedoteca. Todos da área de educação.

Dentre estes grupos de pesquisa encontramos:

a) **Brinquedoteca**, cuja instituição pertence à Universidade Anhembi Morumbi (UAM), que discute, e, elabora materiais pedagógicos, relacionado ao brincar e a aprendizagem, e, do brincar no contexto social, cultural e educativo.

b) **Educação e Saúde um encontro necessário**, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUC São Paulo, cujo objeto de investigação está voltado à atuação e intervenção em ambientes de aprendizagem envolvendo também a brinquedoteca hospitalar, ligado a linha de pesquisa que trata da atuação do pedagogo hospitalar e domiciliário.

c) **Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagogia em Movimento/GEPEM** da Universidade do Estado do Pará, através da linha de pesquisa Educação e Práticas Pedagógicas em Saúde que envolve os processos inerentes a pedagogia hospitalar por meio de classe e brinquedoteca hospitalar.

d) **Núcleo de Estudo, Pesquisa e Produção Científica e Didática – NEP/PCD** do Instituto Federal Goiano/ IF Goiano cuja linha de pesquisa trata do lúdico no processo de ensino-aprendizagem e se propõem investigar o potencial lúdico no ensino e na educação envolvendo a brinquedoteca como espaço pedagógico do brincar.

e) **Processos de ensino e aprendizagem na modalidade a distância a partir da implementação do laboratório/brinquedoteca**, da Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR tem por objetivo o estudo teóricos e práticos sobre a ludicidade com vista ao desenvolvimento profissional docente e da educação a

distância, diretamente defendido através da linha de pesquisa Processos de Ensino e Aprendizagem na Modalidade a Distância e Presencial.

Observamos que existe a necessidade de ampliarmos não somente os debates, mas também, os grupos de pesquisa que tratam sobre a Brinquedoteca, ou mesmo das linhas de pesquisa.

Percebe-se que as relações entrelaçadas da pesquisa estão consolidadas na compreensão da brinquedoteca enquanto espaço educacional, que favorece ao processo ensino e a aprendizagem. Isso nos leva a refletir sobre as possíveis visões direcionais no âmbito da brinquedoteca e, sua relação com a educação formal. No entanto, o que almejamos alcançar em nossa pesquisa é ampliar os debates para patamares de análises que envolvem os saberes culturais e lúdicos envolvidos neste espaço de liberdade e criação.

2.2. Breve contextualização histórica das brinquedotecas no mundo e no Brasil.

Algumas categorias fundamentais sobre, como surge e, o que é espaço de brinquedoteca? Quem são os brinquedistas? São necessários para avançarmos na reflexão sobre o conhecimento pretendido.

Muitas são as terminologias que tratam sobre esse espaço específico de brincar, entre elas temos: *Toy Loan* (Estados Unidos da América); *Toy Library* (Inglaterra); *Lekoteks* (Suécia); Brinquedotecas (Brasil). Estes termos designam a mesma intenção do espaço, que é o de favorecer o brincar inicialmente à criança, mas que ao longo dos séculos ampliaram suas redes de atendimento; de suas concepções e na forma de organizar seus espaços.

José Luiz Cunha (1996) afirma que o termo brinquedoteca é somente utilizado no Brasil e foi criado por Nylse Cunha, “que preferiu deixar como domínio público fazendo parte de nossa língua”⁴. Desse modo, durante nosso estudo utilizaremos o termo brinquedoteca.

⁴ José Luiz Cunha é diretor do Instituto Indianópolis proferiu o vídeo de abertura da 1ª Jornada Nacional de Brinquedoteca, evento realizado online entre os dias 21 a 24 de outubro de 2016. A palestra online foi restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianopolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. (vídeo) 21 a 24/10/2016.

A compreensão histórica do surgimento da brinquedoteca – como é designada no Brasil - está vinculada aos aspectos econômicos, sociais, culturais, educacionais e políticos de uma determinada época e espaço geográfico nos estados Unidos da América.

O marco de surgimento das brinquedotecas retrata os impactos de mudanças sociais e econômicas surgidos pela instabilidade financeira, conhecida como “a grande depressão” de 1929 que ocorreu nos Estados Unidos da América e, gerou impactos nos valores sociais. Para Hobsbawn (1994, p.99) “Mais especificamente, a Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado”. Considerando o fator econômico da época, milhares de pessoas ficaram desempregadas, e tendo de reduzir os gastos com objetos considerados supérfluos, assim, compreendemos que os brinquedos não puderam ser adquiridos pela maioria de crianças que estavam nessas condições.

Segundo Brougère (2010) o brinquedo é um objeto que pode ser compreendido de duas maneiras, a primeira como suporte da brincadeira e a segunda como representação social. De acordo com Brougère (2010, p.67, grifo nosso)

O brinquedo é um objeto industrial ou artesanal, reconhecido como tal pelo consumidor potencial, em função de traços intrínsecos (aspecto, função) e do lugar que lhe é destinado no sistema social de distribuições dos objetos. Quer seja ou não utilizado numa situação de brincadeira, ele conserva seu caráter de brinquedo, e pela mesma razão é destinado às crianças (portanto vetor cultural e social) e que tal objetos são reconhecidos como **propriedade da criança**.

A representação social e simbólica do brinquedo para as crianças pode ter promovido sua aquisição de modo fortuito, o que nos leva a refletir em como as relações do capital tem impacto nas bases sociais e morais da sociedade, pois, a impossibilidade de aquisição do brinquedo, pela ausência dos patamares do sistema monetário da época, fez com que as crianças achassem um meio para possuir sua fonte de desejo – o brinquedo -; mesmo que isso significasse adquiri-lo sem que pagassem por ele. Assim, a relação da criança com o brinquedo são reflexos da cultura social no seu tempo histórico.

Segundo Friedmann (1992, p.38)

[...] o dono de uma loja de brinquedos queixou-se ao diretor da Escola Municipal, de que as crianças estavam roubando brinquedos; o diretor chegou à conclusão que isto estava acontecendo porque as crianças não tinham com que brincar. Iniciou então um serviço de empréstimo de brinquedos como um recurso comunitário. Este serviço existe até hoje e é chamado *Los Angeles Toy Loan*.

O diretor da escola teve uma ideia de organizar um sistema de empréstimo de brinquedos arrecadados com o apoio de empresários, comerciantes, ativistas e cidadãos, evitando que aquelas crianças se transformassem em delinquentes. Este fator desencadeou a criação da *Toy Loan*, em 1934, como primeiro serviço de empréstimo de brinquedos. Por meio do brincar e da prática de empréstimo e de devolução de brinquedos poderia promover nas crianças, a responsabilidade, a cooperação e a conduta moral. Compreende-se a *Toy Loan*, portanto como uma biblioteca de brinquedos.

Moore (1995) em sua defesa de Mestrado sobre A História das Brinquedotecas esclarece que a brinquedoteca surge como projeto social de serviço comunitário para as crianças terem acesso ao brinquedo e ao direito de brincar.

A autora reconhece que a *Toy Library de Los Angeles*, é reconhecidamente a primeira biblioteca de empréstimo de brinquedos mais antiga do mundo, surgida em 1935. E cita Jane Donelson envolvida no programa a mais de 35 anos que afirma “Sua formação começou no verão de 1934 durante a Grande Depressão – o pior momento econômico da história dos EUA”. (MOORE,1995, p.6)

Moore (1995) retrata que o gerente de uma loja de 10 centavos no Sudoeste de Los Angeles percebeu que meninos entre 8 a 9 anos estavam usando brinquedos ou materiais para construir brinquedos, alguns desses materiais se transformavam em rodas de carros de madeira. O gerente da loja conseguiu capturar as crianças e levá-las ao Departamento Policial, a investigação revelou que “aquelas crianças” não eram vadias. O gerente da loja juntamente com o oficial de liberdade condicional procurou o conselho da Sra. Gertrude Peddie, diretora da escola onde os meninos estudavam, os quais possuíam bons registros. E ela explicou-lhes: “Essas são boas crianças de boas casas, mas por causa da depressão seus pais são incapazes de fornecer brinquedos que são básicos para suas necessidades e para o seu desenvolvimento”. (MOORE, 1995, p.6)

A compreensão do brinquedo como necessidade básica para o desenvolvimento livre e criativo da criança era reconhecido pela educadora, por isso,

e com a preocupação para que aquelas crianças não se tornassem em delinquentes em virtude da falta de brinquedos para brincar, a diretora em conjunto com o gerente da loja e, do oficial de liberdade condicional pensaram em um plano que não exigiria fundos, partindo da mesma ação que a biblioteca funcionava quanto ao empréstimo de livros, eles o faziam com os brinquedos.

O programa registraria o empréstimo de brinquedo semanalmente e as crianças seriam classificadas de acordo com o cuidado e responsabilidade de cada brinquedo emprestado. Se o brinquedo fosse devolvido no prazo, limpo e em bom estado, a criança recebia uma marca satisfatória no cartão de empréstimo. “Depois de 20 boas notas teriam o status de Honra Mutuário e ganhariam um presente de sua escolha do Gabinete de Honra que seria sua”. (MOORE, 1995, p.6)

O programa foi planejado em um nível de interesse da criança e com o Código de Honra e Componente Incentivo, resultando em uma maneira eficaz para ensinar honestidade, responsabilidade, cortesia e integridade – todos traços de caráter maravilhoso que serviriam para a sua vida adulta. “Donelson continua: Presando de ajuda e apoio, eles apresentaram sua ideia ao Conselho de Coordenação do Sudoeste, grupo de empresários, comerciantes e ativistas integrados no bem-estar de sua comunidade. O grupo ficou intrigado com o plano e mobilizou seu apoio. Brinquedos foram coletados e reparados por voluntários em um espaço doado. A primeira biblioteca de brinquedos abriu em uma garagem perto do *playground the Manchester Park* em 06 de maio de 1935”. (MOORE, 1995, p. 7).

Percebe-se, na trajetória da criação internacional das bibliotecas de brinquedo a preocupação social - que para além de prevenir impactos no aumento de delinquência infanto-juvenil gerado pela situação econômica do país-, também é um plano educacional de manutenção de valores sociais tais como, responsabilidade, cooperação, integridade entre outros. Para que a ideia fundante dos empréstimos de brinquedos, desse certo, houve a necessidade de encontrar parceiros que pudessem dar apoio ao programa, daí entende-se a intersectorialidade entre o público, o privado e as redes de organizações não governamentais (voluntários) que possuíssem o compromisso com os aspectos sociais.

Para Moore (1995) dois momentos posteriores caracterizaram a expansão da atividade das bibliotecas de brinquedos, a primeira pela necessidade orçamentária gerada pela ampliação, pois era necessário haver no espaço, um diretor que supervisionaria todo o programa, além de espaços adicionais para guardar os brinquedos doados, e pagar uma transportadora para arrecadar os brinquedos. O programa das bibliotecas de brinquedos chegou ao conhecimento do então

presidente Franklin D. Roosevelt que apoiou colocando o programa sob os cuidados da *W.P.A (Works Projects Administrations)* – Administração de Projetos de Obras financiando-o.

Moore (1995) irá considerar o segundo momento a partir das dificuldades burocráticas encontradas no processo de florescimento da biblioteca de brinquedos, pois em 1942 o programa foi cancelado pelo *Federal Works Project* (Federal Projetos de Obras) e com ele cancelou-se o empréstimo de brinquedos. A ausência de dinheiro não era tudo – pois não tinham trabalhadores para dar continuidade ao empréstimo de brinquedos. Foi então que um administrador do Hospital Geral sugeriu a participação de pacientes de bem-estar para participar do programa. E, em poucas semanas, eles concertaram os brinquedos e jogos, casas de bonecas, lojas de madeira, loja de metal, brinquedos com rodas, com essa medida que aumentou a autoconfiança dos pacientes.

A biblioteca de brinquedos inicia então um duplo programa: um para as crianças e o outro para os adultos na sua reabilitação, pois estes eram treinados por professores do Distrito Escolar Unificado de Los Angeles para restauração de brinquedos deixando-os como se fossem novos.

Segundo Moore (1995) a estabilidade do programa de biblioteca de brinquedos nos EUA e seu florescimento possibilitaram a expansão de sua concepção para diferentes países no mundo todo.

Em termos cronológicos, possuímos referências a partir dos dados obtidos na tabela de Atkinson (2011, p.40-41) da inserção das brinquedotecas nos seguintes países e, seus respectivos anos de criação.

- Estados Unidos da América (1935);
- Dinamarca (1959);
- Suécia (1963);
- Finlândia, França e Reino Unido (1967);
- África do Sul (1968);
- Japão e Noruega (1969);
- Canadá (1970);
- Alemanha e Austrália (1971);
- Bélgica, Nova Zelândia e Suíça (1972);
- Croácia, Islândia (1976);

- Itália (1977);
- Zimbábue (1978);
- Espanha; Irlanda e Portugal (1979);
- Brasil (1981);
- Hong Kong e Índia (1982);
- Coreia (1983);
- Israel (1987);
- China (1988);
- Argentina e Grécia (1990);
- Rússia (1992)
- Estônia, Romênia e Hungria (1993).
- Lituânia (1994)
- Turquia (1999)
- Chipre (2004)

Outros países também possuem brinquedotecas, mas não foi possível determinar o ano de sua criação pelas fontes, são eles: México; Colômbia; Áustria; Chipre; Holanda; Malásia; Roma; Seicheles.

Após 82 anos desde o marco que deu início a sua criação, as brinquedotecas possuem diferentes tendências ou concepções, que são modificadas pela cultura local ou por suas funções.

Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira, atual diretora da ABBRI em 2016 expõe na I Jornada Nacional de Brinquedotecas que o contexto e a localidade das brinquedotecas são influenciados por diferentes tendências. O surgimento de brinquedotecas no mundo se constrói de acordo com os países, ou continentes, dinâmicas culturais, processos de socialização e de sua história.

Tendo-se uma proporção, somente no continente europeu, existem atualmente em média 6.500 brinquedotecas.

Para pensar a brinquedoteca Teixeira⁵ (2016) esclarece que existem três possibilidades de pensar esse espaço dinâmico e são elas: Os tipos de brinquedotecas que irão considerar as **faixas etárias**; o **contexto** no qual a brinquedoteca está inserida (hospitalar, escolar/universitária, pesquisa, terapêutica,

⁵ Palestra online restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianopolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. **Os tipos de brinquedotecas** (vídeo) 21 a 24/10/2016.

centros de esporte e lazer, etc.) e, a **operacionalização** que está voltada ao processo de funcionamento (ela é fixa, e móvel, é circulante, é itinerante). Todas as outras relações do ambiente e de materiais serão definidas a partir dessas características tipológicas.

A cultura e a época em seu tempo sócio histórico e as localizações geográficas, também influenciam, no modo ou processo de criação. Isso quer dizer que com o passar do tempo entre os séculos XX e XXI os espaços de brinquedoteca foram sofrendo adequações e transformações. Exemplificando, temos as brinquedotecas francesas que se voltam ao processo de ensino e aprendizagem da criança, o brincar e o ato de brincar assume um papel pedagógico; as brinquedotecas suecas que se voltam aos processos de inclusão, a diversidade de brinquedotecas brasileiras se volta as mais variadas opções entre a educação, inclusão, prevenção hospitalar entre outras.

A continuidade histórica da brinquedoteca após vinte e nove anos do início da *Toy Library* nos EUA, na Suécia, em Estocolmo no ano de 1963, desenvolveu de forma mais efetiva a expansão da ideia de empréstimos de brinquedos. Este processo ocorreu segundo Friedmann (1992), a partir da ideia de duas professoras com filhos excepcionais que fundaram a *Lekotek*.

A ideia original foi mantida correspondendo a empréstimos de brinquedos, no entanto, inovaram no sentido de que as famílias eram orientadas nas possibilidades do brincar com seus filhos, no sentido de melhorar os estímulos as necessidades especiais que possuíam.

As *lekoteks* ou ludotecas, termo traduzido para o dialeto português, possuem funcionamento diferenciado, visto atuarem semelhantemente as clínicas, com consultas marcadas antecipadamente. “O atendimento é individualizado e mantido com o suporte do Ministério da Saúde e Bem-Estar Social”. (FRIEDMANN, 1992, p. 39). Por tratar-se de aspectos indicadores de estímulo e desenvolvimento da criança, o compromisso dos pais, e as demandas sociais compreendem a necessidade de acompanhamento para melhoria dos aspectos de saúde da criança sueca. Para isso, a brinquedoteca, não se caracteriza somente pelos empréstimos de brinquedos, mas vai além, volta-se também ao atendimento terapêutico, relacionado ao poder público, ou privado.

Friedmann (1992) esclarece ainda, que do ponto de vista filosófico do trabalho desenvolvido pelas *lekoteks*, as crianças aprendem através do brincar e, pela

brincadeira. Para isso há de investir no provimento de brinquedos adequados a cada necessidade apresentada pela criança. Um dado importante é o investimento social, ocorrido através do acompanhamento pela assistência social, visto que na impossibilidade de a criança ser deslocada ao espaço da *lekoteks*, as assistentes levam os brinquedos à sua casa dando continuidade ao trabalho e aos estímulos iniciados.

Internacionalmente vê-se a perspectiva da criação do espaço de ludotecas com prerrogativas de desenvolvimento e estímulos a limitações que as crianças excepcionais possuíam. E, também na preocupação da integração e interação familiar, além do processo de educação aos familiares para dar a continuidade de estímulos através dos brinquedos em suas próprias residenciais.

Na Inglaterra, aponta-se para a existência das *Toys Libraries* a partir de 1967, o sentido de bibliotecas de brinquedos, propõe o acesso de brinquedos dado ao público.

A propagação e importância da existência destes espaços e, do favorecimento do brincar da criança toma maior proporção no I Congresso Internacional, realizado em 1976. Após esta data as organizações ampliam os debates sobre o tema.

Segundo Friedmann (1992, p. 39)

O trabalho, que era inicialmente só de empréstimo de brinquedos, foi se tornando mais abrangente. Em 1987, no Congresso Internacional de *Toy Libraries* (Biblioteca de Brinquedos) visto que muitas outras finalidades foram sendo encontradas no trabalho desenvolvido pelas *Toy Libraries*, tais como o apoio às famílias, orientação educacional e de saúde mental, estimulação precoce, estímulo à sociabilização e resgate da cultura lúdica de cada povo.

A possibilidade de ampliar os debates em uma conferência internacional fortaleceu a defesa do brincar nos espaços de brinquedotecas e sua propagação no mundo. Cada povo, e, nação possuem aspectos distintos no trato das brinquedotecas. Em sua maioria as nações economicamente estáveis, e, com investimentos nas áreas de educação, saúde e bem-estar social, possibilitam o acesso, e, empréstimos de brinquedos, além de favorecer atendimentos terapêuticos e de acompanhamentos domiciliares.

A perspectiva indicava também para a necessidade de resgatar a cultura lúdica dos países reconhecendo a importância da ludicidade para o desenvolvimento

cognitivo da pessoa e das relações interpessoais que ocorrem através da convivência durante o brincar. As brinquedotecas entre o século XX e XXI vêm se transformando.

Segundo Cunha (2007) foram realizadas diversas Conferências Internacionais das *Toys Libraries* que defendiam a expansão de debates sobre o direito da criança ao brincar e ao brincar se espalhou no mundo.

Com início em 1978, as conferências ocorrem de três em três anos, para novos debates. Segundo os dados obtidos no site da International Toy Library Association (ITLA) cujo endereço eletrônico é www.itla-toylibraries.org temos a sequência cronológica abaixo:

- 1ª- Reino Unido (1978);
- 2ª- Suécia (1981);
- 3ª- Bélgica (1984)
- 4ª- Canadá (1987)
- 5ª- Itália (1990)
- 6ª- Austrália (1993)
- 7ª- Suíça (1996)
- 8ª- Japão (1999)
- 10ª- Portugal (2002)
- 11ª- França (2008)
- 12ª- Brasil (2011)
- 13ª- Coreia (2014)
- 14ª- Previsão para ocorrer na Holanda (2017)

Cunha (2007) afirma que, durante a IV Conferência Internacional de Toy Libraries, em Toronto no Canadá, foi pensada, discutida e articulada a necessidade de haver um órgão que pudesse alinhar as discussões acerca das brinquedotecas no mundo. Assim, no dia 28 de maio de 1987, foi tomada a decisão da criação de uma instituição internacional de brinquedotecas denominada de ITLA (*International Toy Library Association*).

A ITLA somente foi criada oficialmente na V Conferência, em Turim na Itália e foi registrada sob a lei belga, que rege a criação de organizações internacionais sem fins lucrativos. Seus membros são compostos por Associações Nacionais de

Brinquedotecas ou, de Brinquedotecas Individuais ou Brinquedistas Independentes que apoiam os objetivos da organização e, sejam filiados ao ITLA.

O Conselho de Administração da Associação Internacional é eleito em Assembleia a cada três anos e geralmente respeitam a distribuição geográfica do mundo, para que possam fortalecer suas bases nos cinco continentes.

A sua estrutura organizacional tem o fim de construir uma rede de ligações entre as brinquedotecas do mundo. E, prevê o fornecimento de recursos para os jogos e treinamentos específicos das equipes que atuam nos espaços de brinquedotecas.

Suas bases teóricas fundamentais perpassam pela compreensão do jogo, do brincar e, do brinquedo, vistas como centros das atividades e, alicerces para a garantia dos direitos das crianças.

“A brinquedoteca, serve a todos as pessoas sem distinção de língua, nacionalidade, raça, idade, sexo, deficiência ou religião”⁶ (site da ITLA, 2015). Assim, a brinquedoteca é compreendida como um espaço de proposição a vivência lúdica enquanto recurso aberto e acessível à comunidade e ao público.

A sua natureza, visão e missão estão comprometidas na acreditação de que as atividades lúdicas (jogo, brinquedo, brincar) são essenciais à promoção ideal de bem-estar e, ao desenvolvimento do ser humano tendo em vista os fatores educacionais; físicos; psicológicos; sociais e cultural.

A afirmativa que "cada comunidade no mundo deve ter acesso a brinquedotecas que contribuem para o bem-estar de todos" (site da ITLA, 2015) consolida seu pensamento.

Os debates e importância da ITLA e das conferências internacionais, tem contribuído para transformações dos pensamentos sobre a importância do brincar, do jogo e do brinquedo, mas, ainda há muito a ser alcançado nos debates e, saberes que envolvem as diferentes nações. Abaixo selecionamos alguns dos objetivos da ITLA retirados do trecho da sua constituição a partir dos artigos III e IV, novembro de 1990.

Nestes termos, a ITLA procura fortalecer os elos de debates sobre a brinquedoteca através da:

a) Disseminação da compreensão e de conceitos sobre as brinquedotecas enquanto meio de interposições do jogo e do jogar, dos materiais e das pessoas;

⁶ International Toy Library Association. Site www.itla-toylibraries.org

- b) Promoção do elo entre as organizações/associações nacionais de brinquedotecas, oportunizando o intercâmbio internacionais de ideias e materiais construídos a partir das experiências no espaço lúdico.
- c) Estabelecer a rede de comunicação e diálogo permanente entre a organização e outras associações que trabalham com o desenvolvimento das questões sociais; de saúde; educação e lazer.
- d) Promoção e desenvolvimento, produção e criação de brinquedos e jogos com fins ao crescimento educacional, físico, psicológico, social e, cultural. Afim de divulgar o acesso e informações sobre os brinquedos e os acessos a ele.
- e) Organizações de eventos e, conferências internacionais, periódicos dedicados à discussão de vários aspectos ligados ao Jogo, Brinquedos e Interações Lúdicas.⁷ (site da ITLA, 2005)

A existência de uma Associação Internacional de Brinquedotecas tem favorecido a ampliação de debates sobre as questões pertinentes ao jogo, ao brincar e ao brinquedo, principalmente nas reflexões acerca da acessibilidade as crianças.

As redes de pessoas que fazem parte da organização enfrentam, em alguns países, dificuldades econômicas para registrar sua associação como pessoa jurídica, mas, mesmo nas diversidades tem se constituído enquanto movimento social, que validam os debates sobre o direito do brincar da criança e constroem suas próprias histórias.

A ideia de ampliação de espaços do brincar - toy library, ludotekas, brinquedoteca -, é lançada internacionalmente pela UNESCO em 1960. Este processo ideológico alcança a América Latina na década de 70.

Cunha (1992, p. 44) esclarece que “em 1971 por ocasião da inauguração do Centro de Habilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE – de São Paulo, foi realizada uma grande exposição de brinquedos pedagógicos”. A intensão desta exposição de brinquedos era dar acesso a pais, professores e estudantes o que havia a disposição de materiais específico que estavam adequados às necessidades especiais da criança. Isto ocorreu para favorecer a procura e oferta do mercado desses brinquedos específicos. Essa exposição foi transformada posteriormente em um Setor de Recursos Pedagógicos da APAE e em 1973 implantou o Sistema de Rodízio de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, a qual foi chamada de Ludoteca. Todos os acervos foram centralizados e utilizados através de um sistema circulante.

Cunha (1992) afirma que a ludoteca da APAE possibilitou a valorização do uso de brinquedos e obteve um maior interesse de diferentes profissionais que a

⁷ Site da ITLA. Acesso: www.itla-toylibraries.org

visitavam, no entanto ainda havia muitas dificuldades sobre a acreditação da importância do brinquedo para a criança. Foi então que ocorreu o Congresso Internacional de Pediatria realizado em 1974, em São Paulo, tendo como palestrantes uma equipe de pediatras da Suécia com apresentação de um tema sobre a importância do brinquedo na recuperação de crianças. Isto promoveu a valorização do Setor de Recursos Pedagógicos da APAE – a ludoteca.

Da experiência ocorrida na APAE, em 1978, realizou-se uma feira de brinquedos de sucata que culminou em duas obras literárias publicadas pelo Ministério de Educação e Cultura – Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), em 1981. No mesmo ano, este livro foi apresentado no II Congresso Internacional de Brinquedotecas (Toy Libraries Internacional Conference), realizado em Estocolmo.

Historicamente no Brasil, em 1981, surge a criação da Primeira Brinquedoteca Brasileira na Escola Indianópolis, em São Paulo, voltado para o ato de brincar, atendendo diretamente às crianças, sendo sua precursora a Professora Nylse Helena da Silva Cunha.

Cunha (1992) ainda nos relata que sua motivação para a criação da brinquedoteca, surgiu a partir do estímulo de sua participação no Congresso. Foi aberta enquanto espaço para que as crianças brincassem livremente.

Nylse Cunha contou com o apoio voluntário de Maria Júlia Knovak, e Stela Rivas Teixeira ambas do Instituto de Psicologia da USP. A brinquedoteca de Indianópolis contou com os recursos orçamentários pessoais, e em alguns momentos contaram também com o apoio de alguns fabricantes de brinquedos.

O paradigma no qual a brinquedoteca brasileira se inspira ainda é mais sentido do que conscientizado. Um paradigma é muito mais do que uma teoria, pois implica uma forma de contemplar fenômenos, chegando quase a ser uma estrutura que *gera* teorias, produzindo pensamentos e explicações; é representado por um novo sistema de *aprender a aprender*” (CUNHA, 1997, p. 44)

A brinquedoteca no Brasil cultiva a possibilidade de brincar em um espaço de convivência e liberdade. A mudança do paradigma instituído através do empréstimo de brinquedos –Toy Library –, para outro, onde a possibilidade de brincar no aqui e agora é fluente – Brinquedoteca –, se constitui no elemento sentido que gera significados representativos para a criança e para o adulto.

Um aspecto leva a possibilidade de acesso dimensionado pela educação de valores implícitos, uma apropriação mesmo que temporária. Outro aspecto leva a vivência, a prática real de coexistir em um mundo integrado pela imaginação, fantasia e prazer – na ação do brincar. Essa diferença cultural criada e sentida na brinquedoteca mostra a dinâmica de transformações das concepções deste espaço especificamente brasileiro.

Brinquedoteca é o espaço para brincar. Não é preciso acrescentar mais objetivos, é preciso valorizar **a ação da criança que brinca, é preciso transcender o visível e pressentir a seriedade do fenômeno**. Se as relações entre os brinquedistas e as crianças forem corretas, se tiverem a dimensão que podem e devem ter, resultados surpreendentes irão acontecer. (CUNHA, 1997, p.21, grifo nosso)

A terminologia brinquedoteca criada por Nylse Cunha foi culturalmente aceita e amplamente divulgada na linguagem brasileira dentro de padrões que evocam o ato de brincar propriamente dito, distinto da concepção americana de empréstimo de brinquedos. O brincar então é um fenômeno visível e transcendental trazendo inúmeras possibilidades de saberes e aprendizagem que ocorrem de modo espontâneo e prazeroso.

O Brasil inicia através da Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBRI) o debate sobre a importância dos espaços de brinquedoteca com vista à garantia ao direito do brincar das crianças. Criada desde 1984 tem sido responsável pelo crescimento da preocupação com o brinquedo e com as brincadeiras, no âmbito das brinquedotecas, por todo o Brasil.

Sendo atualmente o Brasil o país com maior número de brinquedotecas implantadas, muitas registradas e supervisionadas pela ABB e outras instituições. Atualmente, existe uma nova proposta da ABB que é de regionalizar as brinquedotecas para melhor acompanhar o surgimento no Brasil. Muitas organizações nacionais e internacionais, governamentais e não governamentais vêm incentivando a criação das brinquedotecas em diversos países como Flalu, ABB, Abring, IPA, LBV, Omep, Itla, Unicef, Fundação Samuel etc. (ALMEIDA, 2011, p.137)

A criação da ABBRI se deu pela grande demanda, enquanto movimento crescente na década de 70, de debates e implantações de brinquedotecas no Brasil, quer seja na montagem que envolve a concepção, a organização, a seleção dos brinquedos e na formação dos brinquedistas.

A ABBRI é a única representante legal no Brasil junto ao ITLA e mantém enquanto associação filantrópica o caráter cultural e educacional.

Alguns dos objetivos que estão contidos na ABBri apesar de correlacionados aos da ITLA, mantem objetivos próprios em virtude da adequação da diversidade cultural existente no Brasil, entre eles encontramos a preocupação em divulgar em solo nacional o conceito de brinquedoteca; evidenciar a importância do brincar e das atividades lúdicas na infância; fornecer informações e subsídios necessários a montagem da brinquedoteca; promover cursos para a conscientização valorativo dos brinquedos para o desenvolvimento infantil, preparam os profissionais especializados, assim como, orientam os pais e familiares para o uso dos brinquedos enquanto estímulo necessário ao desenvolvimento da criança; elaborar projetos que possibilitem o acesso do brincar a todas as crianças e, defender o direito das crianças a uma infância saudável e digna.

É possível compreender que as propostas lançadas pela ABBRI têm contribuído com a mudança do pensamento sobre a importância do brincar voltado à infância, entretanto com a ampliação dos olhares e diversidade nas discussões sobre a saúde, no Brasil, existem brinquedotecas que tem ampliado o atendimento não somente à infância, mas também a jovens e idosos.

Oliveira (2010, p.7) afirma que “Diferentes formas de compreender, planejar e, por em prática uma brinquedoteca estão em curso. Os ambientes se diversificam e multiplicam”. Muitos espaços onde a brincadeira era historicamente reprimida, atualmente se tornam espaços de possibilidades ao lúdico.

No Brasil a lei n.º 11.104 de 21 de março de 2005 dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Nesse caso, os hospitais passaram por força da lei a valorizar aspectos de humanização e, possuem políticas específicas de implantação de brinquedoteca para atendimento de crianças e adolescentes internados, e através desses espaços existe todo um projeto de tratamento terapêutico, de consciência da própria doença e, das possibilidades de supera-las ou aceita-las.

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no **caput** deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em **regime de internação**.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Art. 3º A inobservância do disposto no art. 1º desta Lei configura infração à legislação sanitária federal e sujeita seus infratores às penalidades previstas no inciso II do art. 10 da Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor 180 (cento e oitenta) dias após a data de sua publicação

Brasília, 21 de março de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Tarso Genro
Humberto Sérgio Costa Lima

A lei 11.104 é um avanço para o Brasil na área da saúde, pois alia a compreensão da importância do brincar, não somente para as crianças, mas para a convivência familiar ou dos adultos que acompanham as crianças.

Todavia, é omissa quanto aos profissionais que ali devam atuar. Assim, é comum se encontrar em brinquedotecas hospitalares profissionais habilitados em pedagogia, fisioterapia e ou terapeutas ocupacionais, os quais nem sempre possuem formação ou curso específico de brinquedistas.

Existem fragilidades nos debates ao se tratar da formação de brinquedistas, mesmo, hospitalar. Eis que, um espaço de brinquedoteca deve ser planejado e organizado a luz dos debates internacionais e nacionais sobre o tema, no entanto, ressalta-se que em alguns espaços de internação pediátrica, o que se encontra são espaços de brinquedos e não uma brinquedoteca, isso possivelmente ocorre pela ausência de fiscalização e, ou devido ausência de compreensão efetiva do que é realmente esse espaço.

Ao tratarmos dos processos históricos da ascensão das brinquedotecas na região norte do país - especificamente em Belém do Pará -, esclarecemos que não existem bibliografias lançadas para historiar seus surgimentos.

Resumidamente antecipamos que mesmo sem uma data precisa a primeira brinquedoteca aquática surge na Escola de Natação Peixinho Dourado entre as décadas de 80 e 90. Esta brinquedoteca tinha por princípio desenvolver através do brincar as possibilidades psicomotoras das crianças para a aquisição da natação.

Com a ampla difusão das ideias sobre brinquedotecas e a importância do brincar para crianças em Belém na década de 90 foi criada a primeira brinquedoteca pública em Belém do Pará localizada na Biblioteca Arthur Viana do CENTUR.

Posteriormente vieram surgindo outras brinquedotecas no século XXI, onde o tema se expande em nosso estado, e apesar de não estarem registrados na ABBRI, possuem sua estrutura e atividades montadas. São elas; Brinquedoteca do Hospital Ophyr Loyola; Brinquedoteca da Santa Casa (Primeira brinquedoteca Hospitalar Registrada em Belém/PA); Brinquedoteca do Planetário da Universidade do Estado do Pará/UEPA; Fabrica de Brincadeiras; Brinquedoteca Carlos Coimbra da UEPA (2013); Brinquedoteca da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA); Brinquedoteca do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura do Corpo, Educação, Arte e Lazer (LACOR) da Universidade Federal do Pará, Brinquedoteca do Hospital Municipal de Tucuruí, Brinquedoteca do Bosque Rodrigues Alves, entre muitas outras brinquedotecas escolares existentes.

Algumas brinquedotecas estão cadastradas no site da ABBRI. Entre elas temos:

- Brinquedoteca Prof. Leila Freira da Faculdade da Amazônia (FAMAZ)
- Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Viana (CENTUR, que desde 2015 passa a compor a Fundação Cultural do Estado do Pará) e foi inaugurada desde 1991.
- Brinquedoteca Arte de Educar Brincando
- Brinquedoteca Faz de Conta
- Brinquedoteca Joana d'Árc (Curso de Educação Física/UEPA) inaugurada em 2003
- Brinquedoteca da UEES Yolanda Martins e Silva
- Brinquedoteca da Escola Municipal Rita Nery
- Fábrica de Brincadeiras
- Brinquedoteca da Faculdade Ideal (FACI)
- Espaço Curumim Brinquedoteca Hospitalar do Hospital de Clínicas
- Estação Alegria
- Brinquedoteca do Hospital Municipal de Marabá
- Brinquedoteca Sonho de Criança (Colégio São Paulo)
- Tutores Kids
- Brinquedoteca da Universidade da Amazônia (UNAMA)

Compreendemos a existência de múltiplos tipos de brinquedotecas no Estado do Pará que estão voltadas a diferentes atendimentos. Apontamos em nosso estudo a necessidade imprescindível de pesquisas específicas que possam promover o levantamento das memórias do surgimento das brinquedotecas em Belém, e posteriormente nos diferentes municípios existente no Estado do Pará para que possamos mapear a construção histórica desse movimento cultural da brinquedoteca na Amazônia paraense, no entanto, não é esse o nosso objetivo nesse estudo.

Construímos uma subseção específica, na presente pesquisa, que trata dos aspectos históricos culturais da criação e motivação de algumas das brinquedotecas públicas existentes, incluindo a primeira brinquedoteca pública de Belém do Pará para isso nos valem da narrativa oral.

Consideramos que este breve processo histórico possibilite ampliarmos o olhar sobre o espaço brinquedoteca, auxiliando na compreensão fluida do momento de sua criação e os aspetos intervenientes que ajudaram a construir e difundir a ideia central da importância de um espaço de usufruir o brinquedo e o brincar.

2.3. A narrativa oral e a incursão histórica cultural de algumas brinquedotecas públicas no Pará.

Entre a década de 70 e o início do segundo milênio a difusão e debates sobre as brinquedotecas no Brasil ganham espaço na sociedade. No estado do Pará as primeiras brinquedotecas são construídas ainda na década de 90. Todavia, não existem registros bibliográficos sobre o processo histórico onde pudéssemos fundamentar nosso estudo de pesquisa, mas, oportunamente pudemos contatar com os sujeitos sociais que iniciaram esse percurso ou estiveram como sujeitos fomentadores nos processos que permitiram a criação de algumas das brinquedotecas públicas em Belém do Pará.

Para Burke (2012) somente recentemente os historiadores tem dado atenção a História Oral. Para sistematizarmos as memórias trazidas pelos sujeitos que contribuíram parcialmente para a construção e criação de algumas das brinquedotecas públicas em Belém do Pará, nos valem da narrativa oral.

As narrativas orais contribuíram para compreendermos, mesmo que de modo global, a inserção histórico-cultural ocorrida entre a década de 90 e início do segundo milênio das brinquedotecas públicas na cidade de Belém no Estado do Pará.

Apesar de não ser o objeto da pesquisa, tal levantamento nos permite relacionar os discursos dos brinquedistas a partir de contextos com elementos histórico-culturais que motivaram a criação e institucionalização das brinquedotecas públicas em Belém do Pará. Além de alcançar o objetivo específico de levantar informações sobre as motivações que deram início ao processo histórico-cultural de criação, institucionalização e inserção de três brinquedotecas públicas existentes em Belém do Pará, entre as décadas de 90 e o início do segundo milênio. São elas:

- a) Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Vianna – FCP;
- b) Brinquedoteca Joana d'Árc – UEPA;
- c) Brinquedoteca do bosque Rodrigues Alves – SEMMA

Os narradores contribuíram com informações sobre a existência dos projetos de criação, o ano de criação, as motivações, quem foram os pioneiros para a criação, a atual composição das brinquedotecas, seu intencionalidade junto ao público, como funciona suas atividades, entre outras questões que surgiram nas narrativas.

As narrativas na íntegra se encontram no arquivo pessoal da pesquisadora. Utilizamos no corpo do texto recortes das narrativas.

Os narradores foram escolhidos por sua capacidade de expressar, assim como pelo seu conhecimento sobre as brinquedotecas que atuam ou atuaram, tornando possível trazer à tona peculiaridades específicas para descortinar e problematizar a dinâmica histórico-cultural e social das brinquedotecas em questão.

Para Khoury (2001) a história-cultural é construída pelos sujeitos sociais que compartilham suas experiências. Desse modo, não surgem abstratamente ou conceitualmente isolados, pelo contrário, surgem como pessoas vivas que constroem a história e a cultura cujas experiências estão imbricadas entre o individual e o social.

As narrativas permitiram trazer a compreensão de algumas das relações sociais e mudanças históricas ocorridas, inclusive clarificando algumas informações de elementos constitutivos das práticas vivenciadas no espaço de brinquedotecas públicas no Pará.

A narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopeia, **história**, notícias, **conversação**. Além disso, sob está quase infinita diversidade de formas, a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. Não se importando com a boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida. (BARTHES⁸, 1993 *apud* JOVCHELOVITCH & BAUER, 2007, p. 91, grifo nosso).

A existência da narrativa está em todo espaço, tempo e pessoa. Para Jovchelovitch & Bauer (2007) existe no ser humano a necessidade de contar e se comunicar. E através das narrativas podem lembrar acontecimentos, ao mesmo tempo em que colocam suas experiências em sequências e as explicam construindo a vida social e individual.

Deste modo, compreender uma narrativa não é apenas seguir a sequência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias: é também reconhecer sua dimensão não cronológica, expressa pelas funções e sentidos. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2007, p.93)

As narrativas apresentam as representações e sentidos dados pelo orador que traz à luz sobre as experiências vivenciadas em suas funções, por isso a relação pode ser cronológica ou não, pois ao mesmo tempo em que relata um determinado fato passado podendo dar sentido do enredo no presente. Nesse sentido o enredo é de extrema importância para a constituição da narrativa, dando-lhe sentido e permeando toda a história.

Para a constituição deste processo sistematizado é importante a realização da entrevista narrativa pois através dela possibilita o encorajamento e ou o estímulo do informante em contar a história. O processo para a coleta de dados foi realizado em quatro fases proposto por Schütze⁹ (1977, *apud* JOVCHELOVITCH & BAUER, 2007, p.97):

⁸ BARTHES, R. (1993). *The Semiotic Challenge*. Oxford: Brasil Blackwell, p.95-135.

⁹ SCHÜTZE, F. (1977). Die Technik des Narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien – Dargestellt na Einem Projekt zur Erforschung von Kommunalen Machtstrukturen. Unpublished manuscript, Universty of Bielefeld, Departamento f Sociology.

Tabela 1 – Fases principais da entrevista narrativa.

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial de narração Emprego de auxílios tecnológicos
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento verbal para continuar com a narração Esperar os sinais de finalização (“cada”)
3. Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir contradições Não fazer perguntas do tipo “porque?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “porque” Fazer anotações imediatamente após a entrevista

Fonte: JOVCHELOVITCH. S. & BAUER. M.W. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 97.

As formulações das questões exmanentes estão no apêndice I ao final do trabalho.

Após a aplicação da entrevista narrativa e transcrição fizemos opção pela análise da entrevista narrativa a partir da proposta de Schütze (1977) *apud* Jovchelovitch & Bauer (2007) que propõe seis passos para apreciação.

1º Passo: Transcrição detalhada do material verbal;

2º Passo: Divisão do texto em material Indexado e não indexado;

3º Passo: Fazer uso de todos os materiais indexados do texto para ordenar os acontecimentos de cada dos indivíduos cujo produto Schütze (1977) chama de trajetória;

4º Passo: Análise do conhecimento

5º Passo: Agrupamento e comparação entre trajetórias individuais

6º Passo: Comparação de contexto e semelhanças estabelecidas, identificando as trajetórias coletivas.

A partir deste processo iniciamos o contato com os interpretes, que nos contextos dos espaços de brinquedotecas públicas de Belém do Pará foram referendados pelas coordenações das instituições como referências.

Para melhor compreensão do recorte no corpo do texto, especificamos seus intérpretes da seguinte forma:

Intérprete A – Brinquedoteca Joana d’Árc (Vera Lúcia da Costa Fernandes)

Intérprete B – Brinquedoteca Arthur Vianna (Maiolina Nascimento Neves).
Intérprete C – Brinquedista do Bosque Rodrigues Alves (Rosangela Silva).

2.3.1. A narrativa histórica da Brinquedoteca Joana d'Árc.

A narrativa da constituição e motivação que deu início a construção da brinquedoteca Joana d'Arc que se instala dentro do campus universitário do Curso de Educação Física tem dois momentos específicos de criação. O primeiro na sua estrutura física e ideologia de funcionamento que ocorre entre os anos de 2000 a 2003 ano de sua inauguração, e outro entre o ano de 2008 e está ainda em processo enquanto Laboratório de Atividades e Pesquisas Lúdicas da Amazônia Paraense enquanto projeto de extensão universitária, e tem como informante a Professora Vera Lúcia da Costa Fernandes idealizadora da brinquedoteca. A narrativa foi coletada em uma residência situada na Rua dos Mundurucus N.º 4217 no Bairro do Guamá em Belém do Pará no dia 16 de novembro de 2016.

Tem um projeto de criação e outro projeto de institucionalização. O primeiro foi criado pela professora Vera Lúcia da Costa Fernandes e a outra pela atual coordenadora da brinquedoteca Ana Cristina de Oliveira que ressignifica as atividades da brinquedoteca para Laboratório de Atividades e Pesquisa Lúdica na Amazônia Paraense: Brinquedoteca Joana d'Árc (FERNANDES¹⁰, 2016)

O nome da brinquedoteca foi pensado em homenagem a professora da cadeira de Recreação desde 1972 e que é historicamente a multiplicadora desses saberes acadêmicos em Belém do Pará desde a década de 60. Segundo Fernandes (2015) “Existe uma aproximação da brinquedoteca com as disciplinas do Curso de Educação Física principalmente com as disciplinas Fundamentos e Jogos e Lazer”.

O contexto que promove a criação da brinquedoteca Joana d'Árc ocorre a partir do diálogo existente entre os conhecimentos advindos das disciplinas Recreação existentes na grade curricular desde 1970 a 1998, e posteriormente irá aparecer dentro do conhecimento da disciplina Fundamentos e Métodos do Jogo e Fundamentos do Lazer I e II. Nesse contexto do curso de educação física a pesquisa de campo da disciplina entra em contato com o universo das brinquedotecas existentes no Pará. Compreendendo que as disciplinas possuem um

¹⁰ Docente em processo de aposentadoria pela UEPA, atuou em disciplinas na área do Jogo e Lazer e foi a mentora da estrutura e do projeto inicial da Brinquedoteca Joana d'ÁRC.

contexto prático e teórico o evento ocorrido proporcionou a ideia de criação de uma brinquedoteca dentro do Curso de Educação Física em estreita direção com o eixo da extensão universitária. Para Fernandes (2016) “A brinquedoteca surge inicialmente como projeto de extensão, assim, ela atenderia as crianças que praticam modalidades, assim como a convivência, entre os pais ou responsáveis ociosos que ficam esperando as crianças”.

A ação docente na vivência de disciplinas universitárias podem promover relações que trazem impactos sociais favoráveis. Nesse caso como o Curso de Educação física possui convênios com o Núcleo de Esporte e Lazer/ NEL/Secretaria de Educação do Para/SEDUC na oferta de modalidades esportivas. Ocorreu a releitura da professora Vera no sentido de pensar um espaço de convivência, não somente para a criança, mas para os jovens e adultos que transitam dentro do curso.

A intenção da brinquedoteca universitária era de possibilitar que este espaço também estivesse alicerçado no tripé ensino-pesquisa e extensão indissociáveis. No entanto algumas barreiras foram encontradas para que isso se efetivasse dentro da brinquedoteca, em virtude das relações burocráticas trazidas pela instituição, dentre essas barreiras houve a dificuldade de lotação de recursos humanos preparados para atuar no espaço; manutenção; e a dificuldade de trazer um espaço social que oportunizasse o desenvolvimento humano através do brincar sem que estivesse atrelado aos dados estatísticos.

Conforme informa Fernandes (2016) “Ela foi inaugurada em 2003. Mesmo sem atender as questões solicitadas no projeto de criação. Mas como tinha havido investimento financeiro, precisava ser inaugurada”.

O ano de criação da brinquedoteca Joana d’Arc ocorreu em 2003. Na presença do professor Milton Mateus e da Professora Joana d’Arc. O contexto que leva a inauguração da brinquedoteca se acelera em virtude das necessidades institucionais em apresentar resultados, mesmo que, não esteja em acordo com o princípio gerador das brinquedotecas. Como a brinquedoteca Joana d’Arc é pública deve prestar conta de suas ações e atividades administrativamente.

Na relação de participantes para a construção do projeto final a informante narra que

(...) do primeiro projeto que eu saiba participou eu, com uma proposta de compor uma equipe de multiprofissionais que estudam o tema na

Universidade. Mas as outras apesar de convidadas não compareceram Prof.^a Dr.^a Patrícia de Araújo (Educação Física); Prof.^a Dr.^a Lucília Mattos (Educação Física); Prof.^a Esp. Cláudia Marcia Lima da Costa (Terapia Ocupacional); Prof.^a Ms. Sônia Claudia Almeida Pinto (Terapia Ocupacional), só uma, mas não lembro o nome. Mas quem finalizou o projeto foi eu, e com o apoio da coordenação que na época era o professor Matheus. (FERNANDES, 2016)

A necessidade de articulação profissional dentro da universidade nem sempre tem a possibilidade de os pares estarem articulados entre si. E mesmo sendo chamado toda equipe de profissionais pesquisadores sobre o tema brinquedoteca, recreação e lazer para projetarem o espaço da brinquedoteca universitária, essa não reunião não ocorreu, e, portanto, somente a professora Vera Fernandes e seus monitores voluntários pensaram na concepção e estrutura. O professor Milton Matheus, então coordenador do Curso de Educação Física dá o encaminhamento do projeto o qual é projetado arquitetonicamente pela equipe responsável da UEPA. Segundo Fernandes (2016)

(...) O professor Matheus conseguiu um dinheiro, nessas relações de campanha política. E aí, foi que ele mandou fazer a brinquedoteca e ele passa para as mãos do engenheiro, só que o engenheiro da UEPA, não chamou a professora Vera, e eles fizeram totalmente o que eles quiseram fazer. Tudo foi feito com o olhar administrativo da UEPA, a brinquedoteca que era para ser um lugar aberto para convivência lúdica, foram feitas paredes de separação, tudo branco, não tinha uma cor, e os materiais panelas, fogão, geladeira, tabua de passar roupa, ferro, liquidificador para fazer o canto da casinha, mandaram tudo de verdade, não eram brinquedos, gente, eu fiquei assim, não acredito e os brinquedos que nós tínhamos pedido, não tinha. (...)

A parceria intersetorial entre o Deputado Carlos de Jesus e o Professor Milton Matheus conseguiu levantar verba para a construção do prédio. Havemos de considerar também o período eleitoral que seria realizado no ano de 2003. Entretanto, a desarticulação entre setores internos da própria instituição trouxe resultados que não eram o esperado, pois a construção da brinquedoteca joana d'Arc foi projetada com salas específicas e não integradas, ferindo a concepção do projeto, além dos materiais específicos adquiridos detectados na fala da interprete.

Segundo Fernandes (2016) quanto aos coordenadores que atuaram na brinquedoteca desde o início de sua implantação, foram "A primeira pessoa foi Eu (2003- 2007), Ana Cristina Oliveira (2007-2008), Marcia Bandeira (2008-2010), Ana Cristina Oliveira (2010- 2012), Patrícia Araújo (2012), Rosani Oliveira (2013) e Ana Cristina Oliveira (2013 – atualidade).

No que diz respeito a formatação prática das atividades desenvolvidas no interior da brinquedoteca e algumas barreiras encontradas e do trabalho social desenvolvido com crianças. Segundo Fernandes (2016)

É justamente convocar, convidar a comunidade interna (acadêmica) e externa (pessoas da comunidade) que adentram ao campus a conhecer e vivenciar, o lazer e o lúdico num espaço público específico que é a brinquedoteca, além de oferecer um espaço para brincar, criando possibilidades de vivências lúdicas; auxiliando na formação pessoal e mudança do estilo de vida do cidadão.

As práticas e atividades estavam voltadas para o universo acadêmico que contribuiria para a formação dos discentes, ao mesmo tempo em que atendiam as crianças que participavam da extensão do CEDF/ UEPA ou de comunidades fora da instituição. Das barreiras iniciais encontradas quanto a aquisição de brinquedos para o espaço de brinquedoteca, foram superadas por campanhas de doação. A equipe acadêmica abriu espaço para outras áreas além da educação e educação física e foi ampliada para outras como terapia ocupacional e música. Fernandes (2016) esclarece

Olha são muitas barreiras, mas as que mais percebemos é a ausência de recursos humanos, pois recebemos diariamente em torno de 150 crianças durante o dia, e também a limpeza e manutenção da brinquedoteca, os brinquedos já precisam ser trocados, pois houve muitas doações de loja 1,99 que se quebram fácil. É um risco para a criança.

Outras barreiras ocorreram em virtude da manutenção estrutural que corresponde não somente ao equipamento adquirido, mas a sua manutenção. A limpeza necessária dos brinquedos para que as crianças possam manipulá-las sem incorrer em risco a saúde.

Quando refletimos no espaço brinquedoteca, as relações vão para além da estrutura inicial, e da formação específica, envolve também relações de manutenção do espaço. Instituições públicas possuem dificuldades de lotação de recursos humanos, principalmente quando se trata de manter o ambiente limpo e asseado. No dia a dia da brinquedoteca os materiais ali encontrados necessitam ser limpos, e alguns brinquedos – como é o caso dos bichos ou bonecos de pelúcia, almofadas, alguns tipos de fantoche – devem ser lavados. Na existência de dificuldades para o profissional brinquedista já ter uma formação, refletimos na dimensão de

manutenção, limpeza e aquisição de novos brinquedos. Havemos de pensar também que os materiais como estantes também necessitam ser específicos para a brinquedoteca com cores vivas dando alegria ao espaço, diferentemente daqueles as quais as universidades adquirem, com padronização da cor normalmente neutra.

Atualmente com a terceirização de serviços muitas ações não são permitidas aos funcionários que trabalham em agências terceirizadas. Pois existe um contrato que envolve as ações permitidas. Tais relações chegam ao ponto de a limpeza da brinquedoteca só se resume ao piso e retirada de entulhos. A limpeza de ar condicionado é feita por outra empresa, assim, os funcionários por vezes negam a realização de tarefas que as vezes são simples de realizar.

A reflexão sobre a concepção existente no atendimento do espaço. Fernandes (2016) nos diz que é “Mostrar que a brinquedoteca é um espaço do brincar para todos, mas tem gente que acha que aqui é para deixar as crianças como se fosse creche”.

Existe a preocupação em esclarecer que o princípio da brinquedoteca é o brincar, sem que haja o limite de idades. No entanto, algumas vezes a instituição irá fazer uma leitura que compreende o espaço somente para a criança, e tenta através de outros projetos compreende-la como creche. Em virtude de a lógica de atendimento dos filhos dos funcionários estarem em um local específico enquanto seus responsáveis trabalham. Ou da concepção utilitarista do brincar onde a brinquedoteca serve de suporte para o processo de ensino aprendizagem.

2.3.2. A narrativa histórica da Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Viana.

A narrativa quanto a Brinquedoteca faz parte da Seção da Biblioteca Arthur Viana atualmente faz parte da FCP. A informante foi a primeira brinquedista formada pela ABBRI em Belém Sra. Maiolina Nascimento Neves realizada na própria brinquedoteca no dia 09 de junho de 2016. Maiolina (2016) nos esclarece como os processos contextuais contribuíram para a construção da brinquedoteca, e quais foram as ações propulsoras.

(...) então quando eu cheguei aqui, eu vim trabalhar na seção infantil daqui, então a informação que eu tive, depois de ir para a seção infantil foi que em 91 houve uma, havia tido um projeto, né esse projeto na verdade, ela não se caracteriza (isso já é uma leitura muito pessoal minha) como projeto. Na verdade, ela foi um texto né, que definia né a questão do brinquedo, do

brincar, sua importância, e regulariza dentro do projeto, o objetivo, que é muito parecido com o objetivo, até inclusive, é geral né da ideia de se ter uma brinquedoteca colocada até pela própria assessoria que foi dada na época, onde pensaram em chamar alguém para assessoria, chamaram uma expressão nacional que foi a professora Nylse Cunha. (...) realmente não fica claro esse motivo, mas dentro das falas quando eu recebi esse motivo, talvez tenha sido pelo *boom* também, né. Então como essa década é uma década de grande dimensão de divulgação das brinquedotecas, (...), mas assim, houve também o interesse daqui, da equipe que trabalhava com as crianças, das meninas que faziam esse trabalho, então achavam que deviam trazer brinquedos para cá. Então foi quando escreveram, mas na verdade eu não sei te dizer o real motivo (...). Mas assim, o que eu senti é que elas não tinham realmente um conhecimento, uma leitura, né, real sobre o processo da ludicidade de acordo com a Adriana Friedmann, queriam fazer algo para a criança, talvez o motivo fosse esse, né, enriquecer mais o trabalho que já existia dentro da seção infantil. Só que atropelou né, porque são trabalhos específicos, muito específicos da brinquedoteca, e da biblioteca, aí teve todo um atropelo, aí chegaram à conclusão de que realmente tinham que separar. (...)

As relações que motivaram a construção da brinquedoteca pública Arthur Vianna não são claras, podendo ser em detrimento do grande *boom* de inaugurações de brinquedotecas no país, alinhadas, as questões internas de atendimento da criança brincar com brinquedos. Mas existe uma fragilidade em virtude da ausência de debate mais aprofundado sobre brinquedotecas em Belém no início da década de 90. Maiolina (2016) esclarece ainda

[...]. Então, dentro daquela gestão na época de 97 a pessoa indicada para vir para tomar conta, dessa especificidade de serviço, de trabalho, era eu. [...] eu já era da equipe, só que a gente estava trabalhando no sistema de rodizio.

A brinquedoteca era separada em duas salas, quando eu vim trabalhar na biblioteca pública em 94, tínhamos a sala do canto simbólico, que ficávamos no espaço que hoje é da seção infantil numa sala. E aí, as crianças muitas vezes quando eles iam brincar era uma coisa assim sem sentido, vamos dizer assim. Não tinha uma orientação, não tinha nada. Deixávamos totalmente numa liberdade, mas sem aquela potencialidade que representa a escolha da brincadeira, né e tínhamos a sala que a gente chamava de jogos, que é essa sala hoje, que representa a brinquedoteca como um todo, o que ela tem hoje né. [...] então quando eu cheguei aqui na sala de jogos que era a sala de jogos e, hoje é a brinquedoteca [...].

Nos processos gestores e administrativos da instituição a brinquedoteca em 1991 constava com dois espaços: o canto simbólico e a sala de jogos, que permitiam a criança ter liberdade de brincar, no entanto não existia uma orientação mais específica dentro do espaço.

[...] Enfim, em Belém, a Arthur Viana serviu muito para contextualizar esses referenciais, só que também é algo que eu nunca documentei. Isso é uma

memória que faz parte de mim mesmo. Porque não está definido, e eu preciso documentar isso dentro dessa instituição, para deixar como continuidade documentada, porque nós não temos isso documentado. Então, é isso a minha participação e contribuição.

A brinquedoteca Arthur Viana por ser a primeira brinquedoteca que atende com uma estrutura específica pautada nos padrões da ABBRI, torna-a, portanto, referência para pesquisa e orientação para instalações de outras brinquedotecas em Belém e no Pará. Maiolina (2016) afirma que “eu procuro manter a concepção da que a brinquedoteca ela é. O princípio dela. É a minha concepção é o princípio. Ela foi fundada para brincar é essa que é o princípio básico de toda a brinquedoteca. Então eu acredito que a brinquedoteca não tem outro princípio a não ser esse”.

Quanto a concepção e princípio do espaço, ela conserva os princípios internacionais, pois é um espaço para o brincar. Compreendido dentro de uma cultura lúdica de liberdade de escolha dos brinquedos e do brincar pelo brincante, que pode ser criança, adolescente ou os adultos.

A data da criação da brinquedoteca foi dia 25 de março de 1991. As pessoas que contribuíram com o projeto de criação e os coordenadores que passaram por ela segundo a informante Maiolina (2016) recorda

Eu me recordo sim, porque na época de 94. Essa mesma pessoa já estava aqui na nossa assessoria. Aqui é uma seção muito compartimentalizada, né. Então na época, falar dessa época é falar da antiga Fundação Cultural Tancredo Neves. Então nós tínhamos na nossa diretoria a Valdez que era a bibliotecária, e responsável pela seção infantil nós tínhamos a Lili Carvalho que era uma bibliotecária também, e tinha uma equipe enorme assim, de pessoas, Terezinha, Eu, Ângela, sabe, e que estavam ali, mas que quando eu cheguei, cheguei em 1994, já tinha até saído pessoas que participaram desse processo, mas assim, não tenho como dizer, porque realmente, não tenho essa memória, eu só lembro da diretoria e da responsável pela seção, seção infantil que era a bibliotecária também, mas eu não sei dizer o real, como foi pensado... a intensão, até porque esse documento ele não define isso com clareza. Fala da intenção do brinquedo, mas, é muito vazio, mas assim, dita lá os nomes? (tentando lembrar) ... não, mas nem os nomes tem. Então assim, alguma coisa bem imatura ainda, de construção do projeto.

O estabelecimento de estudos específicos sobre brinquedoteca no Brasil e em Belém do Pará avançam a partir do início do segundo milênio. Assim, a brinquedoteca Arthur Vianna passa por transformações em virtude das experiências diárias adquiridas no atendimento dos brincantes. A equipe pioneira que constrói o documento sobre o espaço reportasse a importância do brinquedo enquanto princípio de uso pelas crianças.

A formatação prática das atividades desenvolvidas no interior da brinquedoteca e as barreiras encontradas no trabalho social desenvolvido para Maiolina (2016) se consolida em sua fala

Essa fala de ser guardadora é muito minha, porque com o tempo eu fui percebendo isso. Ela guarda, assim como existe as bibliotecas que guardam as potencialidades do livro, né, existem as brinquedotecas que guardam as potencialidades do brinquedo, né, como ele é atraído pela criança, como a criança se sente atraída por ele, como é que tem esse laço. Porque se tú for ver, o objeto, é como dizem alguns referenciais teóricos, né. O objeto ele tem uma representatividade quando a criança brinca, quando o brincante brinca, né mais, a gente evidencia essa fala da criança, porque parece que se evidencia mais quando a gente está na fase de ser criança, a brincadeira.

Existe uma fala de reconhecimento deste profissional enquanto guardião do brincar. Esse discurso origina-se a partir das experiências vividas da brinquedista da Arthur Vianna. Com o qual reconhece sua autoria contextual que referenda quem é o brinquedista. Talvez isso ocorra pela sua relação de identificação com o contexto onde a brinquedoteca se localiza: a biblioteca. Assim, o brinquedo é compreendido como um objeto que é animado pelas suas potencialidades, criando um laço entre a criança/brinquedo e brinquedo/criança.

Mas o brincante é ele que valoriza esse brinquedo, mas só que aí, tem uma outra coisa também que quando a gente é brinquedistas de alma. A gente começa a perceber uma outra coisa, quando a gente entra na brinquedoteca parece que esses brinquedos falam com a gente (entre risos) sabe. Eles falam com a gente. Sabe porque gente? Por que tem energia, tudo tem energia, então esse espaço da brinquedoteca, é um espaço de energia, energia de quem? dos brincantes. Fica no ar essa energia, fica no ambiente e os brinquedos tão ali. Então parece que eles estão todo tempo pulsando energia, né. (MAIOLINA, 2016)

Essa relação demonstra que para além da criança dar sentido e representatividade ao brinquedo, culturalmente o próprio brinquedo possui uma representatividade e isto é identificada na fala das crianças durante o brincar, talvez por isso, a relação primeira ao se pensar na brinquedoteca seja a infância. O brinquedo a partir dessa compreensão, também possui, uma energia específica, que emana dos brincantes para o brinquedo, e lá se concentra.

Existe algumas barreiras a serem superadas institucionalmente, quanto ao acervo. Maiolina (2016) afirma

(...) o nosso acervo, eu não vejo muitos bibliotecários muito atentos a vir aqui dialogar sobre, né essa seleção do que comprar para a brinquedoteca,

né, a coisa acontece muito automática, o brinquedo chega lá, eles fazem o registro, (...) não há uma preocupação institucional né que dê uma integração dessa relação, do porque essa brinquedoteca está aqui, mas eles sabem da importância dela pelo nível de atendimento ao público. Por que estatisticamente a brinquedoteca ela apresenta a eles um indicativo ainda apesar de não ser mais aquele indicativo que era, mas isso dentro de um contexto todo, (...) Mas assim, a instituição ela não dialoga de forma mais participativa, tem um momento que chega uma verba por exemplo, aí chegam e diz olha Maiolina, lista aí uns brinquedos, né, é tudo muito rápido não tem nenhum tempo as vezes de eu pensar de fazer uma pesquisa, né, (...) então a gente precisa realmente lutar, a gente pode mudar esse contexto, e a minha luta maior hoje é pela equipe, né nós estamos prestes a receber um novo espaço, físico, vai ser no terceiro andar, esse espaço físico não foi discutido, teve a ideia, mas o projeto foi construído, e a gente não teve participação, nem eu nem todos os colegas que trabalham na instituição, é não tivemos participação, mas o projeto vai sair e já tá sendo reformado lá no terceiro andar, e vamos ver o que nos espera.

Considerando que os acervos da brinquedoteca são específicos, existe um grau de debilidade relacionado a esfera administrativa financeira no momento de aplicação das verbas. A ausência de um planejamento participativo e de transparência sobre o espaço reflete na ausência da compreensão sobre as relações subjetivas que estão dentro do espaço. Pois, essa leitura é feita diariamente a partir do público que adentra na brinquedoteca. E isso conflita com as relações burocráticas existentes no momento da compra de matérias. Assim como, no planejamento estrutural.

Maiolina (2016) considera que uma das grandes dificuldades encontradas quanto ao brinquedista é que a identidade profissional

[...] o respeito do profissional brinquedistas, eu não sou vista aqui como brinquedistas, eu sou vista aqui como pedagoga, pela instituição, e isso para mim é muito difícil, porque, eu não sou pedagoga aqui, eu sou brinquedistas. Mas até hoje não é assim que funciona né pra Maiolina pedagoga, a técnica, então, esse olhar sensível que seja para todos nós brinquedistas que nós não conseguimos ver nas instituições que estamos instalados, (...)

A ausência de habilitação específica do profissional brinquedista reflete na instituição que não consegue reconhecer no profissional que atua na brinquedoteca: o brinquedista. Ela irá reconhecer o técnico, o terapeuta, o pedagogo, o professor de educação física.

A instituição pública não conseguiu superar a visão objetiva e tecnicista da sociedade. Ela precisa da habilitação, do reconhecimento sociocultural. Nesse sentido, apesar da existência do profissional brinquedista, a sociedade ainda não o reconhece como tal e, portanto, suas instituições também não.

Maiolina (2016) esclarece que o organograma da instituição também impacta em alguns momentos sobre as ações internas da brinquedoteca principalmente na transformação ocorrida na instituição.

[...] Da Fundação Cultural Tancredo Neves para a Fundação Cultural do Pará, não houve mudança com relação à seção ela continua, dentro da brinquedoteca, fazendo sendo integrada pela biblioteca pública, então ela permanece, e ela é denominada seção porque é uma terminologia utilizada pelo próprio organograma da instituição, cada parte de desenvolvimento que constitui a biblioteca pública Artur Viana é chamada seção.

[...] hoje na nova Fundação Cultural do Para, é assim, nós estamos na nova coordenação da Biblioteca Arthur Viana, somos uma das seções da biblioteca Arthur Viana, e, fazendo parte da Diretora de Leitura e Informação da Fundação Cultural do Pará, é assim que nós estamos nesse contexto institucional.

As instituições públicas se organizam em organogramas com fluxos de ações específicas para cada setor existente. Da mesma forma, a brinquedoteca pública da biblioteca cumpre funções específicas que é de oferecer um espaço de brincar ao público atendido.

Há ainda as relações institucionais relacionadas as políticas de gestão governamental, podendo favorecer as atividades de incentivo às brinquedotecas públicas. Assim, Maiolina (2016) esclarece

Eu não vejo uma intenção maior. Eu vejo que o governo fica satisfeito em ter um serviço a oferecer ao público. Mas ele não está muito preocupado. Ele vê que isso promove algo pela quantidade de gente que atinge, mas, ele não está preocupado em fazer essa fala mais poética. Ele utiliza relatórios, ele utiliza meios técnicos, mas meios de sensibilização sensibilidade, não.

Quanto às mudanças governamentais ocorridas e seus reflexos no espaço da brinquedoteca, não houveram mudanças representativas quando ocorreu a transformação de CENTUR para FCP. Apesar do investimento na estrutura física da biblioteca que beneficiou a brinquedoteca com um novo espaço, não se percebe um maior interesse sobre o debate sobre o tema. Pois a preocupação maior é garantir o atendimento ao público refletido nos dados e relatórios estatísticos encaminhados. Ainda existe a ausência de uma maior sensibilização sobre a importância do brincar no espaço brinquedoteca.

No que envolve a concepção existente no atendimento do espaço de brinquedoteca a narradora nos diz

É muito engraçado, mas é isso o real, a realidade. Nós tivemos estagiários (sim, nós tivemos estagiários), mas são colaboradores passageiros, a brinquedoteca ela precisa de alguém que realmente sinta, porque se não tiver, acontece, ela acontece, no horário, toda a brinquedoteca passa por isso, né, abre nos seus horários, fecha nos horários, vai lá arruma, mas precisa ver se aquela pessoa tem dedicação, então uma das grandes falas, quando a professora Nylse, no meu primeiro curso, ABBRI, a professora Nylse foi uma de nossas professoras e ela disse:

- O que move o brinquedistas são duas coisas maravilhosas que é a observação e a sua dedicação. Tem que ser dedicado, inteiro, se entregar, então se não houver essa entrega total, não acontece. (...) os brincantes precisam muito desse encontro. Às vezes não, às vezes ele vai, ele sozinho ele vai lá, pega o brinquedo dele faz a brincadeira do jeito que tem que ser, mas a maioria, principalmente o adolescente, ele gosta muito dessa relação. [...]. Então eu costumo dizer que nós brinquedistas, nós somos seres poéticos, porque, nós falamos de uma poética do brincar, dessa poética, a poética do brincar são essas manifestações que acontece nesse processo da brincadeira. (MAIOLINA, 2016)

Existe uma estrutura organizacional em virtude de a brinquedoteca ser pública que está alinhada aos horários de atendimentos específicos da própria instituição. Isso reflete nos horários de atendimento. Mas apesar desta relação administrativa existem outras fragilidades que podem acontecer no espaço, que é a ausência de brinquedistas com formação e dedicação. E isso alerta Nylse Cunha, a entrega deve ser total. Este espaço necessita de um ser humano com essência lúdica que consiga dialogar com seu contexto e com os brincantes. Pois, na brinquedoteca existe a dimensão da convivência, a troca, a comunicação ocorre através de diferentes linguagens verbalizadas ou expressadas pelo corpo. E o brinquedista deve saber observar e fazer uma leitura para mediar às relações existentes dentro do espaço. Ele é um ser poético porque permite reviver o pulsar da brincadeira em si e a reconhece no outro.

Entretanto não se pode confundir o ser poético com o sonhador. O brinquedista não é um sonhador, mas um lutador que debate sobre a necessidade da garantia ao direito do brincar.

Para desvelar quem é o brinquedista? A narradora afirma que

Tem pessoas que acreditam que o brinquedistas é um animador. O brinquedistas não é animador não é papel dos brinquedistas ficar animando, todo tempo, (grito heeee), vamos brincar gente, palmas, vamos fazer essa brincadeira assim. Isso não é papel do brinquedista. [...] O papel do brinquedistas é facilitar. [...] então por isso é que o brinquedistas ele tem que estudar, o jogo então ele tem que conhecer o jogo, ele tem que está por dentro de tudo que sai nessa mídia doida, que a gente vê aí né, das fabricas de brinquedo, ele tem que ser um leitor sobre o lúdico, ele tem que conhecer, o movimento corporal, né quando o cara está ali querendo te dizer algo, te manifestar algo. (MAIOLINA, 2016)

[...]. Eu já fui, várias vezes convidada, porque até o incrível que a gente vê muito no brincante, sabe o que é? eles querem fazer com que a gente perca. (Risos).

Quando eles ganham o jogo da gente, é uma coisa incrível, eles ficam com uma felicidade única.

- Oba derrotei, (risos) derrotei.

É uma manifestação que tu vê na vibração, no olhar deles, no sorriso, na fala. É algo interessante isso, mas é isso, ele fica muito à vontade, e quando termina.

O brinquedista é o facilitador do brincar. Ele participa quando chamado pelo brincante. No entanto, deve possuir conhecimentos específicos sobre os temas que envolvem o brincar, o brinquedo, a ludicidade. Respeitar as relações do contexto sociocultural do brincante. Ele deve experimentar e conhecer cada um dos jogos que estão dentro da brinquedoteca para quando convidado, jogar. E, ao mesmo tempo, ter o olhar observador sobre cada manifestação lúdica que ocorre no espaço.

2.3.3. A narrativa histórica da Brinquedoteca do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Alves”.

A narrativa histórica social da brinquedoteca do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Alves, foi realizada em 10 de outubro de 2016, tendo sua interlocutora a Sra. Rosângela Silva. Ela nos informa que as motivações e os processos que culminaram com a construção da brinquedoteca pública foi

Bom, o projeto brinquedoteca, teve o projeto de criação em parceria com a Fundação ORSA que foi a partir do parque ecológico infantil, que tinha o mobiliário de madeira, e brinquedos que eram itinerantes dentro do parque e também, foi uma parceria com uma equipe da UEPA, uma equipe interdisciplinar que a partir desse primeiro projeto foi criado o espaço infantil da brinquedoteca, que foi um espaço que foi feito para ser mesmo brinquedoteca, com adequações banheiros, e a gente veio dentro dessa proposta de educação ambiental por causa do bosque a gente tinha esse espaço ocioso. Porque antigamente aqui era um orquidário, que não funcionou mais, aí fizeram o espaço da brinquedoteca. E as ações que são desenvolvidas dentro do espaço ele tem relação diretamente com a educação ambiental e com o setor de educação ambiental e extensão cultural que é o nosso setor.

[...] O bosque Rodrigues Alves hoje é intitulado Jardim Botânico da Amazônia e ele faz parte de uma instituição chamada REDE, a rede ela tem a titularidade por categoria A, B, e C ao Jardins Botânico do Mundo Inteiro e o Bosque faz parte na categoria C dentre os 400 bosques Jardim Botânico do mundo, então para ele chegar nesse patamar dessa categoria né, ele tinha que ter um espaço infantil específico, que era justamente a exigência da brinquedoteca dentro dos padrões. (SILVA, 2016).

A brinquedoteca pública da Secretaria do Meio ambiente traz em seu processo de criação a parceria com a Fundação ORSA que trata do meio ambiente. A intenção primeira era um parque infantil que interagisse com o contexto interno da instituição, no entanto, em virtude do clima de chuvas em Belém, inviabilizou a continuidade, pois o mobiliário poderia estragar com as chuvas. A partir da existência do projeto do parque infantil a brinquedoteca realmente foi constituída a partir da necessidade social de transformar o “Bosque Rodrigues Alves” em jardim Botânico, e como um dos critérios era a existência de uma brinquedoteca, o projeto do parque infantil foi modificado para atender essas adequações institucionais e políticas. Ressaltasse que a equipe buscou parcerias para a construção do projeto.

O ano da criação para Silva (2016) está entre dois processos de gestão administrativa da prefeitura.

[...] toda essa parte da criação do projeto e criação do espaço ainda foi na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues. Toda a parte inicial as parcerias foi tudo feito ainda na gestão ainda entre 2003 e 2004 ainda foi na gestão do Edmilson, aí como não ficou pronto no tempo hábil para inaugurar no finalzinho dessa gestão, aí entrou o novo prefeito que foi o Duciomar que foi eleito, quando foi no dia 05 de janeiro de 2005, o Duciomar, veio e inaugurou o espaço da brinquedoteca.

As relações políticas que ocorrem nas mudanças de gestão para a cidade, não conseguem acompanhar as necessidades específicas do espaço em detrimento da ausência de continuidade do projeto. Quando o projeto foi concebido sob a gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, ele obedeceu a critérios e princípios do plano participativo para a cidade, e em específico para atender aos critérios da REDE. Mas, ao mudar de gestão municipal, mudou o princípio do planejamento. Assim, após sua inauguração, a ausência de continuidade traz impactos sobre o espaço de brinquedoteca.

Os colaboradores para o processo de criação envolvem uma equipe multidisciplinar.

Inicialmente nesse período nós tínhamos um diretor aqui chamado de Walmir Bispo, a gente tinha esse diretor, e como ele era a pessoa diretor do bosque que estava à frente e ele tinha toda essa relação de categorização do Bosque dentro da REDE, é ele encabeçou a história da categorização do parque ecológico, inserindo né na REDE entre os 400 Jardins Botânicos do Mundo, e tinha que fazer essa adequação, e aí ele pediu para o setor da educação ambiental e extensão cultural e eles fazerem a criação desse projeto, né já tinha o parque ecológico infantil, e aí era só fazer uma

adaptação para construir o espaço físico e aí eles fizeram em parceria com os alunos da UEPA, veio uma professora aqui e conversou com a Tatiana Maia, e aí como a professora tinha interesse em inserir aqui, era um grupo de pesquisa interdisciplinar mas não sei te dizer como funcionava, até hoje não sei te dizer como é que era, porque tinha assistente social, tinha psicólogo, tinha pedagoga. (SILVA, 2016)

A composição de uma equipe de multiprofissionais possibilitou traçar olhares diferenciais na elaboração do projeto de criação da brinquedoteca do bosque. Assim como, a possibilidade de aliar as ações através de parcerias intersetoriais, com vista a promover uma ação de extensão sobre o tema da preservação ambiental.

As atividades que compõem a dinâmica das ações internas do Bosque e da brinquedoteca encontraram algumas barreiras do ponto de vista do organograma.

[...] A nossa Secretaria era Fundação Municipal de Áreas Verdes (FUNVERDE) em 2003 ela se tornou uma secretaria e aí ela tem vários departamentos, o Bosque Rodrigues Alves é um departamento específico que é o Departamento de Gestão em áreas especiais,[...] No Bosque ainda temos os três setores: O Setor de Flora trata de toda parte de Flora do Parque, o setor de Fauna toda a parte de Fauna, e o Setor de Educação Ambiental e Extensão Cultural que trabalha com a parte de educação ambiental especificamente e extensão cultural, e a brinquedoteca ela tá inserida dentro do setor da educação ambiental, e nossa estrutura física é essa aqui.

Os processos de fluxos de seções compartimentalizadas delegam a cada setor ações específicas que dependem da concepção de gestão para funcionarem alinhadas em suas atividades. A brinquedoteca ambiental está centrada no setor de educação ambiental e extensão cultural, o que dinamiza suas atividades em ações que permitem o agendamento escolar e as visitas abertas/livres. Entretanto uma não pode conflitar com a outra. Ou seja, nos dias de atendimento aos estudantes em faixa etária escolar, não se torna possível o atendimento livre daqueles que queiram adentrar ao espaço.

Silva (2016) afirma “Funcionamos com o agendamento escolar através de agendamento e recebemos muitas escolas do interior. A gente tem um público, assim bem, grande, considerável que vem do interior. Assim, a brinquedoteca ambiental em sua concepção de atividades está mais próxima aos processos de educação para preservação do meio ambiente. Sendo necessário o uso de brinquedos específicos. Mesmo que na presença de outros mais globais. “Na organização eu acho que é o *déficit* de recursos humanos. A nossa equipe hoje ela

está muito pequena. O que ainda nós não conseguimos organizar aqui no espaço da brinquedoteca é essa reposição dos brinquedos” (SILVA, 2016).

Algumas debilidades também são identificadas, entre elas a ausência de recursos humanos, manutenção e rotatividade de brinquedos. Ainda existe a necessidade de aquisição de brinquedos específicos que tratem sobre a educação ambiental, já que possui este objetivo em seu projeto de criação.

As relações ocorridas na instituição não se preocuparam em primeiro momento na formação específica de brinquedistas para o espaço. Ela foi sendo constituída aos poucos, visto que a brinquedista está em desvio de função, sendo de uma área técnica que trata da educação ambiental. No entanto a sensibilidade pessoal e a identificação com o espaço promoveram mudanças internas na compreensão e necessidade de formação. A coordenação também reconheceu o seu potencial e investiu para que houvesse maior aproximação do olhar lúdico da técnica, que posteriormente passa a se ver após algumas formações e de suas vivências práticas, como brinquedista. Mas existe o reconhecimento da necessidade de profissionais que possuam o perfil e o conhecimento.

A relação trazida pela ausência de brinquedo é outra problemática apontada no espaço. Deve existir uma reflexão crítica sobre os espaços de brinquedotecas públicas no referente a sua manutenção, pois a abertura de público infantil, juvenil e adultos implicam no manuseio e cuidados dos brinquedos, portanto, a instituição deveria ter no seu planejamento financeiro recursos previstos para a rotatividade necessário ao funcionamento.

E, mesmo considerando as dificuldades de recursos financeiros, poder-se-ia refletir nas parcerias através de alianças intersetoriais que promovesse a doação de brinquedos enquanto ação social, tornando possível o acesso das crianças de baixa renda aos brinquedos. Poder-se-ia considerar que existem também projetos financiados pelo governo, mas exigiria do brinquedista, os conhecimentos específicos para construir projetos sustentáveis.

As narrativas que compõem parte da história social e cultural de implantações de brinquedotecas públicas no estado do Pará, desvelam alguns dos processos existentes e o modo de compreensão das ações destinadas ao espaço. Mas também as relações das políticas institucionais de acordo com cada período de implantação dos mesmos. Abaixo construímos uma tabela comparativa das ideias centrais trazidas pelas narradoras.

Tabela 2 – Agrupamento e comparação entre os intérpretes entre as trajetórias individuais nos espaços de algumas brinquedotecas públicas em Belém do Pará.

Informantes	Recorte I (Concepção Geral)	Recorte II (Ano de criação/inauguração)	Recorte III (Colaboradores)	Recorte IV (Visão e Missão)	Recorte V (ações práticas)	Recorte VI (Compreensão de quem é o brinquedista)
A	<ul style="list-style-type: none"> - Concepção a partir da instituição universitária (tripé ensino-pesquisa e extensão); - Atendimento ao público da extensão do CEDF/UEPA; - Espaços construído e estruturado por engenheiros; - Concepção de espaço de convivência do brincar 	<p>Inauguração em virtude da exigência institucional. Ano de 2003.</p>	<p>Projeto criado pela docente Vera Lúcia da Costa Fernandes com auxílio de monitores voluntários;</p> <p>Coordenação do Curso de educação física Milton Matheus</p> <p>Apoio Financeiro deputado Carlos de Jesus</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apoiar o universo acadêmico universitário - Barreiras: ausência de recursos humanos; ausência de materiais específicos (brinquedos), limpeza. - Relações setoriais 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço vivencial do brincar para todas as idades 	
B	<ul style="list-style-type: none"> - Indicativo de surgimento a partir da expansão de brinquedotecas no Brasil, ou garantir o acesso ao brinquedo pelas crianças - Espaço passou por adequação para a brinquedoteca. 	<p>Inauguração em 25/03/1991.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenação Valdez - Bibliotecárias Lilia Carvalho e Terezinha 	<ul style="list-style-type: none"> - Se identificar como guardião do brincar; - Reconhece a potencialidade dos brinquedos a partir da energia da criança (energia pulsante) - Valorizar o brincante pois este valoriza o espaço. - Barreiras: acervos escolhidos sem tempo para análise da realidade contextual no momento da compra; ausência de recursos humanos 	<ul style="list-style-type: none"> - Vivencias poéticas - Espaço livre para brincar em todas as idades - 	<ul style="list-style-type: none"> - Visão do brinquedista como facilitador e conhecedor de temas como ludicidade, recreação, brinquedos, jogos e brincadeiras

Continua.

com formação específica; ausência da sensibilidade para o espaço pela gestão governamental e institucional.

Continuação.

- Relações setoriais

C

- Criado a partir da intenção de transformar o Bosque em Jardim Botânico;
- Atendimento de escolares e público do bosque.
- Concepção do brincar como forma de difundir a educação ambiental.

Inauguração
05/05/2005.

dia

- Diretor Walmir Bispo
- Tatiana Maia
- Equipe Multidisciplinar

- Concepção do espaço para o brincar direcionado à educação ambiental e em outros momentos, o brincar livre
- Barreiras: deficiência em recursos humanos; dificuldade de reposição de brinquedos (sucateados)
- Dificuldades nos processos burocráticos internos para formar parcerias.

Fonte: OLIVEIRA, A.C.G. (2016). Dados da pesquisa narrativa.

Observamos as relações comparativas do contexto da criação das brinquedotecas públicas e as semelhanças surgidas para identificação de trajetórias coletivas.

No que se refere às motivações e contextos relativos a criação das brinquedotecas públicas em Belém do Pará, existem distintos interesses que dialogam especificamente ao local onde a brinquedoteca passa a existir. Com isso a finalidade de cada brinquedoteca pública perpassa pelo campo de atuação do trabalho a que se destina.

Segundo Kishimoto (1992) as brinquedotecas universitárias têm por premissa a formação acadêmica, a pesquisa e o atendimento à comunidade (interna ou externa); as brinquedotecas instaladas junto a bibliotecas em geral podem fazer empréstimos de brinquedos, ressaltamos que não é o caso em Belém do Pará, pois este serviço não acontece.

As três brinquedotecas públicas possuem semelhança quanto ao atendimento inclusivo para brincar, e no atendimento de crianças, jovens e adultos, por mais que sejam diferentes no método de acolhimento.

Para Negrine (1997) existe variação quanto a criação de brinquedotecas pois podem ser “segundo o local, instituição mantenedora, faixa etária”, ou mesmo ao contexto sociocultural a qual está inserida. As bases da sociedade e da cultura influenciam nos processos formadores de criação das brinquedotecas. Não somente pela dinâmica histórica que nasce no Brasil a partir de 1980 e encontra caminhos para a expansão, mas também pelas relações frágeis refletidas pelas relações socioeconômicas.

A criação das brinquedotecas públicas em Belém, não são somente aparatos institucionais que respondem não somente as relações internas da sociedade, mas também, as bases econômicas e culturais. Assim refletimos: Onde encontrar espaços para o brincar na cidade? Como ter acesso a demanda e diversidade de brinquedos ofertados pela indústria? Quem pode usufruir desses brinquedos? Esses são alguns questionamentos que não podem ficar sem reflexões.

A cidade de Belém possuía espaços lúdicos, principalmente pela diversidade de opções do lazer encontradas nas ruas, rios, igarapés. No entanto, com o crescimento urbano, o processo de globalização e expansão tecnológica, a desigualdade social crescente, pode ter influenciado na mudança cultural do brincar.

As relações de ter acesso aos brinquedos industriais que fazem parte da cultura midiática, também podem ser indicadores, pois no espaço de brinquedoteca a aproximação com os brinquedos com os quais crianças que compõe famílias na linha de pobreza, não têm oportunidade de manuseá-los a não ser dentro deste espaço. Então como as crianças, jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de ter a experiência com a diversidade de brinquedos e brincadeiras podem fazê-lo?

Segundo Abreu (2012) existe uma inadequada compreensão de inserção social, ausência de poder, e dependência psicológica relacionada a pobreza, no entanto o modo diretamente utilizado para defini-lo está agregado a definição de uma lista de bens e serviços básico associado a valores monetários. Assim, ao relacionarmos tais indicadores com a apropriação de bens incluindo brinquedos, trazemos para dentro do espaço de brinquedoteca pública as relações de consumo.

O conceito de consumo inerente às abordagens da pobreza como disponibilidade ou ausência de rendimento deve ser alargado para outros tipos de consumo, como acesso a serviços públicos ou recursos sociais, possibilidade de ter uma vida mais longa e mais saudável, direito de exercer cidadania activa e participar no processo de tomada de decisão, **oportunidade de acesso à recreação e ao lazer, enfim, à oportunidade de realizar sonhos.** (ABREU, 2012, p.9, grifo nosso).

As brinquedotecas públicas da cidade de Belém oportunizam o acesso a brinquedos e atividades lúdicas a um público de baixa renda, mas não nega, o universo como um todo. Mas devemos considerar também que elas sofrem todo o impacto do movimento socioeconômico e cultural existente em seu contexto.

Duas das brinquedotecas possuem semelhanças quanto à adequação de um espaço já existente e que foi transformado para brinquedoteca. Diferentemente da brinquedoteca universitária que foi projetada em duas dimensões: um projeto de concepção docente que vislumbra um espaço amplo e integrado (âmbito subjetivo e imaginário), e outro com projeto da engenharia pensado pela equipe de arquitetos do setor de engenharia da universidade – e, que projeta um espaço com divisões e estruturas que não se comunicam e sem cores que auxiliam a caracterizar as brinquedotecas-, dentro de um estilo próprio da administração universitária (âmbito objetivo/concreto).

Para ajudar-nos a entender como essas relações funcionam aportamos na concepção de Norbert Elias (1993, p. 194-195)

As regularidades imanentes às configurações sociais não são idênticas às regularidades da “mente”, do raciocínio individual, nem as regularidades do que chamamos “natureza”, mesmo que, funcionalmente, todas essas diferentes dimensões da realidade estejam indissoluvelmente ligadas entre si.

O pensamento crítico do processo civilizador defendidos pelo autor, apesar de considerarmos a essência lúdica em todos os seres humanos, as relações de regularização social que defendem uma estrutura estética específica aos espaços administrativos, foram refletidas na projeção da brinquedoteca universitária. A relação da natureza humana com os aspectos lúdicos foi dissociada dentro do projeto e estrutura final do espaço. Portanto não houve similaridade entre a autora (pensamento empírico das brinquedotecas) e os engenheiros (pensamento concreto de padronização social). Talvez daí compreender-se que todos os equipamentos adquiridos pela instituição fossem pautados em objetos reais, com funcionalidades reais, e não os brinquedos simbólicos desses objetos.

Quanto aos anos de criação da brinquedoteca, observamos que existe uma diferença de 12 anos entre a primeira brinquedoteca pública a existir na cidade de Belém do Pará (Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Vianna) e o a Brinquedoteca Joana d'Árc do Curso de Educação Física. Posteriormente a dois anos, surge a brinquedoteca do Jardim Botânico Rodrigues Alves.

Neste contexto, a instituição da brinquedoteca parece particularmente relevante desde que surgiu na construção social de espaços dinâmicos para o desenvolvimento da infância e desenvolveu-se em relação a estes. Brinquedotecas são espaços recreativos onde os profissionais disponibilizam brinquedos e jogos para utilizar no local com públicos (crianças, famílias, escolas, deficientes, etc.) e jogo livre para o empréstimo e para o entretenimento ocasional. (ROUCOUS, 2006, p.17)

A relevância da criação de espaços de brinquedoteca na sociedade brasileira surge em virtude de a ausência de espaços específicos para as crianças brincarem.

Para Marcellino (2008) é relativo a preocupação que se tem sobre os efeitos nocivos do crescimento urbano e as estruturas para a cidade, “com relação às ruas, e mesmo que se considerem as praças, quase sempre concebidas como locais de acesso, de passagem. Transitá-las é uma aventura”. (MARCELLINO, 2008, p.18)

O espaço de ruas livres para a vivência e convivência, antes possíveis, se tornaram inviáveis em detrimento do aumento de violência social e das ruas servirem

prioritariamente ao tráfego de veículos. O espaço urbano se expande desordenadamente limitando os espaços de brincar. Assim, a criação de brinquedotecas públicas se faz necessária na sociedade brasileira, a partir das leituras contextuais, refletidas nas diferenças sócio econômicas dos atores sociais.

Outro fator que influencia a instituição brinquedoteca são a possibilidade de tornar acessível a diversidade de brinquedos ou ocasionalmente o seu empréstimo. No entanto, em Belém, a única brinquedoteca que atualmente realiza empréstimos aos seus usuários é a da CEDF/UEPA. Em sua maioria, as brinquedotecas na cidade de Belém irão se caracterizar mais pelo uso de brinquedos e brincadeiras no espaço do que na relação de empréstimo. Essa relação cultural ocorre em virtude da dificuldade de aquisição e reposição de brinquedos.

Quanto aos pioneiros que participaram da construção do projeto brinquedoteca, tivemos contato com a autora e pensadora do projeto da Brinquedoteca Joana d’Arc que traz as informações sobre todo o contexto que permitiu a construção do espaço de brincar, assim como, o depoimento da brinquedista do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Alves” que compôs a equipe da construção do projeto, mas referendou somente os nomes dos coordenadores responsáveis pelo processo administrativo. A única que não participou do projeto inicial da criação da brinquedoteca foi a brinquedista Maiolina.

Quando se compara os processos das práticas encontradas dentro das brinquedotecas e suas barreiras, percebe-se que as formas de atendimento para que as ações sejam vivenciadas são distintas entre si. Observamos que a Brinquedoteca do CEDF/UEPA permite a liberdade do brincar, mas possui estrutura que possibilita também as atividades motoras, o grito, à voz. As expressões corporais são valorizadas dentro e fora do espaço.

A Brinquedoteca Arthur Viana, em virtude do espaço permite o brincar livre nas escolhas dos brinquedos, no entanto, devido ao espaço ser adaptado dentro da biblioteca, possuindo regras de silêncio, o brincar e a voz são contidos.

A Brinquedoteca do Jardim Botânico possui uma duplicidade no atendimento ao público, pois as atividades são agendadas para escolares com fins a educação ambiental e ao brincar livre quando estão disponíveis e sem atendimentos agendados.

No atendimento ao público existe a similaridade entre elas decorre a abertura para todas as idades e reconhecem que é o brincante que dá vida as atividades, e a

potencialidade dos brinquedos, sendo reconhecido como força que emana energia pulsante.

Debortoli (2004) nos lembra que as brincadeiras livres são noções utilizadas quando a crianças brincam sem interferência, momento do qual elas tomam as iniciativas para construir e escolher as atividades lúdicas e seus objetos.

Benjamim (2009) o brincar para as crianças evoca tarefas históricas: que possibilitam questionar as experiências vividas, e reconhecem no presente a esperança de transformar o futuro. Projetam o “seu mundo ou o mundo coletivo”.

Existentes semelhanças entre as barreiras encontradas nas brinquedotecas públicas, entre eles estão: ausência de recursos humanos com formação de brinquedista, limpeza dos materiais, tempo reduzido destinado a escolha de brinquedos, déficit de reposição de brinquedos, falta de sensibilidade dos governantes e ou gestores quanto ao projeto brinquedoteca, fragilidade do diálogo entre os setores.

Roucous (2006) esclarece criticamente que a propriedade não está limitada a estrutura espacial, ela abrange uma dimensão social. A construção do ambiente está relacionada “a maneira de ser e de integrar um ambiente social”. Mesmo com a participação dos adultos, a criança contribui com a criação das relações sociais junto a seus pares, criança/criança, criança/adulto (pai, mãe, responsável), criança/brinquedista, criança/objeto. Ela busca os pares para favorecer o brincar no ambiente espacial.

Dentre todas as narrativas somente a brinquedista da biblioteca Arthur Viana referenda a importância de reconhecer o brinquedista como um ser poético, facilitador e que precisa passar por formação específica. A brinquedoteca Joana d’Árc aponta somente para a relação da formação do brinquedista por ser uma atividade que está no seu projeto inicial pelo qual está alicerçada o ensino da disciplina Fundamentos e Métodos do Jogo do currículo do curso de educação física.

Na visão de Negrine (1997), o brinquedista deve ser qualificado para exercer essa função, “a formação de um profissional lúdico deve ser muito bem embasada”. (p.89). O autor referenda ainda que a formação objetiva favorecer ao adulto refletir sobre sua própria relação corporal e a construção de um autoconhecimento que lhe permite desbloquear resistências; identificar suas limitações individuais; despertar para as relações interativas (escutar o outro) e exercitar a convivência e o diálogo.

A trajetória coletiva das histórias das brinquedotecas inicia em Belém na década de 90 e segue com a expansão nos anos iniciais do século XXI. Os debates promovidos e as vivências experimentadas pelos profissionais consolidam a permanência das suas atividades no setor público.

Enquanto elementos socioculturais e sócio histórico, identificados nas narrativas, percebem-se alguns fatores motivadores que contribuíram para a construção das brinquedotecas públicas: o primeiro, a necessidade social em garantir o direito ao brincar; o segundo, a intensão de ampliar o atendimento funcional das instituições para o público socialmente excluído; e, o terceiro, transformação para se adequar a padrões nacionais e internacionais.

Muito há ainda para avançar nas fragilidades, reflexões e debates sobre os processos formadores de brinquedotecas no Pará, mas iniciamos - mesmo que brevemente-, um primeiro percurso que contribuirá para esclarecer os contextos que compõem os diálogos a partir da visão dos brinquedistas frente suas realidades.

Esses discursos são reflexos dos processos sociais, históricos, e culturais transformados a partir das mudanças socioeconômicas, mas que permeiam as falas dos brinquedistas a partir dos saberes e experiências vividos durante sua permanência nestes espaços.

2.4. Tessituras na brinquedoteca e os entrelaçamentos das categorias de saberes lúdico-educacionais e culturais.

As noções sobre o espaço de brinquedoteca são construídas e incorporadas diariamente. Expressa as tessituras dos elementos dinâmicos ali vivenciados nas relações sociais, oportunizando a liberdade lúdica, os processos educacionais e, a valorização cultural, e com eles dando significados e sentidos às ações dos sujeitos. Logo, é preciso esclarecer algumas abordagens teóricas que nos ajudaram a compor algumas categorias que surgem no debate sobre a brinquedoteca.

O termo brinquedoteca traz um significado valorativo conforme nos diz Cunha (2016):

“A própria criação da palavra brinquedoteca tem um valor, ... o valor dela é que abre um espaço que tende a ser preenchido, ... então a vantagem de uma palavra quando ela entra no vocabulário, é o que ela traz junto, o que

ela torna viável, porque desde que existe a palavra brinquedoteca... abre-se a espaço para criação de brinquedotecas”¹¹ (CUNHA, 2016, Vídeo).

Ao tratar da criação do termo brinquedoteca, a autora esclarece o seu caráter valorativo, em função da criação de um espaço pela ação e interpretação dado pelos sujeitos dentro deste ambiente. Ele surge, portanto com uma significação e sentido próprios que é preenchido através da dinâmica cultural e sócio histórica dos sujeitos quando interagem nas brincadeiras e nas possibilidades ocorridas dentro deste espaço.

Oliveira (2011) esclarece ainda que o contexto social brasileiro traz características próprias nos espaços das brinquedotecas. Como consequência sua importância educacional é crescente, sendo motivo de pesquisa e formação continuada, mas ainda com concepções funcionalistas sobre o brincar.

Não se pode negar que o fato das brinquedotecas brasileiras existirem, transformou algumas visões dos educadores e da família sobre a importância do brincar e da valorização das atividades lúdicas, mesmo que ainda limitada às crianças.

Os países menos desenvolvidos procuram trabalhar os espaços de brinquedotecas, voltados ao atendimento do brincar no local específico, e, muitos sequer possuem uma diversidade de brinquedos que atenda às necessidades específicas das crianças e nem o processo de inclusão.

Em Friedmann (1992) a brinquedoteca assume uma funcionalidade própria para o atendimento de crianças, onde o brincar promove o reconhecimento de valores específicos na sociedade, além da possibilidade de ser um espaço de convivência.

[...] o objetivo de propiciar às crianças melhores condições para brincar, o atendimento adquire em cada país características próprias e, algumas vezes, denominações diferentes; mas o espírito do trabalho é bem igual no que se refere ao amor pelas crianças e ao reconhecimento do valor das atividades lúdicas. A brinquedoteca é o espaço ideal para que seja cultivada uma forma de convivência espontânea, democrática, calcada no respeito mútuo e renovada pela postura criativa de seus participantes. Seus dirigentes devem estimular a liderança das crianças e o respeito às normas estabelecidas. (FRIEDMANN, 1992, 39-40)

¹¹ Palestra online restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianopolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. (vídeo) 21 a 24/10/2016.

Inicialmente o espaço de brinquedoteca envolve como público alvo as crianças, todavia, não se pode restringir a brinquedoteca somente para essa faixa etária, pois atualmente já existem brinquedotecas que envolvem jovens, adultos e idosos em ampla convivência do brincar neste espaço. Isso ocorre, em virtude das transformações culturais de cada país. As possibilidades lúdicas de liberdade ao brincar caracterizam as brinquedotecas brasileiras, e marcam aspectos diferenciais das *toy libraries* e ou *lekotec*.

A abordagem teórica da brinquedoteca envolve processos de coexistir com si, e com o outro. É espaço de liberdade lúdica, e escolhas no brincar, constituí-los como seres de criação e de interação. Para Negrine (1997, p. 86)

O porquê de uma brinquedoteca justifica-se também por implicações de outras ordens, tão relevantes quanto aquelas até agora apontadas, como por exemplo o valor sociológico que ela abarca, onde a comunicação, a convivência e a interação grupal servem para humanizar o indivíduo, onde a âncora pedagógica é o jogo, isto é, instruir-se deleitando-se.

A compreensão sociológica deste espaço, para o autor, aponta o jogo como base para as relações entre brinquedos e brincantes se efetuem. Reflete as possibilidades da comunicação entre os sujeitos dentro da brinquedoteca, e seu processo humanizador.

A sociedade da comunicação tem distanciado as relações de convivência, por diferentes modos e motivos. No século XXI, a ausência de espaços de lazer, a era da globalização e tecnologia tem promovido o distanciamento dos sujeitos. Com esta natureza, a brinquedoteca passa a ser um lugar onde a comunicação entre os sujeitos é possível. O jogo media a forma prazerosa dessa relação. Nesse sentido o jogo enquanto categoria surge entrelaçada aos aspectos lúdicos vivenciados no espaço da brinquedoteca.

Callois (1990, p. 62) considera que “Cada uma das categorias fundamentais do jogo apresenta assim, aspectos socializantes que, dada a sua amplitude e estabilidade, adquiriram direito de cidadania na vida coletiva”. Apesar da reflexão do autor estar correlacionada a vocação social do jogo, podemos alinhar esta compreensão as ações ocorridas dentro do espaço da brinquedoteca. Onde o jogo tem um papel importante na socialização dos sujeitos que lá se encontram.

Azevedo (2008, p. 151) afirma que “com vistas à exploração da ludicidade, foi criada a Brinquedoteca”. A ausência de espaços democratizados de lazer na cidade

favoreceu a existência de espaços específicos para brincar. Nesse aspecto Marcellino (2008, p. 15) afirma que “Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço”. Os processos urbanos de construção da cidade e a diminuição de espaços de brincar favoreceram a existência de brinquedotecas.

Devemos compreender que esses espaços nem sempre são democratizados, pois a visão mercadológica do brincar tem sido crescente no século XXI. Surgindo brinquedotecas em *Shoppings*, ou espaços específicos privados que favorecem o uso de brinquedos e dão oportunidades de brincar, aliados a comemorações festivas, mas todas agregam valores econômicos para que a criança use o espaço por uma hora determinada.

A brinquedoteca na sociedade traz aspectos diferenciados que pode promover a democratização do brincar ou a capitalização do mesmo.

Para Teixeira (2016)

Brinquedoteca é um espaço privilegiado para o brincar acontecer, com liberdade, com segurança e com acolhimento. É um espaço que tem uma diversidade de brinquedos, onde a criança pode brincar tranquilamente com segurança, no qual ela se sente livre para brincar e se expressa tranquilamente e ela é nesse espaço a agente da sua própria experiência. Então ela faz sua própria agência de aprendizagem, ela é a dona nesse espaço, dentre outra coisa, ele é um espaço fundamental¹² (1ª Jornada Nacional de Brinquedoteca)

A autora traz um conceito de espaço acolhedor e seguro, criando um ambiente acessível aos sujeitos para a vivência do brincar e dando-lhe a oportunidade de ter acesso a uma multiplicidade de brinquedos. O papel da criança é de ser agente de decisão sobre o brincar e com que objeto (brinquedo) quer brincar. A apropriação do espaço pelo sujeito move a dinâmica dentro do espaço. A liberdade lúdica é um preceito da brinquedoteca sendo o brinquedista o mediador.

Resumidamente, existem diferentes abordagens sobre o espaço brinquedoteca, sendo a mais reconhecida que é um espaço de convivência que permite a liberdade lúdica de consciência corporal dos brincantes oportunizada por múltiplas formas de brincar. Pode-se compreendê-la socialmente por permitir a comunicação e interação entre os sujeitos que lá se encontram, onde se constrói saberes e valores humanos.

¹² Palestra online restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianapolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. (vídeo) 21 a 24/10/2016.

Existe ainda, a importância do desenvolvimento cognitivo e emocional que auxilia o desenvolvimento dos brincantes, e também a abordagem estrutural de organização necessário ao espaço.

Junto a este espaço há o sujeito que media as vivências do brincar, a este chamamos de brinquedista. Segundo Friedmann (1992, p.40)

Brinquedistas” (diferentes expressões tais como: brinquedistas, brinquedotecário, ludotecário, animador ou animador cultural, tem sido usadas como sinônimos, apesar de alguns autores preferirem distingui-las de acordo com as funções que exercem) de todo o mundo parecem falar a mesma linguagem e se comunicam de maneira alegre e afetiva, não importa qual seja o seu país de origem.

O papel do brinquedista ou do bibliotecário do brinquedo se refere aos agentes do brincar enquanto um facilitador ou mesmo companheiro do jogo ou da brincadeira. Aquele que possibilita um ambiente seguro e alegre para a criança brincar, e, por vezes também indica um jogo ou esclarece as formas de jogá-lo.

Então quem é o profissional brinquedista? E qual a sua área no mercado do trabalho?

Segundo Teixeira (2016) o papel desenvolvido pelo profissional brinquedistas é aquele que favorece a ação do brincar livre e espontâneo. Para isso necessita estudar e compreender a dimensão lúdica do ser humano, criando e promovendo melhorias nas condições educacionais, na saúde e na sociedade de um modo geral. “Ele é alguém que estudou para isso”¹³.

A autora compreende que no Brasil ela é uma profissão socialmente reconhecida. Assim como outras profissões, ela ainda não é regulamentada, tal como o psicopedagogo, que também não tem regulamentação, mas é socialmente reconhecido. As pessoas exercem a função de brinquedistas.

Teixeira (2016) esclarece que existem características para ser um brinquedista, são elas:

- Ter um bom equilíbrio emocional,
- Ser comunicativo e acolhedor sem ser invasivo,
- Precisa estar atento ao que acontece ao seu redor, sem controlar e sem direcionar as pessoas,

¹³ Palestra online **O profissional Brinquedista**. Restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianopolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. (vídeo) 21 a 24/10/2016.

- Ser organizado para manter a brinquedoteca organizada e higienizada, um espaço gostoso prazeroso, acolhedor, para que as crianças sintam ser um espaço de segurança,
- Precisa gostar de brincar

A autora considera ainda que o trabalho de brinquedista assume o compromisso de trabalhar com a essência da vida: o brincar.

Quando a gente trabalha com criança, deficiência, idoso, adolescente, por meio do brincar a gente está trabalhando com nossa consciência corporal nossa consciência de si mesmo, é um trabalho prazeroso e gostoso. Em relação a esse profissional no Brasil e em outros países como disse essa profissão não é reconhecida, mas quando se contrata um brinquedista se contrata alguém que fez o curso para atuar na brinquedoteca. E, em outros países na Inglaterra chamasse *playwork* e lá já tem 50 anos, mas legalmente regulamentada já está a 30 anos e lá tem cursos de vários níveis que atendem aos profissionais em vários espaços. Na França, por exemplo, tem o brinquedista e, com relação ao gênero muitas mulheres tem o curso. Na França é muito comum a gente encontrar homens como brinquedistas também, e, aqui no Brasil essa tendência tem aumentado visto os cursos de formação de brinquedistas. **Então, não é uma profissão de gênero, mas uma profissão do ser humano.** (TEIXEIRA, 2016. 1 Jornada Nacional de Brinquedotecas, vídeo, grifo nosso)

A consciência corporal pelo brincar está consolidada enquanto essência da vida. Portanto, compreende que o benefício se estende ao ser humano que a pratica, sem delimitação de idade. Esse fator para o brinquedista diferencia-o dos demais profissionais, pois é como um reencontro contínuo com si e, com outros. Apesar de o Brasil possuir o profissional reconhecido socialmente, ainda não há regulação desta profissão, diferentemente de outros países os quais já reconhecem o brinquedista com habilitação específica.

Chamamos a atenção que o Brasil possui cursos de formação, mas são chamados de cursos livres, com cargas horárias de aproximadamente 40 horas.

Um fator interessante é a questão de gênero quanto a ser brinquedista, no Brasil a maioria são mulheres, mas por ser um curso que pretende difundir a consciência da essência do brincar, a formação deste profissional não é fechada somente as mulheres.

Teixeira (2016) aponta algumas possibilidades de abertura no mercado de trabalho, pois dependendo de onde a brinquedoteca está montada e, onde ele vai atuar, no Brasil, existe a expansão para o número de vagas para brinquedistas.

Um desses campos apontados pela autora é a Brinquedoteca Hospitalar que já estão contratando pessoas formadas, possivelmente devido a lei de implantação de brinquedotecas em espaços de internação pediátrica. No entanto a atuação não se fecha somente em hospitais, pois existe uma multiplicidade de tipos de brinquedotecas que podem ser escolares, que normalmente preferem pedagogos com formação de brinquedistas, ou um profissional mais lúdico. É também bastante comum o brinquedista, onde atende crianças especiais.

Outros campos vastos são os clubes que perceberam que a brinquedoteca é um diferencial, assim contratam o brinquedista ou equipes de brinquedistas. Existindo também os *freelances*. Atualmente o Brasil possui brinquedotecas em lojas ou concessionárias, em restaurantes, ou em *shopping centers*. No entanto, ressalva-se que alguns destes espaços não estão fundamentados nos princípios de brinquedotecas e funcionam com um canto de brinquedos. Nesse caso, contratam monitores que reparam as crianças. Espaços mais sérios contratam aqueles que passaram por formação específica.

Para Brougère (2004, p.240) existe um paradoxo quando se pensa no ludotecário para ele “A ludotecária é uma profissional e, portanto, deve colher informações, justificar o dinheiro gasto, mesmo quando segue a escolha das crianças”. A ideia de ser brinquedista não pode ser romantizada, pois existe uma relação profissional de competências a serem exercidas. Nesse caso, para o autor, a reflexão volta-se aos brinquedos e tipos de brinquedos industrializados que adentram a esse espaço e, que passam a ser de responsabilidade da brinquedista informar quais aqueles que podem trazer maior satisfação a criança. Nesse sentido a brinquedista exerce um “poder ou contra poder” na decisão das crianças quanto aos brinquedos. Ou seja, dependendo da concepção do espaço a ludotecária poderá convencer a criança que determinado brinquedo possui fragilidades, assim, influenciará na decisão das crianças em possuí-lo ou não.

Cunha (2007) ao considerar que a brinquedoteca sofre a influência de várias teorias aporta na filosofia da qual é o espaço que dá a importância e valoriza o brincar livre e espontâneo, para o pleno desenvolvimento do ser humano. Assim

O (a) brinquedista já é reconhecido (a) como elemento essencial ao bom funcionamento e à sobrevivência das Brinquedotecas. O currículo dos cursos para sua formação contempla o desenvolvimento infantil, as diversas teorias sobre o brincar e o jogo, brincadeiras e jogos tradicionais, seleção e exploração de brinquedos e noções básicas sobre o funcionamento e

organização de Brinquedotecas. Além destes conhecimentos, são considerados os seguintes aspectos de sua personalidade: sensibilidade, entusiasmo, determinação, equilíbrio emocional, e... capacidade de se encantar. (CUNHA, 2007, p. 75)

O brinquedista, portanto, é o profissional que media os saberes que envolvem o contexto da brinquedoteca e, mais especificamente possui a alma de brincante, ou seja, possui a essência do brincar. Não defendemos a visão romantizada deste profissional, mas aquela em que está alicerçado em conhecimentos específicos que envolvem a ludicidade, o brincar, o brinquedo. No entanto, deve-se compreender prioritariamente como um *ser* poético com capacidade de se encantar e de encantar os outros.

Para Cunha (2011, p. 13) “As pessoas que trabalham na brinquedoteca, os brinquedistas, têm formação profissional, são educadores preocupados com a felicidade e com o desenvolvimento emocional e intelectual das crianças”. Não significa dizer que o brinquedista é do campo pedagógico e, ou do espaço escolar.

A diversidade profissional envolve outras áreas entre psicólogos; terapeutas educacionais, enfermeiros, arte educadores, educação física são alguns dos que tem se interessado nos cursos livres de brinquedistas. Mas não somente aqueles que possuem formação específica, como também, alunos do ensino médio que atuam em espaços “compreendidos como brinquedotecas”, localizados em *shopping centers*. Assim o processo educacional toma a forma na relação de saberes que ocorrem dentro daquele espaço. Então de que saber falo?

Utilizamos a compreensão de Japiassu (1975) sobre a existência do pré-saber e o saber. O primeiro está voltado aos estados mentais de opiniões, noções, preconceitos que são formados de forma espontânea e que se constituem como opiniões primeiras. O segundo concebe o saber como o significado mais amplo do que a ciência, pois possui um saber historicamente constituído e legitimado por um grupo social.

Exemplificando no campo do conhecimento sobre brinquedoteca. O pré-saber seria a opinião e noções sobre a necessidade da criação de um espaço de brincar com acesso e ou empréstimo de brinquedos e, o saber propriamente dito é a aceitação e legitimação do termo brinquedoteca sua sistematização e organização em solo brasileiro que se constituiu em um grupo social e é validado cotidianamente,

portanto sofre influência da sociedade, de sua constituição histórica e é culturalmente aceita.

Japiassu (1975, p. 15) esclarece que o saber é o “conjunto de conhecimento metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino”. Os saberes são constituídos de conhecimentos sistematizados transmitidos dentro de um processo de ensino e aprendizado, sem necessariamente estar vinculada a uma instituição formal. É inicialmente concebida pelas ideias do sujeito ou sujeitos, e se através daquilo que é aprendido, manifestado através de práticas (a um saber fazer) e possuem um diálogo com a ordem intelectual e teórica.

Para Charlot (2000, p.63):

O saber é construído por meio de uma história coletiva. Envolve em relação ao ser humano tanto a sua capacidade de pensar e de criar quanto as atividades efetivadas no contexto social, estando submetido a processos coletivos de “validação, capitalização e transmissão”.

O saber construído no espaço de brinquedotecas é construído permanentemente não somente pelos sujeitos brincantes que ali estão, mas coletivamente a partir significação e sentidos que envolvem a coletividade do grupo social que é alcançado pelas suas práticas. Permite ao brincante e aos brinquedistas refletir sobre os processos de aprendizagem e de consciência do corpo brincante dentro das realidades sócio históricas e culturais amplamente aceitas.

A história coletiva constrói ou reproduz os saberes cotidianos. Assim, os seres humanos contribuem diretamente na dinâmica lúdica que ocorrem durante a convivência e interação ocorridas na brinquedoteca. Essa construção permite transformações, inovações, transmissão comunicativa de conhecimentos que fluem durante as vivências lúdicas no ato de brincar, assim como, na sua relação com o brinquedo. Esses saberes construídos são validados pela comunidade científica e aceitas socialmente, contribuindo coletivamente para a sua aceitação.

Na perspectiva deste autor (CHARLOT, 2000), o saber se configura como **uma atividade própria do sujeito e também ação do sujeito sobre si mesmo**. Consiste em uma forma de relação com os outros, percebidos como comunidade intelectual e forma de relação com a linguagem (simbólica) e o tempo (histórico). O ser humano é o sujeito do saber, adquirindo-o em sua pluralidade de relações com os outros no mundo. (OLIVEIRA, 2012, p.05)

As tessituras do saber são construídas pelo processo dinâmico das ações coletivas. Desse modo, o saber é dialógico e ao mesmo tempo cultural, pois consiste nas relações intrapessoal e interpessoal e se constitui enquanto produção intelectual consolidando a linguagem (comunicação simbólica) e o tempo sócio histórico.

Para os brincantes, no espaço brinquedoteca, o brincar tem sua linguagem e comunicação própria, possuem simbolismos e sentidos que estão alicerçados no seu contexto e em seu sistema organizacional. O processo de ensino e aprendizagem ocorrem de acordo com o local, a sociedade a cultura e o tempo histórico de suas próprias vivências.

Freire (1983, p. 66) afirma que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. Na visão freiriana o saber não se conforma com o que está posto, ele é recriado continuamente em diálogo permanente com o outro. Ele parte das suas realidades vivenciadas, de suas experiências, de suas práticas, de tudo que pode contribuir para que não seja fechado, ou acabado como conhecimento com finitude. Pois o ser humano, enquanto sujeito de saberes, também não está acabado, não é finito. Possui multiplicidades de conhecimentos que são transformados no seu tempo histórico e social, mas também em suas culturas. Ele forma uma rede de sentidos e significados em amplo processo de criação.

Assim ocorre na brinquedoteca, os sujeitos brincantes correlacionam sua rede de conhecimentos e transformam o ato de brincar a partir do diálogo com si e ou com o outro. O brincante transforma o jogo, reconstrói as regras, e define o seu tempo de brincar com o brinquedo. E o próprio brinquedo pode ser transformado em uma multiplicidade de possibilidades lúdicas onde se aprende e onde se ensina em um verdadeiro exercício das práxis.

Para Oliveira (2012, p. 07) “Os *saberes culturais* entendemos como os produzidos nas práticas sociais e culturais e que refletem formas de viver, pensar e compreender o mundo, valores, imaginários e representações”.

Os diferentes contextos culturais existentes no Brasil refletem na organização e vivência nos espaços de brinquedotecas, por isso as representações que surgem dentro possuem em alguns aspectos sentidos e significados diferenciados. Por isso, os saberes se apresentam de modos distintos, no entanto apontam para a possibilidade do corpo lúdico, livre, que se permite experimentar diferentes formas do jogo. As práticas culturais influenciam, contribuindo pelos múltiplos referenciais

que existem na história vivida pelos sujeitos, tanto individualmente como coletivamente.

Ao abordar sobre a dinâmica cultural Laraia (2015, p.101) esclarece

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.

A cultura se modifica por que é dinâmica, sendo assim seus sistemas também são transformados. Os seres humanos são distintos entre si, logo a cultura também o é. Assim, para evitar que haja preconceitos em decorrência das transformações culturais é primordial que se compreenda essas diferenças no tempo social e histórico.

A brinquedoteca enquanto espaço de brinquedos também se move nos processos de compreensão da dinâmica cultural. No século XIX existiam os brinquedos que eram destinados a partir do gênero. Carros e bolas para meninos, bonecas e casinhas para as meninas. No entanto a dinâmica cultural do século XXI já possuem diferenças significativas. Os brinquedos não são vistos por categoria de gêneros, mas trazem um sentido universal para os brincantes, logo, a casinha pode ser vivenciada por meninos e a bola, o futebol pode ser jogado por meninas. Além de que os próprios brinquedos também são transformados, pois hoje vemos uma infinidade de brinquedos industrializados de carrinhos, helicópteros da *Barbie*, *Cinderela*, *Polly Pocket* entre outras.

A cultura é dinâmica e com construções sistematicamente e ordenadamente simbólicas partindo-se das experiências das ações humanas. Ou seja, ela ocorre em sociedade e pela intervenção do homem é transformada. Para Brandão

A cultura não é produzida como uma superestrutura para estar em uma região única da sociedade, o sócio do puro valor, mas, antes atravessa o campo de todas as relações de reprodução material da vida e da ordem social e, portanto, como o significado que dá sentido à ação e a torna possível, é tão múltipla e dinâmica quanto as inúmeras possibilidades de troca entre os homens e a natureza, assim como a dos homens entre si, de que é a lógica e o símbolo. (BRANDÃO, 2002, p.102).

A multiplicidade cultural decorre das inúmeras possibilidades de diálogos possíveis entre os homens e a natureza na sociedade. Assim como dos homens entre si. A natureza e a sociedade são modificadas pelos diálogos e intencionalidades dos sentidos dados pelos homens aos homens. Considerando que a brinquedoteca também é um espaço de cultura ela possui inúmeras possibilidades de criações e recriações, de bens materiais (objetos da natureza) e imateriais (produções de convivência na vida diária).

Exemplo dessa dinâmica cultural pode-se encontrar nas brincadeiras de petecas (vivenciadas entre os anos de 1970 a 1980) em Belém do Pará. Diferentes manifestações lúdicas ocorriam nas ruas, onde os espaços não estavam totalmente urbanizados e a convivência com os amigos (vizinhos) eram mais efetivas.

Jogava-se através de pequenas bolas feitas de vidro os quais tinham por objetivo ganhar as petecas dos outros. Depositava-se uma quantidade de petecas de cada um dentro de um triângulo, e o objetivo era tocar nas petecas do outro para adquiri-la. Existia todo um movimento corporal, lançava-se a peteca no ar, mirava-se a peteca que se queria adquirir e lançava-se. Podia-se acertar ou errar. O Erro levava a possibilidade de perder suas petecas. E elas poderiam ser feitas com apostas (perda da peteca mesmo depois de acabar o jogo) ou sem apostas (as petecas eram devolvidas). A seriedade do jogo estava caracterizada.

No entanto, no presente século, a cultura lúdica foi transformada, assim como os espaços das ruas, hoje com o processo de urbanização (manipulação da natureza) as posturas, regras e valores também se modificaram em sociedade. As ruas são em sua maioria asfaltadas e deram espaço para o trânsito de carros, ou mesmo para a violência social (assaltos, prostituição, tráfico de drogas, etc.)

As famílias mudaram seus comportamentos e hábitos, jogar peteca nas ruas não é mais visto de forma rotineira, e o próprio material já não é encontrado em mercearias de bairro. Atualmente as pequenas bolas são feitas de borracha coloridas que trazem uma nova dinâmica que é a de pular, com imagens de personagens infantis e custa em média cada uma R\$1,00 (um real) a R\$ 3,00 (três reais) e são adquiridas em máquinas que se encontram em lojas, padarias, entre outras. As crianças atualmente colecionam essas bolas.

A dinâmica cultural sobre o jogo é cotidianamente transformada.

Muitos outros jogos são criados e recriados, antes conhecíamos em Belém a “pira” que tinha por objetivo pegar o outro, hoje ela é reconhecida por outro termo pelas crianças e passou a se chamar “pega-pega”.

Segundo Friedmann (2013, p. 53) “Crianças do século XXI revelam – para quem estiver aberto a conhecer suas culturas – criatividade em movimento”. Que trata das formas construídas em uma nova linguagem pelas crianças, existe sempre uma história com raízes e memórias que retratam o movimento humano.

As crianças têm se apropriado de uma liberdade para criar seu próprio repertório, vocabulário e brincadeiras, novidade para nós, que mostram traços de sua multiculturalidade. Nesta, as crianças incorporam elementos de outras culturas, de outras línguas, da tecnologia moderna, elementos de mistério, objetos e personagens dos seus cotidianos, animais, comidas, ações e figuras agressivas, sexualidade, ironias, etc.

É na cultura lúdica que a criança expressa a sua liberdade de construção e modificação do mundo. No imaginário, na fantasia ela projeta o porvir, objeto de desejo dela, transformando em ações práticas, vivenciadas, experimentadas. Seu repertório parte do universo criativo de se permitir, numa multiplicidade de saberes e culturas híbridas. Elas mesclam suas fontes de conhecimento, e constroem novas possibilidades, independente por vezes do mundo do adulto. Para Friedmann (2013, p.63) “A cultura está sempre em transformação e mudança”. As mudanças são movimentos provocados pela aceitação coletiva dos sujeitos sociais em seu contexto vivido.

Para Brougère (2014, p.24) “a cultura lúdica é antes de tudo um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível”. São as formas encontradas, sistematizadas e operacionalizadas que promovem o jogo, as regras podem ser construídas e reconstruídas pelos brincantes no momento do jogo.

Nylse Cunha “O brincar é fundamental, é básico para o desenvolvimento de qualquer criança, porque é brincando que a criança expressa toda sua energia, suas emoções, a sua vontade de conhecer o mundo”¹⁴ (1ª Jornada Nacional de Brinquedoteca). O brincar é uma fonte de possibilidades que concentram a essência do ser humano.

¹⁴ Palestra online restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianopolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. (vídeo) 21 a 24/10/2016.

As relações entre a cultura e o brincar se espelham na vontade livre do brincante em realizar mudanças. Ele busca o novo, aquilo que é diferente por que isso ajuda a se constituir como pessoa, como um novo ser.

Hoje no século XXI, existe a necessidade de garantirmos a possibilidade de brincar das crianças, já que os processos globalizantes de industrialização e urbanização têm diminuído os espaços de brincar democratizado. Nesse sentido, a garantia ao direito de a criança brincar fica garantida por lei.

Entre muitos avanços alcançados nos debates sobre o brincar, enquanto direito a ser estabelecido, temos como referência: o dia mundial do brincar.

Historicamente o Dia Mundial do Brincar foi uma proposta da Dra. Freda Kim – president da *International Toy Library Association* (ITLA) junto a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO). Sua preocupação inicial se voltava à garantia do brincar, e, do jogo as crianças. Assim, deveria ser constituído como direito das crianças.

Em sua o Dia Mundial do Brincar deveria fazer parte do calendário da Organização das Nações Unidas (ONU). Assim, em 1999, foi acordado na Conferência da ITLA em Tóquio no Japão, a data de comemoração do *Word Play Day* (WPD) - escolhida para o dia 28 de maio -; data correspondente a decisão de criação da ITLA na IV Conferência Internacional de Brinquedoteca realizada em Toronto no Canadá.

Os dois primeiros eventos que envolveram o Dia Mundial do Brincar foram na França e na Coréia em 2000. Desta data em diante cada país desenvolve ideias em comemoração ao Dia do Brincar.

O que eu considero não é um evento ou série de eventos, e não é algo que implica em preparações expansivas e caras (ou presentes caros). A essência do jogo é infantil. É o que todas as crianças fazem naturalmente. Portanto, um dia de brincar no mundo deveria ser um dia de total atenção ao outro, de geração em geração. Um dia, quando crianças e adultos fazem o que eles querem fazer. Um dia que é descontraído e enfatiza a interação humana. Nós não precisamos parar o mundo por um dia. Nós jogamos em nosso próprio lugar, casa, escola ou local de trabalho. Talvez eu esteja descrevendo uma atitude, em vez de uma atividade. Um dia que é divertido, mostrar adultos e crianças em situações interativas que promovem o crescimento saudável de uns aos outros em simples atividades, auto motivada de sua própria escolha. Se todos no mundo podem fazer isso no mesmo dia a cada ano teremos um Dia Mundial do Brincar.

Dr. Freda Kim, fundadora do Word Play Day. (Site ITLA, 2015)

A reflexão trazida, por Freda Kim, em 1999 mostrou a simplicidade, e ao mesmo tempo, a importância do valor trazido ao brincar da criança, tanto no sentido de inter-relações familiares, como, na aproximação de pessoas que tem em comum, a possibilidade de convivência. Desse modo, a integração humana possui um caráter valorativo através do brincar, e, defende ainda, a mudança de pensamento e, do comportamento a partir da significação dada através deste tempo da brincadeira.

Administrativamente, o Brasil enquanto país signatário deve assumir o compromisso previsto com a ONU, contido na Convenção dos Direitos das Crianças promulgado pela UNICEF/Brasil, promovendo a garantia do direito e, acesso da criança a atividades lúdicas (jogo, brinquedos e brincadeiras), tanto como das atividades artísticas e culturais. A Convenção dos Direitos da Criança foi promulgada no Brasil através do decreto presidencial **Nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. É reconhecida no artigo 31:

1 - Os Estados Partes reconhecem **o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas** próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.

2 - Os Estados Partes **promoverão oportunidades adequadas para que a criança, em condições de igualdade, participe plenamente da vida cultural, artística, recreativa e de lazer**. (grifo nosso)

Portanto, toda defesa empírica defendida do brincar da criança com caráter de não sério, em verdade ofendem e burlam a lei. A importância do brincar da criança, e, a garantia ao acesso cultural e, artístico deve estar não somente previsto, através de políticas públicas eficazes que atendam a demanda em nível mundial e nacional; como também, devem fazer parte das práticas diárias, sendo este o compromisso de lutas dos que acreditam na importância e no valor lúdico para a humanidade.

A existência do Comitê dos Direitos da Criança criado no art. 43 da Convenção acima citado, tem como objetivo fiscalizar e controlar a aplicação pelos Estados Partes, do que se refere às disposições e de seus protocolos.

Desse modo, os Estados que fazem parte devem encaminhar ao comitê, as medidas adotadas através de relatórios a cada cinco anos, para tornar efetivas as disposições contidas na convenção. Por outro lado, o comitê é responsável de emitir observações ressaltando aspectos positivos e, ou detectando problemas existentes. Para então, recomendar sobre possíveis soluções a serem adotadas aos representantes do Estado Parte.

Em 01 de fevereiro de 2013, o Comitê emitiu nota sobre o artigo 31. Segundo Wanderlino Nogueira Neto, que transcreve o comentário em inglês, e cuja tradução citamos abaixo

Genebra, 01 de fevereiro de 2013.¹⁵

AS NAÇÕES UNIDAS DEFENDEM O DIREITO DAS CRIANÇAS
EM BRINCAR, À ARTES E
LAZER EM UM MOMENTO NOTÁVEL PARA AS CRIANÇAS.

As Nações Unidas adotam uma interpretação aprofundada dos
“esquecidos” direitos da
Crianças

Hoje o comitê das nações unidas, pelos direitos da criança anunciou a adoção de um documento oficial, ou “comentário geral” que esclarece para os governos do mundo inteiro o significado e importância do Art. 31 da Convenção dos Direitos da Criança. O Art. 31 que atesta “os Estados Partes reconhecem o direito das crianças ao descanso e lazer, a engajar-se em brincadeiras e atividades recreacionais (recreativos)... e a participar livremente da vida cultural e nas artes”.

O art. 31 vem a tempo sendo considerado “o artigo esquecido” da convenção.

O Comentário Geral adotado hoje, porém, corrige aquilo que está sendo aplicado errado, ao claramente definir as responsabilidades dos governos, que estão implícitas no artigo. Os objetivos estatuídos no comentário geral:

a) Aumentar a compreensão da importância do art. 31 para o bem-estar e desenvolvimento da criança, e para a conscientização de outros direitos na convenção.

b) Prevê a interpretação dos Estados Partes com relação a provisões, e consequentes obrigações, associado ao art. 31

c) Provê o direcionamento das medidas educacionais, sociais, administrativas, judicial e legislativa. Essas, medidas são necessárias para tornar certa sua implementação para todas as crianças sem discriminação e na qualidade base de oportunidades.

É compreensiva a preocupação do Comitê do CDC quanto ao artigo esquecido. Pois, os Estados Partes, incluindo o Brasil, tem negligenciado a importância do brincar, das atividades lúdicas e de lazer, as artes e as vivências culturais enquanto políticas públicas efetivas. Por outro aspecto, desperta a necessidade de se pensar a formação específicas do profissional que atenderá esta demanda, e que atenda as competências e, habilidades nas funções que englobe estas atividades e áreas de conhecimento. Nesse caso: os brinquedistas.

Segundo Brougère (2014, p. 20) “Brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem”. O brincar do ponto de vista do autor é um

¹⁵Tradução realizada por Lilian Costa de Andrade (2015)

movimento possível de ser realizado pelo indivíduo, pressupondo um processo cultural lúdico do indivíduo, pois ao brincar ele não está isolado, ele está se comunicando, mesmo que com o mundo imaginário. Assim, o brincar é construído com uma significação social de interpretação do mundo. Quando vemos uma criança supostamente brincar “sozinha”, em verdade a vemos brincando e se relacionando com um boneco, um carro, ou outro objeto que pode ser seu próprio corpo, e ele interage com o brinquedo/objeto, logo, o discurso, as falas com o outro imaginário pressupõe uma aquisição de saberes que são aprendidos pela sua fala interior.

Para Brougère (2014, p.19) *apud* Freud (1973, p.70) “Toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar o mundo só seu, ou, mais exatamente, por transpor as coisas do mundo em que vive para um universo novo em acordo com suas conveniências”. Ao brincar, a criança cria um novo modelo de mundo, com regras criadas as quais são levadas a sério e, consegue distingui-la do mundo real, ele constrói um mundo imaginário como um poeta do brincar.

Para o autor em uma perspectiva sociológica do brincar, supõe-se, que sejam conjuntos de atividades humanas dentro de um processo que possibilita a interpretação complexa. Mas alerta que cada cultura possui um caráter analógico interpretado daquilo que compreendemos como “brincar”.

Outra análise que envolve um dos elementos que encontramos na ação humana dentro da brinquedoteca é o jogo, ou seja, “o jogo só existe dentro de um sistema de designação, de interpretação das atividades humanas”. (BROUGÈRE, 2014, p. 21).

Brougère (2014, p.23) afirma que “Para que uma atividade seja um jogo é necessário então que seja tomada interpretada como tal pelos atores sociais em função da imagem que têm dessa atividade”. As crianças, os jovens, adultos ou idosos interpretam cada um dentro de sua vivência o jogo pela intencionalidade e, ou imagem dada a ele. No repertório infantil, o universo do jogo é muito presente, de um momento a outro a criança encontra no jogo seu tempo e constrói suas regras em um processo contínuo de aprendizagem, aprende-se a brincar e como brincar. Para os jovens e adolescentes o jogo pode ter seu valor nos desafios e superações a serem alcançados. Lembro-me de observar os jovens na praça Batista Campos em Belém, estavam com uniformes escolares, não se sabe se na hora de recreio, ou simplesmente no ato de driblar as aulas, mas o certo é de vermos de que um instante a outro, desenvolveram um jogo com os recursos de obstáculos da própria

praça, a ponte sobre o lago. Eles então começaram a tentar saltar da pilastra da ponte para alcançar a trilha da praça sem cair no lago. E cada um mostrava um grau de dificuldade aliando diferentes possibilidades de dificuldades. Felizmente nenhum caiu no lago.

Para os adultos algumas vezes o jogo envolve conquistas, e são impressionantes as formas como se expressam. A competição surge às vezes de modo deliberado, como elemento motivador do jogo. Os adultos também vivem intensamente esse tempo do jogo, mesmo de modo lúcido quanto à natureza do jogo e a realidade. Lembro ao ministrar um curso sobre os jogos e a cultura, ter considerado que os profissionais resgatassem das memórias os jogos mais significativos que eles tinham vivenciado, e uma das escolhas levaram ao “cemitério”¹⁶. Eles vivenciaram plenamente o jogo sem se preocupar com sua idade, mas o que me chamou a atenção foi que uma criança que estava olhando pediu para participar junto com eles. E assim durante o jogo, não havia para os jogadores diferença entre idades e sim o objetivo do jogo, tanto foi necessário interferir chamando-lhes a atenção sobre a força com que estavam jogando para atingir a criança era desproporcional. Naquele momento a interpretação dada pelos jogadores estava simplesmente em quem ganharia o jogo. Para os idosos, as relações de convivência no jogo são muito importantes.

Devemos deixar claro que não estamos aqui defendendo que a forma do jogo se caracteriza pela sua faixa etária, mas exemplificamos que o jogo não possui limites de idades para jogá-lo. É comum na cultura dos homens ouvirmos que existe uma criança em nós, como se o jogo em nossa sociedade, somente fosse justificado para a infância. Segundo Brougère (2014), o jogo é construído e interpretado nas interações sociais dentro de um processo complexo do ser humano, logo sem limites de faixa etária para jogá-lo.

Caillois (1990) ao abordar sobre a vocação social do jogo, o autor esclarece o elemento da rivalidade que surge durante o jogo, quando afirma, “Nesses variados exercícios surge um elemento de rivalidade já que cada um tenta ofuscar os seus rivais, talvez invisíveis ou ausentes...”. (CAILLOIS, 1990, p.59). Assim, o jogo

¹⁶ Jogo cujo objetivo é atingir com uma bola os membros das equipes contrárias, levando os atingidos a ficarem no “cemitério” que é o espaço reservado aqueles que foram atingidos, mas continuam participando ativamente do jogo. É também conhecido em outras localidades do Brasil, como “Queimada”.

apresenta o elemento da rivalidade, tanto quanto o tempo determinado e o espaço definido, mesmo naqueles vivenciados dentro da brinquedoteca.

Os jogos “tem necessidade de presenças activas e aderentes” (CAILLOIS, 1990, p. 61), desse modo, podem ser compreendidos como ações, movimentos, práticas ou atividades com determinação de regras construídas pelos sujeitos sociais que integram os seus contextos culturais, e sociais.

Caillois (1990) também irá categorizar os jogos em *agôn*, *alea*, *mimicry*, *ilinx* e correlaciona-lo as formas culturais existentes no mecanismo social. Assim os jogos *agôn* são aqueles que evocam a competição, que normalmente a cultura nos leva aos mecanismos de esportes, ou aqueles que possuem regras flexíveis ou adaptadas, como no caso do vôlei de lençol vivenciado pelas idosas na brinquedoteca Joana d’Arc, mas o elemento ou fator preponderante é a rivalidade existente entre as equipes. A categoria *agôn* em sua relação com a sociedade implica na sociedade em algumas institucionalizações como a competição existente no mercado de trabalho, ou concursos.

Para o autor os jogos *Alea* são aqueles jogos que dependem da sorte, como fator de desenvolvimento na relação cultural de início do jogo para ver quem começa, tal como: pedra, papel, tesoura; zerinho ou um; par ou ímpar, bingo onde todos dependem da sorte, assim como alguns jogos de cartas, de dados, apostas ou de cassinos. Na sua forma institucionalizada lembra-se dos jogos de loteria promovida pela Caixa Econômica Federal, ou aqueles que compreendem a especulação na Bolsa de Valores.

A outra categoria *Mimicry* envolve as relações de simulacro, representações e fantasias, a interpretação do outro em mim. Nas diferentes formas culturais como o carnaval, o teatro, o cinema, etc., os sujeitos assumem uma nova personalidade, assim as relações institucionalizadas como o uniforme absolve aos sujeitos suas representações simbólicas. É o caso da “seleção canarinho” como é reconhecida a seleção brasileira de futebol, o uniforme com camisa amarela e bermuda azul, são emblemáticas e evoca a comoção nacional ao vesti-la, pois na forma institucionalizada o uniforme representa toda uma nação.

Por fim Caillois (1990) categoriza os jogos *Ilinx* são aqueles de vertigem, tais como o alpinismo, ou os reconhecidos esportes de aventura ou radicais, tais como, skates, *surf*, *arvorismo*, *Junping Bungee*, *entre outros*. Algumas profissões

institucionalizadas necessitam dessa vivencia, como os bombeiros, os militares do exército, aeronáutica, arquitetos, engenheiros civis, entre outros.

Na brinquedoteca as categorias dos jogos *agôn*, *alea* podem ser comparadas às brincadeiras com os brinquedos que lá estão, incluindo os de tabuleiro, bolas, cartas, bingos, os brinquedos tecnológicos com *Xbox*. Os jogos *mimicry* são encontrados no cantinho das fantasias, com pinturas de rosto, vestimentas nos mais diferentes personagens, as atividades de contação de histórias, fantoches, teatro. E os jogos *ilinx* também podem ser encontrados em algumas brinquedotecas privadas, como o pula-pula, brinquedos de escaladas na parede, o rapel, a escada de corda que fica a uma altura média de 15 metros do chão que somente podem ser vivenciados com equipamentos de segurança e com idades pré-estabelecidas.

Huizinga (2008) o jogo necessita ser uma atividade voluntaria para ser considerado jogo, caso esteja sujeito a ordens deixa de sê-lo. Assim o princípio de liberdade do jogo precisa ser garantido. Daí compreendermos por que a brinquedoteca é um espaço do brincar livre e voluntário, onde o brinquedista media as atividades quando solicitado, pois, no momento em intervém o jogo perde sua característica e, portanto, o espaço perde sua função. “À primeira das características fundamentais do jogo: fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade”. (HUIZINGA, 2008, p. 11)

Para o autor os jogos também têm por característica a distinção entre a realidade e o imaginário. A criança ao brincar com seu próprio corpo no momento em que seu imaginário estabelece o tempo do jogo, ele se transforma em uma multiplicidade de possibilidades. Huizinga (1990, p.11) afirma “Uma segunda característica, intimamente ligada à primeira, é que o jogo não é vida “corrente” nem vida “real”. Pelo contrário trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade de orientação própria”.

Ao entrar na brinquedoteca, as diferentes fantasias existentes mostram de modo claro essa distinção. Lembro-me de um dia adentrar na Brinquedoteca Joana d’Árc do Curso de Educação Física da UEPA e, encontrar com duas crianças entre 10 e 12 anos que estavam com a capa de *Harry Potter*, e corriam com uma varinha transformando tudo que encontravam pelo caminho. O mundo deles naquele momento havia se transformado e, ocorreu um intervalo naquele breve espaço de tempo do mundo vivido de suas realidades.

O tempo do brincar na brinquedoteca é um tempo institucionalizado. Tem início e fim de funcionamento, da mesma forma o jogo tem o seu tempo determinado pelos jogadores “a terceira de suas características principais: o isolamento, a limitação. É “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e de espaço”. (HUIZINGA, 1990, p.12). É interessante quando observamos as crianças jogando livremente e decidem o tempo de encerramento do jogo, diferentemente quando o tempo imposto e institucionalizado do jogo encerra, por vezes vemos as crianças, cada um a seu modo, retratar sua insatisfação. Às vezes por choro, às vezes pela celebre frase: Aaah! Já acabou. Só mais um pouquinho.

Durante o jogo “tudo é movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação” (HUIZINGA, 2008, p.12). O tempo para o jogo sofre alternâncias, pois poderá se perpetuar através da memória, transformando-se assim em um fenômeno cultural transmitido oralmente, e modificando-se pela dinâmica histórico-cultural da sociedade. Do mesmo modo o espaço do jogo sofre alternâncias e é delimitado e escolhido pelos jogadores.

Os espaços de jogos de perseguição: pega-pega; pira-alta; polícia e ladrão escolhido são delimitados e dependem dos jogadores. Alguns espaços escolares são interessantes espaços de observação. Irei me ater aos jogos no horário de saída da escola – nesse caso no pátio de saída do Instituto Adventista Grão Pará em Belém do Pará, onde existe uma concentração de crianças de diferentes faixas etárias em uma área pequena diariamente. Lá as crianças brincam de pega-pega, pira ao alto (é interessante que qualquer elevação mesmo tampas de esgotos servem para usar como ponto de elevação; pequenas muretas de jardim), outras se concentram em jogos de carta do Uno, outros conversam, outras brincam jogos de adoleta, outros com brinquedos próprios, etc.

O espaço de saída da escola é ressignificado pelos estudantes, transformado em um breve momento, de pátio interno de conexões de entrada e saídas para o espaço de jogo. É interessante que esse momento do jogo só ocorre na saída, pois na entrada das crianças e jovens na escola, ele cumpre o papel estrutural e funcional de trânsito.

Segundo Huizinga (2008, p. 13) outra característica é que o jogo “cria ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta...”. O jogo tem um significado e organização para os brincantes, possuindo um valor próprio, onde a

perfeição está no modelo de regras e formas que o jogo possui, pois está sujeito a eles. Ele é fascinante e cativante ao mesmo tempo.

Na compreensão do autor “Os jogos infantis possuem a qualidade lúdica em sua própria essência, e na forma mais pura dessa qualidade”. (HUIZINGA, 2008, p. 21). Assim, as brinquedotecas enquanto espaço destinado ao brincar, ao jogo e ao brincar permite fluir a essência lúdica, e a cultura lúdica.

Para Brougère (2014, p. 24) “a cultura lúdica é antes um conjunto de procedimentos que permite tornar possível o jogo”. Nesse sentido ela surge no movimento ou procedimentos existentes pela produção dos indivíduos que dela participam. O movimento de jogos, brincadeiras, brinquedos através das práticas e das interações entre os sujeitos que dão sentidos e significados ao espaço de brinquedoteca que nos permite compreender que lá ocorre a construção de saberes e também de culturas lúdicas.

Na realidade, como qualquer cultura, ela não existe pairando acima de nossas cabeças, mas é produzida pelos indivíduos que dela participam. Existe na medida em que é ativada por operações concretas que são as próprias atividades lúdicas. Pode-se dizer que é produzida por um duplo movimento interno e externo. A criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê evocadas anteriormente, que constitui sua cultura lúdica” (BROUGÈRE, 2014, p.26)

A cultura não está isolada na sociedade, mas é produzida pelo conjunto de movimento de interações entre os sujeitos sociais e o mundo natural, é aprendida através das experiências práticas, ou seja, do acúmulo de conhecimentos trazidos pelas suas vivências.

A cultura lúdica parte das relações coletivas através de ações concretas e que são aceitas na forma em que se apresenta no contexto. Esse processo é interno em virtude da apreensão cognitiva da relação do indivíduo com o mundo social, de suas experiências próprias do brincar, e é externa, a partir das interações com outros sujeitos que contribuem nas suas transformações. “A cultura lúdica como toda cultura é o produto da interação social”. (BROUGÈRE, 2014, p.27).

A cultura lúdica existente nas brinquedotecas é decorrente não do espaço construído, na sua forma estrutural, mas, pelo conjunto de atividades que envolvem os processos de interações entre os sujeitos sociais. As trocas de experiências vividas das práticas do brincar.

A construção da cultura lúdica na brinquedoteca envolve também o brinquedo que é um objeto de apropriação na ação lúdica.

É certo que, atualmente, nossa cultura lúdica está muito orientada para a manipulação de objetos; sem dúvida, isso é uma dimensão essencial. Como consequência ela evolui, em parte, sob o impulso de novos brinquedos. Novas manipulações (inclusive jogos eletrônicos e de videogame), novas estruturas de brincadeiras, ou desenvolvimento de algumas em detrimento de outras, novas representações: o brinquedo contribui para o desenvolvimento da cultura lúdica. (BROUGÈRE, 2010, p.54)

No século XXI múltiplas relações sociais intervêm no processo do brincar, logo, da construção da cultura lúdica. Assim as atividades lúdicas têm apontado o brinquedo como objeto a ser manipulado para as suas práticas.

Sob a influência midiática os brinquedos industrializados são alvos de desejos em curtos espaços de tempo, pois a mídia impõe uma infinidade de brinquedos cada um com recurso diferente, cuja procura e ofertas não acompanha a tecnologia de informação e comunicação.

Tomaremos como exemplo as relações dos filmes ou desenhos animados com a produção de bonecas ou bonecos e seus acessórios. A Marca Mattel que produz algumas das bonecas das princesas Disney possuem diferentes modelos de uma mesma personagem, e além da boneca em si o acompanhamento de acessórios que as diferenciam um modelo de outro, são expostos na mídia para o consumo da criança em curtos espaços de tempo.

A rotatividade dos tipos e acessórios faz com que a criança queira adquirir vários modelos simplesmente porque um acessório é diferente de outro. Um apresenta uma boneca cinderela sem brilho e outra com brilho, uma com castelo, outra com carruagem, uma na forma de bebê, outra como menina, outra com um vestido mágico (que passando uma varinha aparece um desenho), outra em miniatura.

Toda a relação de consumo produz uma mudança na cultura lúdica das crianças no ato de brincar. Em depoimento no relatório final de atividades da brinquedoteca Joana d'Árc do CEDF/UEPA, encontramos uma que nos chamou a atenção. Uma criança ao conversar com a brinquedista do local perguntou se tinha aboneca *Barbie* para ela brincar, pois suas colegas tinham, mas, ela não. Então a brinquedista apresentou um modelo de boneca da *Barbie* que é encontrado nas lojas

de R\$ 1,99 – Belém Importados em Belém do Pará -, em um modelo que é o mais simples. A criança ao olhar para aquela boneca exclamou.

- Não tia, essa *Barbie* não vale ela não é a verdadeira.

O reconhecimento da criança sobre a boneca estava atrelado aos modelos mais atualizados da indústria do brinquedo, e a cultura do brincar naquele momento ficou atrelada ao desejo de superação da relação econômica e social da criança.

A relação do brinquedo na brinquedoteca e da cultura lúdica transformada pela mídia também ocorre quando as crianças entram no espaço e descobrem a inexistência de videogames, mas conseguem dinamizar as suas atividades para outras vivências construídas com os brinquedos lá encontrados.

Para Benjamin (2009) as relações surgidas entre o brinquedo e o brincar são dialeticamente comparáveis às relações do adulto e da criança. Para o adulto a visão sobre o brinquedo está voltada a sua representação pedagógica, a sua funcionalidade educativa na brincadeira da criança. Para a criança o brinquedo é o objeto que proporciona ou media o seu brincar, a sua prática lúdica.

A preocupação da criança para o autor é que a relação cultural construída não se limita aos brinquedos enquanto de alta tecnologia. Pois, a criança pode utilizar como brinquedos objetos que os adultos jogaram fora. No século XX, em Belém do Pará, quando as ruas eram espaços rotineiros do brincar, viam-se crianças com o brinquedo construído por um pneu de triciclo pequeno feito de borracha, um cabo de vassoura que possuía na ponta uma garrafa de plástico vazia de água sanitária da marca Quiboa. O conjunto desses objetos transformava-se em brinquedos, e eram usados por crianças as quais não podiam usufruir brinquedos industrializados, ou seja, eram construídos por crianças à margem da sociedade.

Para Benjamin (2009, p. 127) ao abordar sobre os brinquedos russos inicia seu texto afirmando, “Originalmente os brinquedos de todos os povos descendem da indústria doméstica”. Assim, o processo de criação do brinquedo é constituído pelas crianças brincantes que podem fazer uso de um simples cabo de vassouras que se transforma num cavalinho, ou das pernas de um adulto para ser uma gangorra.

Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só as crianças, mas também aos pais. (BENJAMIN, 2009, 91-92).

O valor simbólico do brinquedo é dado pela criança que significa o objeto. Em si o brinquedo se materializa através do imaginário livre e criativo da criança no local onde vive, normalmente pode-se considerar seu lar, mas posteriormente sofre a influência da cultura social e da ampliação de suas relações pessoais, que convergem para a escola ou outros grupos culturais.

Na brinquedoteca o brinquedo possui a função de objeto que facilita a cultura lúdica da criança, no entanto, as visões pedagógicas também possuem duas concepções distintas sobre os processos de aprendizagem.

A primeira é compreendida como espaço livre de aprendizagem lúdica, ou seja, o brinquedo, o brincar e o jogo oportunizam vivências, experiências e saberes que são trocados entre os brincantes, sem a intervenção do adulto.

A segunda é compreendida como espaço de aprendizagem pedagógica institucional, ou seja, o brinquedo, a brincadeira e o jogo, possuem uma função de aprendizagem formal, agregando conhecimentos com teor específicos.

Nossa abordagem durante a pesquisa procura estar fundamentada na primeira concepção defendida por Nylse Cunha (2016), ao ser indagada se uma brinquedoteca deve seguir algum conceito; alguma linha educacional? Ela responde:

“Não pode, não pode de jeito nenhum, porque é uma linha, uma filosofia educacional tem preceitos básicos, preceitos rígidos... eu acho que essas filosofias são fundamentais, a gente deve conhecê-las para visualizar aspectos que passam despercebidos na vida diária, então a gente passa a percebê-los, mas não pode usar o conceito para fechar ideias, para fechar o uso dentro daquilo...a mesma coisa com a visão Wandorf que não vai aceitar os brinquedos de plásticos...então tudo isso é importante para enriquecer a visão e não para limitar.”¹⁷ (CUNHA, 2016, vídeo da 1ª Jornada Nacional de Brinquedotecas)

A defesa de Cunha (2016) sobre a brinquedoteca mostra com clareza a importância de ser um espaço de cultura lúdica, onde a liberdade é um princípio ativo para brincar. É um lugar onde as construções de saberes fazem parte das experiências vividas e construídas socialmente e historicamente pelos sujeitos, que dão vida ao espaço. E que ao vivenciá-lo possuem representações simbólicas que dão sentidos as suas práticas.

A brinquedoteca da abertura para à criança, o jovem e o adulto brincarem livremente, dando-lhes autonomia sem cobranças. Possibilitando o desenvolvimento

¹⁷ Palestra online restrita aos inscritos. Acessado no site <http://www.indianopolis.com.br/curso/participe-da-1a-jornada-nacional-da-brinquedoteca>. (vídeo) 21 a 24/10/2016.

de aspectos cognitivos, o equilíbrio emocional, potencializando suas descobertas individuais e coletivas durante o ato de brincar.

Na brinquedoteca os sujeitos sociais valorizam os diferentes aspectos que envolvem as atividades lúdicas, o brincar e o brinquedo, fluindo sua essência criativa de modo livre, além de promover a convivência e a troca de saberes.

A brinquedoteca é o espaço onde existem as melhores condições para que isto aconteça, mas depende para tanto da correta formação de seus brinquedistas. Lá as crianças criadoras do futuro que são, podem ser livres para descobrirem novos significados em resposta a novas experiências, ao invés de serem conduzidas para adquirir significados criados por outros. (CUNHA, 2011, p.21)

Em amplo aspecto a brinquedoteca é um espaço de integração e interação pessoal, para todos os seus participantes, quer dos que adentram a ele, como aos que o organizam. Do mesmo modo a função dos brinquedistas pressupõe assumir a mediação nas vivências do brincar. Não cabe ao brinquedista fazer o papel de professor pedagógico, mesmo que seja sua habilitação profissional. Não deve direcionar a brincadeira, pois ele não deve cumprir o papel das escolhas do brinquedo, como brincar tal jogo, a menos que seja solicitado pelo brincante. Ele cumpre o papel de mediador para oportunizar a máxima vivência do brincar pelo brincante.

Na segunda concepção, Kishimoto (2010) esclarece a partir de sua experiência em pesquisas através do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos da Faculdade de Educação de São Paulo – Labrim/Feusp, que a escola e a infância constituem uma rede de saberes que interligam as abordagens epistemológicas de correntes filosóficas, psicológicas e antropológicas, influenciando o surgimento de novas metodologias. No Brasil entre 2008/ 2009 foi identificado o surgimento de 565 brinquedotecas

Os debates oriundos sobre a importância do brincar da criança e de sua proteção são instituídos na forma da lei, e destas, irão refletir em algum ponto na construção curricular. Não foi diferente no presente século, como vimos na consolidação dos direitos da criança. Hoje percebemos os debates de professores da infância, e anseio de como desenvolver um trabalho pedagógico sobre o brincar. Assim, a brinquedoteca, também, ganha o espaço de discussão e debate nas escolas e no universo científico.

Kishimoto (2011) *apud Brasil/Serviço de Ensino Superior SESU/MEC (2009)* considera os critérios de qualidade dos cursos de pedagogia onde,

O uso da ludicidade como princípio importante para o ensino-aprendizagem, instalações físicas, equipamentos, jogos e brinquedos em que professores em formação realizam simulações que favorecem o trabalho na Educação Infantil e Ensino Fundamental (BRASIL/SESU, 2009).

Os cursos de pedagogia no Brasil, desde 2010, são avaliados pelo INEP com um instrumento que consolida a necessidade dos Cursos de Pedagogia, possuírem brinquedotecas. Conforme indicador do Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores de Pedagogia (2010).

Quadro 02: Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores de Pedagogia.

Indicador	Conceito	Critério de Análise
3.12 Brinquedoteca	1	Quando o curso não possui brinquedoteca.
	2	Quando a brinquedoteca está insuficientemente adequada, considerando os seguintes aspectos: instalações físicas, equipamentos, jogos educativos e brinquedos.
	3	Quando a brinquedoteca está suficientemente adequada, considerando os seguintes aspectos: instalações físicas, equipamentos, jogos educativos e brinquedos.
	4	Quando a brinquedoteca está adequada, considerando os seguintes aspectos: instalações físicas, equipamentos, jogos educativos e brinquedos.
	5	Quando a brinquedoteca está plenamente adequada, considerando os seguintes aspectos: instalações físicas, equipamentos, jogos educativos e brinquedos.

Fonte: Ministério de Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP Diretoria de Avaliação da Educação Superior – DAES Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES. Disponível no site: http://download.inep.gov.br/download/superior/condicoesdeensino/2010/instrumento_reconhecimento_curso_pedagogia2.pdf

Ressignificar o ambiente e as vivências lúdicas, potencializadas nos debates e discursos críticos e reflexivos acadêmicos tem sido o papel das brinquedotecas universitárias. A brinquedoteca alcança os processos vivenciais e educacionais nas bases no tripé ensino, pesquisa e extensão nas instituições superiores, e, passou a ser tema contínuo junto com os elementos que adentram teoricamente ao local: o jogo, o brinquedo e a brincadeira.

Devemos refletir amplamente sobre os processos de inserção das brinquedotecas no curso de pedagogia, pois, esses laboratórios do brincar, necessitam fomentar debates de quais são os elementos que estão relacionados diretamente aos saberes, históricos, políticos, filosóficos e culturais das pessoas que ali adentram, e não a preocupação funcional dos processos metodológicos sobre o aprender através do brincar, que é a prática mais comum.

E por que isso ocorre? Talvez porque a instituição universitária não compreenda os processos de construções das brinquedotecas e limitam aos acadêmicos o uso do brincar como processo metodológico do ensinar.

O contexto educacional da formação do brinquedistas adentra ao universo pedagógico, mas com grande amplitude a dois cursos: pedagogia e terapia ocupacional. Pressupõe-se que isto decorra pelos campos de maiores discussões sobre as brinquedotecas escolares e brinquedotecas hospitalares.

Negrine (2011) preocupa-se com a necessidade de o pedagogo olhar para um novo espaço educacional emergente, a brinquedoteca. E neste espaço há a necessidade de formação de um profissional específico, o brinquedista.

[...] o brinquedistas (ludotecário), isto é, aquele que deve ser preparado, não apenas para atuar como animador, mas também como observador e investigador da demanda de usuários no âmbito das brinquedotecas. Tarefas desta dimensão social requerem formação consistente que nos atrevemos perfilar num primeiro momento de formação genérica em três pilares: *formação teórica* – *formação pedagógica* – *formação pessoal*. (NEGRINE, 2011, p.87)

Nesta perspectiva, existe uma demanda profissional que deve ser considerada. Pois o brinquedista necessita de uma formação que amplie seu conhecimento sobre os aspectos que estão voltados ao próprio espaço, e das pessoas que vivenciam os amplos aspectos do brincar. Na compreensão trazida pelo autor os três pilares tratam de bases que conduzam às práxis do profissional. A formação teórica está direcionada as teorias fluentes que correlacionem aos processos de aprendizagem, do jogo, do tempo livre, do lazer demarcadas pelos paradigmas que se situam na sociedade.

A formação pedagógica está voltada diretamente à formação teórica através das vivencias oportunizadas no espaço de brinquedotecas e da tomada de consciência, assim como, das possibilidades de interação pessoal – que envolve

crianças; jovens e adultos. A formação pessoal compõe os diferentes saberes e contextos que contribuam ao desenvolvimento do ser humano em sua totalidade.

A educação formal, seja ela escolar da educação básica ou universitária, refere-se à instituição com conhecimentos próprios e instituídos. Na escola as brinquedotecas são conduzidas normalmente por professores/pedagogos, que por vezes direcionam o ato de brincar correlacionando-os aos processos de ensino-aprendizagem. Por isso os próprios brinquedos normalmente são pedagógicos, com a funcionalidade para o conhecimento das disciplinas de matemática, do português, das ciências, entre outras.

Ao analisar sobre o brincar na educação de crianças pequenas Debortoli (2009, p. 67) afirma

Sabemos que o processo de elaboração do conhecimento na escola é complexo. Observo que as professoras, muitas vezes, organizam suas ações pedagógicas sem retomar suas próprias trajetórias, experiências, saberes, infâncias, brincadeiras, suas vidas cotidianas. Professoras e crianças veem-se envolvidas por expectativas, teorias, referências e parâmetros, de cuja elaboração não participam ou nos quais foram incluídas de forma extremamente apassivada. Muitas vezes não se reconhecem naquilo que se veem obrigadas a fazer.

O brincar e a brinquedoteca escolar possuem historicamente esses emaranhados de fatores que criam impactos sobre a sua concepção. Talvez seja essa uma das superações a ser debatida e refletida quando pensamos na brinquedoteca escolar. A própria convivência entre professores e crianças possui uma tensão que precisaria ser trabalhada para que ambas construíssem os saberes necessários sobre o brincar. Sem que estivessem alijadas dentro do processo, mas em um reencontro de sua essência lúdica.

O autor ainda faz referência aos jargões estabelecidos quando se referem a brincadeira pedagógica, pois ela é reconhecidamente compreendida como:

As brincadeiras pedagógicas **estão relacionadas àquilo que as professoras consideram como aprendizagens escolares** e, na maioria das vezes, são articuladas a uma ideia de alfabetização e de aprendizagens matemáticas: brincadeiras do tipo forca, jogo de memória, boliche, rilhas, etc. **A professora faz todo o esforço para dar um tom mais agradável** ao que ela quer ensinar. (DERBORTOLI, 2009, p.67, grifo nosso).

A noção de atividade lúdica relacionada ao prazer encontra o paradoxo da obrigatoriedade de se fazer por que tem que aprender. A essência de liberdade

criativa é claramente cerceada nessa visão. Portanto, não basta à escola oferecer a estrutura do espaço de brinquedoteca escolar, é preciso antes compreendê-lo nas suas diferentes dimensões.

O professor precisa conhecer o papel do brinquedista, e passar por uma formação se necessário, para possibilitar que o brincar possa fluir enquanto cultura lúdica.

Uma amostra da interpretação dada a brinquedoteca na escola pode ser observada no Programa Mais Educação do MEC, na área de esporte e lazer no Macro - Campo: Recreação e Lazer: Brinquedoteca que tem por premissa o “Incentivo às práticas de recreação e lazer como **potencializadoras do aprendizado das convivências humanas em prol da saúde e da alegria.** Priorização do brincar como elemento fundamental da formação **da criança e do adolescente**” (Manual de Operacionalização do Programa Mais Educação, 2013, p. 19-20, grifo nosso).

O Ministério de Educação no Brasil compreende a brinquedoteca para o incentivo às relações do brincar e da convivência humana, além de ampliar a visão do brincar para os adolescentes. Assim, a educação mesmo que formal pode ser um campo de liberdade de novos aprendizados pela interação dos sujeitos sociais, bastando que compreenda que a educação também ocorre dissociada dos conteúdos curriculares previstos nas diretrizes nacionais de educação.

A educação é a promoção de saberes, ou conhecimentos que respeitem as relações de convivência e diálogo, e que constrói o universo cultural de modo geral.

A possibilidade de realizar uma releitura sobre a brinquedoteca a partir do olhar do profissional brinquedista é para nós, um caminho que poderá nos fazer refletir com mais amplitude esses elementos iniciais identificados quando se debate sobre esse espaço de brincar e de convivência. Para isso, analisaremos os discursos existentes dos brinquedistas em diferentes espaços de brinquedotecas públicas.

3. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.

Por se tratar da complexidade da construção do conhecimento humano nos valem da pesquisa social para subsidiar nossa metodologia. Uma vez que se trata de obter conhecimentos sistematizados das realidades sociais com caráter essencialmente qualitativo do campo a ser pesquisado.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, nos preocupamos em analisar o discurso dos brinquedistas refletindo nas suas contribuições a partir da construção de saberes lúdicos, educacionais e culturais provenientes de suas vivências e experiências diárias nos espaços de brinquedotecas públicas em Belém do Pará.

Para uma reflexão social trazemos Garfinkel (2012) através da etnometodologia que considera os fatos sociais como práticas que são construídas na vida diária dos sujeitos sociais e por eles são interpretadas.

3.1. A Etnometodologia como abordagem

A opção pelo referencial da pesquisa está subsidiada na etnometodologia. Segundo Alain Coulon (2005) a etnometodologia é uma corrente da Sociologia americana, proposta por Harold Garfinkel, em fins de 1960 com fins a romper com a sociologia tradicional em busca de uma nova postura intelectual. Em conformidade a influencia obtida de outros teóricos dentre eles Talcott Parsons, Alfred Shültz e da escola de Chicago.

Segundo Coulon (2005) Parsons traz a ideia central da Teoria da Ação que compreende as motivações dos atores sociais integradas aos modelos normativos que irão regular as normas de condutas e as apreciações recíprocas, desse modo, explica-se a ordem social e sua reprodução nos encontros interpessoais. Isto ocorre em consonância a teoria freudiana que esclarece que as regulações da vida social são interiorizadas pelo indivíduo em virtude do “super ego”.

No entanto, Garfinkel propôs uma nova ótica,

La Etnometodología planteará de otra forma el problema: la relación entre actor y situación no estará basada em los contenidos culturales ni em las reglas, sino que nascerá a partir de procesos de interpretación. Hay aquí un cambio de paradigma sociológico: con la Etnometodología pasamos de um paradigma normativo a um paradigma interpretativo.(COULON, 2005, p. 13)

A mudança etnometodológica da postura da formulação dos problemas irá ser consolidada a partir de um paradigma interpretativo. Ou seja, propõe uma transformação de paradigmas do ponto de formulação dos problemas sociais. Deixando de considerar que os conteúdos culturais obtidos não são provenientes das relações dos atores com as normas e regras existentes. E sim, dos processos de interpretação.

Segundo Coulon (2005) outra teoria utilizada para dar sentido a etnometodologia foi a compreensão da intersubjetividade em Alfred Shütz (1987) que determinará uma visão da Fenomenologia Social e que afirma que a realidade social é,

La suma total de los objetos y conocimientos del mundo cultural y social, vivido por la mentalidad de sentido común de unos hombres que viven juntos numerosas relaciones de interacción. Es el mundo de los objetos culturales y de las instituciones sociales en que nacemos, nos reconocemos...Desde el comienzo, nosotros, los actores de la escena social, vivimos el mundo como un mundo y de naturaleza a la vez, no como un mundo privado, sino intersubjetivo, es decir, que es común a todos nosotros, que se nos da o que es potencialmente accesible para cada uno de nosotros; esto implica la intercomunicación y el lenguaje. (Coulon, 2005, p.14)

Assim, a compreensão é sobre o fenômeno ser intersubjetivo. Não se fecha enquanto objeto em si, mas esta permanentemente em transformação pelas contribuições subjetivas dos sujeitos que se comunicam.

A fenomenologia social de Alfred Shütz segundo Espindola (2012) tem por objetivo estudar fatos mediante as experiências oriundas da consciência, mediadas pelas ações cognitivas e perceptivas, na tentativa de que os sujeitos estabelecessem significados próprios. Os fatores que orientam os indivíduos para Shütz seria estimulado a partir do modo de orientação de outros, que são antecessores a ele, o *habitus*, a hereditariedade cultural. O *habitus* são experiências interiorizadas que são adquiridas e reproduzidas, ou não, de acordo com os contextos aos quais os indivíduos estão inseridos.

É portanto através da hierarquização dos valores culturais que são estabelecidos os processos de relativização do que se torna importante aos indivíduos ou aos grupos sociais. Esses fatores não são estáticos. Garfinkel irá repensar a sociologia de outro modo,

El postulado de la Sociología con Garfinkel será el siguiente: hay que considerar los hechos sociales como realizaciones prácticas, el hecho social no es um objeto estable, sino um producto de la actividad continuada de los hombres que ponen em práctica su *savoir-faire*, sus procedimientos, reglas de conducta; em suma, uma metodología profana cuyo análisis contituye la verdadera tarea de um sociólogo. (Alain Coulon, 2005, p. 27)

A Etnometodología (EM) é um ramo das ciências sociais que procura trazer a tona as ações do cotidiano e as relações de interação entre as pessoas, percebendo as ações que fazem sentido para elas no mundo e contexto a qual estão inseridos. Ela dá ênfase ao estudo do objeto como produto da cultura, analisando os costumes, tradições, hábitos e padrões culturais de grupos e comunidades surgidos diretamente com o objeto em estudo. Segundo Alain Coulon (2005, p. 22) “[...] a Etnometodología tratará de comprender cómo perciben las personas, cómo describen y proponen juntos uma definición de la situación”.

Para a Etnometodología segundo Watson e Gastaldo (2015, p.8) a importância dada são “os pontos de vista das pessoas, as maneiras como elas, coletivamente, produzem saberes sociológicos e teorias sociais na prática”. Isto é, como as pessoas comuns compreendem a sociedade em suas ações diárias dialogando com suas práticas, ou seja da interação nas conversas cotidianas existentes. Assim, a etnometodología refere-se ao “*Estudo (logos) dos métodos usados pelas pessoas/grupos (ethnos) em suas vidas cotidianas, entendidos como processos de produção de sentido. Assim, temos etno+metodo+logia. (WATSON & GASTALDO, 2015, p.13)*

A etnometodología permite o recolhimento de informações que trazem o contexto de vivências, onde existe a possibilidade de se ter uma realidade mais aproximada do fenômeno. Pois, a premissa básica do método é fenomenológico assumindo a concepção pela qual chamamos de mundo “simbólico”. O sentido trazido por Garfinkel, traduz a compreensão da pessoa comum através de um método culturalmente aceito pois fazem sentido daquilo que é aceito dentro do grupo cultural e de suas ações e interações.

Do ponto de vista de Garfinkel, a cultura não é vista apenas como um conjunto de normas, regras e valores, mas também como um conjunto de conhecimentos que os membros de uma dada sociedade tratam como seu “senso comum”, saberes compartilhados por todos. Tanto Shültz como Garfinkel observam o conhecimento de senso comum e o saber prático

acerca das estruturas sociais como um tópico para ser analisado de pleno direito” (WATSON & GASTALDO, 2015, p.14)

O interesse da etnometodologia, portanto se dá através das relações intersubjetivas que ocorrem nas ações sociais dentro do contexto do grupo. No seu dia a dia, levando em consideração que nesta estrutura surgem saberes e sentidos dados pelos próprios membros, consolidados pela cultura. Neste sentido a cultura é vista como um método e não como conteúdo. Pois o método está voltado ao sentido diário dado aos procedimentos dos indivíduos, estas relações são expressas através da linguagem e da comunicação que irão constituir o mundo.

Garfinkel segundo Watson e Gastaldo (2015) a concepção dos atores sociais como agentes que produzem sentido contidos na relação ao seu saber cultural/procedimental e, não em sua formação psicológica. Expressam um *saber em ação* ou seja, procuram agir com coerência aos saberes comuns no seu cotidiano, gerando com isso um pertencimento social. Ele pertence aquela cultura, aquele meio e naquele contexto, e sabe interagir cooperativamente com os outros transmitindo e transformando os saberes culturais em um pleno processo de intersubjetividade local.

Os conceitos-chaves utilizados pela etnometodologia derivam de termos de outras ciências conforme esclarecemos abaixo de acordo com Coulon (2005):

- a) **Prática, Realização:** as relações das práticas são compreendidas pelos processos empregados pelos sujeitos para dar sentido e realizar ações diárias, entre elas o de comunicar-se, de tomar decisões, de racionalizar. “ A etnometodologia analisa las creencias y los comportamientos de sentido comum como componentes necesarios para “toda conducta socialmente organizada”. (COULON, 2005, p.32). Para os etnometodólogos a recopilación de dados ao serem transcritos ignoram as experiências dos atores sociais. Assim, é tarefa dos etnometodólogos por em dia as atualizações através da observação e descrição, pois é no dia a dia que as atividades se tornam concretas e revelam os procedimentos dos sujeitos.
- b) **A indicialidade/indexicalidade:** A indicialidade ou indexicalidade - termo utilizado na linguística -, diz respeito às referências existentes do contexto que para a EM “La vida social se construye a través del

lenguaje: no el de los gramáticos y lingüistas, sino el de la vida cotidiana” (COULON, 2005, p. 34) . Assim a indexialidade esta representada por todas as situações circunstanciais que envolvem a palavra provenientes dos fatores contextuais, como uma biografia única que surge entre o discurso do locutor e do seu ouvinte. Ou seja, a linguagem natural só tem sentido na dependencia de seu contexto de uso e enunciado.

- c) **A reflexividade:** não pode ser confundida com reflexão, “La reflexividad presupone que las actividades realizadas por los miembros para producir y manejar las situaciones de su vida organizada de todos los días son idénticas a los procedimientos utilizados para hacer descriptibles dichas situaciones (COULON, 2005, p.44 *apud* GARFINKEL, *Studies*, p.1). Assim, ao descrevermos uma situação nós a construímos. A reflexividade irá designar a equivalencia entre a compreensão e a expressão da mesma compreensão.
- d) **Accountability**
(Contabilidade/Motivo/Causa/Descrição/Relato/História): analisa as ações cotidianas dos membros. “Decir que el mundo social es accountable significa que está disponible, es decir, que es descriptible, inteligible, relatable y analizable”. (COULON, 2005, p. 48).A importancia de descrever as transformações reconstruídas pelos atores no seu cotidiano. A importância está em como os atores mostram continuamente a sua constituição fazendo-se vizível e explicável. O ator social ao descrever suas ações dá sentido aos procedimentos empregados para realiza-los.
- e) **A Noção de Membro:** é compreendida não como a pessoa, ou, o indivíduo, mas sim, pela linguagem comum. De alguma maneira a linguagem natural é comprometida com sua produção e apresentação. Ou seja, possuem um sentido comum de assuntos e dos fenomenos observados e relatados.

Com una frecuencia y una insistencia universales, los miembros emplean fórmulas destinadas a remediarel carácter indexical de sus expresiones y, más concretamente, intentan sustituir las expresiones indexicales por expresiones objetivas. (COULON, 2005, p. 50 *apud* GARFINKEL y SACKS, 1970, p. 339)

Todo conceito observado pela etnometodologia nos ajudou a compreender o discurso analisado dos brinquedistas sobre os processos existentes nas suas experiências e vivências práticas que surgem a partir das interações dos sujeitos brincantes e o brinquedista, e também, das relações instituídas entre a gestão e os brinquedistas constituindo um todo simbólico com sentidos e representações significativas que constroem saberes lúdicos, educacionais e culturais.

3.2. Os Métodos de Procedimento da Pesquisa

Optamos por utilizar o método sociológico que traz um olhar sobre os fatos sociais na atualidade, com seus costumes, normas, valores que são construídos em uma visão Etnometodológica, assim, estaremos compreendendo os processos intersubjetivos existentes na realidade cotidiana dos brinquedistas no espaço de brinquedotecas públicas em Belém do Pará, permeadas pela conversa, discursos, gestos. Efetivamente na comunicação.

3.3. Tipo de Pesquisa

A comunicação e a linguagem possuem sentidos próprios e partem das experiências diárias entre os atores sociais envolvidos nas brincadeiras deste espaço de convivência e, nos processos de transformações sociais específicos.

Utilizamos como tipo de pesquisa a pesquisa qualitativa pois não buscamos quantificação que resulta em dados percentuais ou gráficos estatísticos. Todavia, buscamos a essência da intersubjetividade expressa na análise dos discursos dos brinquedistas.

Para Minayo (2012, p. 21) "O universo de produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é o objeto da pesquisa qualitativo dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos". Desse modo a pesquisa qualitativa também procura descobrir os códigos sociais partindo-se da comunicação, símbolos e observações sobre o objeto pesquisado com vistas a valorizar, interpretar e compreender os dados obtidos e articula-los com teorias que possam fundamentar os fatos sociais observados.

Minayo (2012) nos informa sobre o ciclo da pesquisa qualitativa com procedimentos de ordenação dos dados obtidos; classificação e análise propriamente dita. Para ela “a análise qualitativa não é mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de códigos sociais a partir de falas, símbolos e observações” cuja contribuição e contextualização se aproximam das teorias escolhidas pelo pesquisador. O campo de estudo das brinquedotecas envolve os saberes sobre o brincar, o brinquedo, o jogo, os brincantes, o brinquedista entre outros, assim, nossa opção foi promover a análise qualitativa à luz das teorias de obras que envolvem essas categorias dentro de uma visão sócio-histórica e cultural.

3.4. Técnicas da Pesquisa

3.4.1 Técnica Delimitadora:

Dois aspectos foram elencados para a delimitação da pesquisa, o primeiro diz respeito aos sujeitos e o segundo diz respeito aos espaços.

A escolha dos brinquedistas ocorreu por amostragem não probabilística por acessibilidade que para Massukado-Nakatani (2009), é aquela onde os sujeitos da pesquisa são escolhidos pelo acesso, tornado possível à realização da pesquisa.

Para Costa Neto (1977), nem todas às vezes são possíveis concentrar a população de nosso objeto de estudo, assim, a acessibilidade de parte da população viabiliza a pesquisa.

Consideramos também a afirmação de Sampieri *et al* (2010, p. 396), onde “*a esta classe de muestra también se le puede llamar autoseleccionada, ya que las personas se proponen como participantes em el estudio o responden activamente a uma invitación*”.

Procedemos para a realização da pesquisa um primeiro contato verbal com os brinquedistas e esclarecemos sobre a pesquisa a ser realizada e, se havia interesse dos mesmos em contribuir com sua participação, com o aceite verbal, procedemos com o encaminhamento de ofício formal as instituições que os mesmos pertencem e se haveria acessibilidade das instituições das brinquedotecas públicas no Estado do Pará para que participassem do estudo. Obtivemos o acesso para a

realização da pesquisa com brinquedistas nos seus referidos espaços em três brinquedotecas de Belém do Pará.

As brinquedotecas foram:

- Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Vianna da Fundação Cultural do Estado do Pará (FCP).
- Brinquedoteca Joana d'Árc do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará. (UEPA)
- Brinquedoteca do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Alves” da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA)

3.4.2. Técnica de Coleta de Dados:

A operacionalização da coleta de dados foi realizada em momentos distintos e através da Entrevista Semidiretiva.

A entrevista semidiretiva foi aplicada junto as brinquedistas das três instituições pesquisadas com perguntas guias utilizadas pela pesquisadora (Apêndice II).

Richardson (1999, p. 207) salienta ainda que “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”, ou seja, possibilita uma aproximação maior entre o entrevistado e o entrevistador em uma interação. Enquanto instrumento de pesquisa utilizamos um gravador de voz e de imagem para nos ajudar posteriormente a transcrever os diálogos.

3.4.3. As Técnicas Sistematizadoras:

Para sistematizarmos e registrarmos os resultados obtidos, utilizamos o quadro síntese, que proporcionou a organização do discurso enunciativo.

3.4.4. Técnicas de Análise de Dados:

A apreciação dos dados coletados foi realizada através da Análise do Discurso.

Para a construção da Análise do Discurso (AD) optou-se pela compreensão em Orlandi (2005) que trata do discurso (palavra) em movimento, compreendendo

os modos dinâmicos fazendo sentido ao longo da constituição social e histórica do homem.

Para Orlandi (2005, p15) “A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. Nesse sentido a autora não entende a língua de modo abstrato formal, mas como modo de trazer significados. Assim a produção de sentidos não surge a partir dos sujeitos membros de uma determinada sociedade, mas de seu processo histórico na sociedade. Desse modo, os sentidos podem ser produzidos anteriormente e ou externamente ao homem.

A autora irá compreender que

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se completa como fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2005, p. 17)

Assim, as relações ocorridas entre a língua e a ideologia podem ser observadas no discurso. E, através da língua compreende-se a produção de sentidos por sujeitos e para os sujeitos. Essas duas dimensões são construídas no movimento dinâmico da sociedade, histórica e culturalmente.

A análise se constitui em etapas do texto para o discurso. E se faz em três etapas: Passagem da superfície linguística para o texto (discurso); Passagem do objeto discursivo para a formação discursiva, e do processo discursivo para a formação ideológica.

A análise do discurso para a autora está alicerçada no materialismo histórico, a língua em conjunto com a história forma sentidos, portanto não é abstrata, “é a forma encarnada na história para produzir sentidos: a esta forma é, portanto, linguístico-histórica” (ORLANDI, 2005, p.19). Daí compreende que as simples palavras chegam até nós, carregadas de sentidos, que não identificamos como se constituíram, mas significam em nós e para nós.

Segundo Maingueneau (1990) a escola francesa que trata da análise do discurso deve iniciar uma reflexão sobre si, não em um sentido histórico ou nostálgico da década de 60, mas na relação de uma nova crítica de superação da análise específica da discursividade, condição existente na estrutura do texto. Não

somente no teor da constatação estruturante, mas prioritariamente na interpretação das produções de sentidos e ideologias contidas no texto e, portanto, no discurso.

A existência de três centros franceses de pesquisa traz a análise do discurso como materialização e uma certa configuração do saber (MAINGUENEAU, 1990). Para nosso estudo utilizaremos a compreensão de Eni Orlandi (2012) que sofre a influência de Michel Pêcheux através do Laboratório de Psicologia Social de Paris VII associado ao Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) com várias obras publicadas voltadas a análise do discurso, obras estas que foram traduzidas por Orlandi no Brasil.

As relações do sentido e sujeito na análise do discurso constituem para Pêcheux (1975, p.144) *apud* Brandão (2012, p. 77)

O sentido da palavra, expressão, proposição não existe *em si mesmo* (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é reproduzidas).

Esta afirmação subtende que o sentido é construído por processos dinâmicos encontrados nos discursos, e que possuem ideologias próprias que são reproduzidas pelos sujeitos perante as transformações ocorridas nos processos sociais e históricos. Dessa forma os conceitos de formação ideológica e de formação dos discursos adentram a teoria. Isso quer dizer as formas de expressões são transformadas em medida que as posições ideológicas empregadas pelos sujeitos.

Para Brandão (2012) o conceito de formação discursiva irá nortear tanto a “interpelação/assujeitamento”. Define-se o que pode ser dito pelos sujeitos, ou seja, os sujeitos de acordo com o contexto histórico podem concordar ou afrontar os sentidos dados na palavra.

Um dos elementos existentes no discurso é a memória, tratada como interdiscurso. Para Orlandi (2005, p.34)

O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine, fala uma voz sem nome.

Existe um emaranhado de formulações ideológicas que existiam antes da palavra expressada pelo discurso do sujeito. Faz parte de uma memória esquecida na sua origem, mas que ganham uma nova releitura de acordo com o tempo social a qual é dita.

O *corpus* da pesquisa se encontra nos discursos dos brinquedistas para nos mostrar os saberes que constroem suas atividades lúdicas educacionais e culturais dentro do espaço.

Utilizamos as etapas indicativas de Orlandi (2005, p. 77) para construirmos a análise do discurso que assim a descreve:

1ª Etapa: Passagem da Superfície Linguística	Texto
Para o	(Discurso)
2ª Etapa: Passagem do Objeto do Discurso	Formação Discursiva
Para o	
3ª Etapa: Processo Discursivo	Formação Ideológica

Na primeira etapa procedemos com a passagem da superfície linguística (texto transcrito) de cada uma das brinquedistas para o objeto do discurso que se encontra na formação discursiva identificada. Isso ocorreu através do registro das entrevistas por meio de gravação, o tempo de transcrição dos discursos foram distintos, pois a brinquedista da Brinquedoteca Arthur Vianna acumula uma vasta experiência, portanto, os dados alcançados foram bem extensos. Diferentemente das outras brinquedistas que responderam de modo mais sintetizado. Em virtude disto, o corpo do texto deste capítulo traz as ideias centrais transcritas para serem analisadas. A transcrição dos discursos na íntegra se encontram no arquivo da pesquisa.

Na segunda etapa identificamos os objetos discursivos que se encontraram em negrito no texto, e passamos para a terceira etapa na qual realizamos a relação existente dentro dos processos discursivos com a formação ideológica predominante.

Ao final analisamos o conjunto das relações ideológicas existentes, a partir das suas semelhanças e diferenças entre os saberes lúdico, educacional e cultural.

Utilizamos durante as análises do discurso, imagens iconográficas que para Loizos (2007) a proposta ao registrar as imagens dos espaços, ações e

equipamentos das brinquedotecas pesquisadas, possibilitará vislumbrar aspectos de reflexão do contexto a qual as falas possam ter sentido.

A imagem pode oferecer um registro de ações temporais e dos acontecimentos reais. A pesquisa social por mais que envolva complexas questões teóricas e abstratas pode compor dados primários de informações visuais que não necessitem ser descritas em forma de palavras escritas, mas que podem compor conjuntamente as teorias através do aparato de elementos visuais.

Para o leitor desta pesquisa o que poderá constar em termos de imagem se apresentará na forma bidimensional, uma vez que a relação está ancorada no sentido visual, e como este sentido apresentará um significado valorativo de acordo com a sua cultura e pensamento ideológico.

Assim, as relações de percepção do leitor são diferentes, além da compreensão e da habilidade em especificá-lo e descreve-lo, neste sentido cabe esclarecer que as informações podem estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua amplitude.

3.5. Sujeitos da Pesquisa

Quanto à população da pesquisa priorizamos os sujeitos que atuam como brinquedistas dentro das brinquedotecas públicas de Belém do Pará, com formação específica ou não, pressupondo experiência mínima de 05 anos, e atuante entre os anos de 2010 a 2016.

Entendemos que a experiência adquirida diariamente enquanto brinquedista, seja ela certificada ou não, promove a construção de saberes e sentidos próprios no contexto da brinquedoteca. Pois as ações práticas constroem a cultura lúdica permitindo-nos refletir, interpretar e compreender os elementos simbólicos produtores de sentidos para os atores sociais nesse espaço e de acordo com seu contexto.

Foram três brinquedistas que participaram da pesquisa: (01) Uma brinquedista formada e certificada pela Associação de Brinquedotecas do Brasil (ABBRI) que atua na Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Viana Sra. Maiolina Nascimento Neves; (01) uma Brinquedista com Habilitação em Educação Física da Brinquedoteca Joana d'Árc do Curso de Educação Física Sra. Rosani de Nazaré Moraes de Oliveira; (01) uma Brinquedista que compõe o quadro profissional técnico

da Secretaria do Meio Ambiente (SEMMA) da Brinquedoteca do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Aves” Sra. Rosangela Nascimento Silva.

3.6. Lócus da pesquisa

A cidade de Belém possui brinquedotecas distribuídas em diferentes campos/áreas: escolas, universidades, hospitais, centros e ou associações, fundações, secretarias de meio ambiente, entre outros. Nosso interesse era de pesquisar uma brinquedoteca dentro de cada campo, no entanto não foi possível tal realização, visto que nos hospitais o projeto deveria passar por um comitê de ética.

Optamos por não utilizar brinquedotecas que estivessem dentro de escolas, em virtude de as mesmas terem por vocação o uso do espaço para fins educacionais institucionalizados. Valemos da afirmação de Cunha (2016) onde a brinquedoteca não deve ter uma linha educacional única, e defende enquanto concepção a liberdade do brincar neste espaço.

Após o encaminhamento de ofícios às instituições e autorização dado pelos coordenadores das brinquedotecas, obtivemos acesso a três espaços públicos.

Os lócus da pesquisa foram:

- a) A Brinquedoteca da Biblioteca Pública “Arthur Vianna” da Fundação Cultural do Pará (Tancredo Neves) que faz parte da seção da biblioteca. Inaugurada em 1991, possui Brinquedista com curso obtido e chancelado pela ABBRI e tem por objetivo valorizar a cultura lúdica. Localizado na Avenida Gentil Bittencourt, 650 entre a Rui Barbosa e Quintino Bocaiúvas, Bairro Nazaré.

Foto 01: Imagem diagonal do espaço interno da Brinquedoteca da Biblioteca Arthur Viana.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2016).

- b) A Brinquedoteca Joana d'Arc do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará inaugurada em 2003, é um projeto de extensão universitária para atendimento de crianças, jovens e adultos. Localizado no Campus III da Universidade do Estado do Pará localizada na Avenida João Paulo II, 817 entre a Vileta e Timbó, Bairro do Marco.

Foto 02: Imagem da fachada da brinquedoteca Joana d'Arc do CEDF/UEPA.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2016).

- c) A Brinquedoteca do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Alves”, localizado na Avenida Almirante Barroso 2305 entre as travessas Lomas Valentina e Pirajá, Bairro do Marco. O espaço é administrado pela Prefeitura de Belém, por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA).

Foto 03: Imagem da Fachada da Brinquedoteca do “Bosque Rodrigues Alves”.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2016).

Apesar da existência de outras brinquedotecas particulares em Belém optamos por realizar a pesquisa em brinquedotecas públicas os quais

apresentassem acessibilidade para a realização da pesquisa. Assim como, brinquedotecas que já possuísem ao menos cinco anos de criação com atividades desenvolvidas com o público, infantil, adolescente ou adulto.

3.7. Categorias de Análise

As categorias de análise surgiram durante a pesquisa e foram vinculados ao Saber, Ludicidade, Educação e Cultura no espaço de brinquedoteca.

3.8. Aspectos éticos de inclusão e exclusão

Quanto ao aspecto de inclusão da pesquisa, optamos por incluir os brinquedistas que possuísem a experiência diária e que estivesse acessível a pesquisa.

Quanto ao aspecto de exclusão uma vez que a pesquisa trata do olhar do brinquedista optamos por não incluir os brincantes. Também optamos por excluir as brinquedotecas que estão diretamente ligadas a rede privada, pois devido o vínculo empregatício poderíamos ter uma visão parcializada sobre o estudo com relação as fragilidades encontradas na gestão, investimento, manutenções ou outros aspectos contidos na entrevista.

Excluimos as brinquedotecas escolares, devido comporem uma filosofia específica voltada aos aspectos de ensino e aprendizagem formal.

Esclarecemos que apesar da existência de brinquedotecas hospitalares públicas em Belém, elas não foram incluídas na pesquisa em virtude de o hospital ser um campo da saúde existindo a obrigatoriedade do projeto de pesquisa passar pelo Comitê de Ética, e considerando o prazo restante para a defesa, não foi possível à realização da entrevista com os brinquedistas hospitalares.

4. O DISCURSO ANALISADO.

Neste capítulo está o tema central de nossa investigação, que trata da análise do discurso a partir dos diferentes olhares dos brinquedistas sobre o seu contexto vivencial. Para isso procuramos norteá-lo a partir da questão sobre **quais as interpretações e compreensões que surgem a partir dos discursos dos brinquedistas quanto aos saberes lúdico-educacionais e culturais?**

Nossos objetivos específicos se voltam a interpretar o discurso produzido pelos brinquedistas junto ao contexto da brinquedoteca em que atua, e compreender como os saberes lúdicos, educacionais e culturais produzem sentidos para os brinquedistas a partir das interações entre os sujeitos sociais e suas experiências diárias.

Foram realizadas entrevistas semidiretiva com o brinquedistas de cada uma das brinquedotecas públicas em seu espaço específico, considerando as características e contextos individuais.

A compreensão de todas as brinquedotecas pesquisadas traz a anuência que são espaços que emanam a liberdade para o brincar.

A primeira etapa foi a realização da transcrição literal dos discursos que se encontram no arquivo pessoal da pesquisadora. Trouxemos para melhor compreensão do texto o quadro síntese que traz as ideias centrais dos discursos dos brinquedistas, nesse sentido utilizaremos a legenda B1(Brinquedista da brinquedoteca da biblioteca Arthur Viana da FCP), B2 (Brinquedista da Brinquedoteca Joana d'Árc da UEPA) e B3 (Brinquedista da brinquedoteca do Jardim Botânico "Bosque Rodrigues Alves"), posteriormente a cada síntese de ideias realizamos a análise do discurso desvelando alguns dos processos ideológicos encontrados.

Considerando que a pesquisa trata da análise do discurso e que os dados técnicos são importantes para compreender seus discursos informamos que todos os intérpretes são do gênero feminino.

A brinquedista da FCP possui nível superior é licenciada em pedagogia com especialização em Educação Infantil, possui 30 anos de serviço público no cargo de Técnico de Ensino Superior- Pedagogo, no entanto em sua função de brinquedista possui 25 anos de atuação e possui a formação de brinquedista através do curso ofertado pela Associação Brasileira de Brinquedotecas. Sua aproximação com o

espaço de brinquedoteca foi através de convite e durante suas vivências diárias se identificou de tal modo, que atualmente defende que sua identidade profissional é brinquedista, apesar de ter a clareza de institucionalmente ser identificada como pedagoga. Compreende que o nicho de trabalho como brinquedista deve ser ampliado na região norte, por isso procura continuamente participar de diferentes congressos oferecidos pela ABBRI.

A brinquedista do CEDF/UEPA possui nível superior licenciada em educação física, possui especialização em Educação Motora e Esporte na Escola, possui 24 anos de atividades no campo da educação física escolar, em direção da equipe do Núcleo de Esporte e Lazer vinculado à Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), possui ainda experiência como docente e coordenadora de projetos de extensão na UEPA, incluindo o campo da educação especial. Coordenou a Brinquedoteca Joana d'Árc no ano de 2012 a qual atua como brinquedista totalizando 5 anos de experiência no espaço, dos quais os três últimos voltados ao atendimento de crianças, jovens e idosos e também à formação de brinquedistas, curso ofertado pela UEPA. Possui uma identificação profissional com o nicho de trabalho ofertado pelas ações existentes na brinquedoteca, se identificando com o brincar e a relação interpessoal possibilitada através da convivência no espaço.

A brinquedista do Jardim Botânico “Bosque Rodrigues Alves” possui ensino médio, no entanto, está cursando a graduação em do curso em pedagogia, possui vínculo com a Secretaria de Meio Ambiente como agente de serviços urbanos, com mais de cinco anos somente na atividade de brinquedoteca. Apesar do desvio de função se identificou com as atividades promovidas dentro do espaço que atende crianças de escolas ou de fundações que buscam as atividades de extensão promovidas pelo Bosque. E sua busca por uma formação específica tem se constituído como meta.

Importante frisar que o perfil de cada um dos interpretes/brinquedistas refletem sobre seus discursos.

A coleta dos discursos ocorreu em dias diferentes durante o ano de 2016.

A entrevista foi realizada com a brinquedista da Brinquedoteca da Biblioteca “Arthur Viana realizada no dia 09 de junho de 2016, dentro do espaço de brinquedoteca, no horário da tarde. O contexto local mostra um espaço aberto cujos cantos lúdicos são divididos pelos materiais específicos, estantes, mesas, etc. existiam brincantes no momento, a maioria de adolescentes, que se concentravam

entre os jogos no computador e outros com jogos de mesa. Existia ainda em um dos cantos de brinquedos uma criança acompanhada pelo responsável. Após esclarecermos quais os pontos principais que abordaríamos na entrevista iniciamos a gravação.

Foto 04: Brinquedista Maiolina Nascimento Neves da Biblioteca Arthur Vianna da FCP. Cantinho da Fantasia (identificação do seu espaço preferido).



Fonte: Arquivo da pesquisa (2016).

O segundo encontro foi realizado com a Brinquedista da Brinquedoteca Joana d'Árc realizada no dia 09 de abril de 2016, no horário da manhã, o contexto do espaço contava com um grupo de idosos que estavam realizando o projeto circuito lúdico que faz parte dos programas existentes da brinquedoteca, existiam algumas crianças que estavam no ambiente brincando com alguns brinquedos. A brinquedoteca possui um prédio próprio com quatro salas divididas além da secretaria, coordenação e arquivo. As salas de atendimento são caracterizadas como espaço alternativos sendo especificamente: Fabricarte (espaço para confecção de artesanatos, pinturas esculturas e fabricação de brinquedos com material reciclado); Espaço Corpo em Movimento (espaço com espelho para atividades corporais, danças, brincadeiras cantadas, teatro de fantoches ou livre, canto da fantasia); Espaço da Psicomotricidade Lúdica (espaço voltado para a motricidade e o movimento da criança); Espaço Casa dos Sonhos (espaço com diferentes brinquedos e formas livres para brincar). Além destes espaços específicos dentro da brinquedoteca, ainda há os espaços do curso de ed. física, que são ressignificados de acordo com a proposta da brinquedoteca e suas ações.

Foto 05: Brinquedista Rosani Oliveira ao centro superior com o grupo de idosas e brinquedistas voluntários em atividade.



Fonte: Arquivo da pesquisa (2016).

A terceira entrevista foi realizada com a Brinquedista da Brinquedoteca do Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves em 10 de novembro de 2016. O espaço se localiza dentro do Bosque Rodrigues Alves e possui uma estrutura específica que permite a interação do espaço e o meio ambiente. É um espaço único com divisões dos espaços definidos pelo material ou mobiliário. Assim possui o espaço para pintura, o canto de histórias, um canto com brinquedos.

Foto 06: Brinquedista Rosangela Silva do canto de histórias identificado como seu espaço preferencial.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2016).

Houve ainda outros momentos de encontros nas referentes brinquedotecas para perceber as atividades e consolidar os discursos das brinquedistas.

Cada uma das brinquedotecas possui uma identidade e compreensão que dialogam com o espaço e com suas ações, assim, a brinquedoteca da biblioteca Arthur Viana se identifica como guardiã do brincar e dos brinquedos pois percebe as pulsões existentes no ato de brincar, assim como a forma poética dos processos de

construção das diferentes formas lúdicas que ocorrem através da interação dos sujeitos brincantes.

A brinquedoteca Joana d'Árc por se tratar de um campo acadêmico superior se volta para o fortalecimento de pesquisas e vivências lúdicas, e promove a formação de brinquedistas, além dos outros programas que envolve o tripé do ensino-pesquisa e extensão universitária, mas ao mesmo tempo, garantindo a liberdade do brincar através de um dos programas entre os cinco existentes.

A brinquedoteca do Bosque Rodrigues Alves, também está vinculada ao campo da extensão e cultura, e suas atividades estão identificadas para a promoção da educação ambiental e da sustentabilidade, mas garantindo também o momento da liberdade ao brincante.

4.1 Olhares de Brinquedistas: entre os guardiões do brincar a formação de brinquedistas e a sustentabilidade nas brinquedotecas públicas do Estado do Pará.

Aos discursos dos brinquedistas relacionamos alguns tópicos voltado ao saber lúdico-educacional e cultural, que se encontrarão no quadro síntese. Entre eles estão:

- a) A relação dos sujeitos sobre seu papel e compreensão de quem é o brinquedista.
- b) As interações entre o brinquedista e o público de atendimento no espaço de brinquedoteca.
- c) Transformações das práticas a partir da interação diária com o seu público.
- d) As vivências lúdicas vivenciadas na brinquedoteca enquanto saberes culturais.
- e) As atividades lúdicas na brinquedoteca enquanto saberes educacionais

Quadro Síntese 01: A relação dos sujeitos sobre seu papel e compreensão de quem é o brinquedista.

Legenda	Pergunta 1: Quem é o brinquedista?
B1	<p>Bom, dentro de todo um processo de formação que eu realizei na minha vida, (...) Brinquedista é aquele que vai facilitar o processo de brincadeiras na estrutura de uma brinquedoteca, (...) essa facilitação ela pode acontecer de várias formas, desde uma apresentação do brincante, que é aquele que vem brincar, o público que vem brincar (...) ele faz as escolhas do que brincar. Então o brinquedista vai facilitar. O brinquedista, ele brinca junto, ou não, porque o que a gente aprende quando a gente está na prática e também, quando a gente faz um curso de formação de brinquedista é que o brinquedista ele tem que ser convidado a brincar. Muitas vezes tem brinquedistas que fazem uma intervenção no brincar num processo mais pedagógico (...) no caso na brinquedoteca Arthur Viana (...) essa construção do ensino aprendizagem ele é inexistente. Existe sim um processo de uma educação, mas que essa educação acontece de forma natural (...). eu estou aqui, como brinquedista na Arthur Viana e não como pedagoga que é um processo inicial de formação.</p>
B2	<p>Brinquedista talvez não esteja regulamentada, mas é uma nova profissão, uma pessoa que precisa ser qualificada para essa demanda que é a brinquedoteca. A Brinquedoteca historicamente vem sendo construída e as pessoas não sabem bem a importância, e nem sabem trabalhar bem nesses ambientes. Pode-se dizer que é um profissional capacitado na área do lazer em todas as suas vertentes.</p>
B3	<p>Para mim enquanto brinquedista é receber o público que faz a visitação na brinquedoteca e interagir com eles, eu não gosto de dizer ensinar a brincar, eu gosto de dizer, de trocar experiências em brincar, por que eles trazem as experiências deles enquanto crianças, né das brincadeiras que tem e eu troco com eles as experiências que eu tenho, (...)</p>

A **análise do discurso do B1** mostra que existe necessidade de formação contínua para o brinquedista e este é o facilitador do brincar - que ocorre de diferentes formas - do brincante (identificação daquele que adentra ao espaço para brincar). Mas, antes deve existir uma decisão pessoal. Onde o brinquedista é convidado para brincar. Nesta brinquedoteca em específico a orientação pedagógica no sentido de intervenção é inexistente, pois a educação é compreendida através dos processos naturais manifestados no ato lúdico.

Existe no discurso “**processo**” correlacionado ao movimento dinâmico que se transforma, a “**formação que eu realizei**” agregação da importância dada em função dos processos de qualificação para o desempenho das funções específicas do trabalho, em conjunto a existência do tempo “**na minha vida**”

O “não dito” incorpora a noção de *durante* o período de sua existência que se relaciona ao tempo de qualificação para o trabalho. Ou seja, *é necessário a qualificação para o trabalho.*

Segundo Batista (2008) afirma que a partir da década de 80 existe uma lógica do capital de reestruturação produtiva ideologicamente imposta, defendidos na centralidade educacional para o desenvolvimento de “competências” para a formação de força de trabalho visando atender ao mercado. Assim, existe a necessidade de dispormos do tempo para que isso se concretize.

Elias (1998, p. 11) afirma sobre o tempo:

Tudo isso tornou-se uma segunda natureza e é aceito como se fizesse parte do destino dos homens. E esse processo cego continua seguindo pelo mesmo rumo, sobretudo, se bem que não em caráter exclusivo, no caso das funções superiores de coordenação social, onde a interseção de um número cada vez maior de interdependência incita os homens a submeterem sua atividade profissional a um horário mais exato.

Apesar na existência específica de leis trabalhistas que regem o horário do trabalhador dependendo de sua categoria. No entanto a exigência ideológica de qualificação e competência do trabalhador, leva-o a destinar suas horas que deveriam ser para o descanso, a utilizá-la enquanto processo formativo. Por isso, as relações da vida profissional se entrelaçarem com a vida pessoal. Trata-se, portanto, de investimento pessoal para a formação independente daquilo que é realizado pela instituição do trabalho.

Ao tratar sobre a compreensão de quem é esse sujeito responsável pelo espaço de brinquedoteca, existe uma identificação conceitual onde, o **Brinquedista é aquele que vai facilitar**, que deve ser compreendido com o sujeito que se propõe tornar algo mais simples ou fácil, como também, aquele que torna dinâmico algo.

Para Peres (2011) as relações seculares sócio econômica trouxeram uma nova mentalidade a partir da década de 80 que transforma a função do instrutor, que era o profissional que detinha o conhecimento com foco técnico, para uma nova concepção de competência do profissional: o facilitador. Este novo termo agrega ao sentido profissional o sujeito que teria competência e habilidades práticas dos assuntos a serem geridos, e além, deve ser o especialista em novas metodologias, procedimentos didáticos inovadores e dinâmicas para condução dos grupos.

Para o autor, existe uma mudança no perfil do instrutor que antes era de transmissão do conteúdo, centralizado no indivíduo, para um que exerce a função de intermediador entre os conhecimentos e os aprendizes. Nesta perspectiva compreende a construção coletiva das ações e conhecimentos que são gerados no grupo e por seus membros.

As relações ideológicas existentes quanto à figura do facilitador aportam em tipos de facilitadores que surgem de acordo com seu campo de trabalho (facilitador educacional, facilitador de pequenos grupos, facilitador de negócios, facilitador de treinamento (*coaching*), etc.). Ele surge como uma figura que busca a “neutralidade” entre as experiências e os diálogos que surgem no grupo, inclusive para resolver conflitos.

Contraditoriamente a figura do facilitador quando refletida frente aos processos educacionais segundo Chauí (1980) nos fazem refletir como as relações dialógicas são importantes pois,

Ao professor não cabe dizer "faça como eu," mas: "faça comigo." O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia, fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se n'água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água. **O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.** (Chauí, 1980, p. 37), grifos da autora.

Portanto existem relações ideológicas que são distintas quando nos referimos ao facilitador e o mediador. Visto que não existe neutralidade nos conhecimentos expressos do facilitador há sempre uma intencionalidade, quer institucional, quer pessoal. O mediador busca segundo a autora, o “fazer” com o outro, a partir daí existe uma interação de sentidos dados às práticas cognitivas, ressignificadas pelos sujeitos culturais e expressas através da linguagem ou comunicação, que no caso da brinquedoteca, dialogam com o brincar.

Assim, o brinquedista pode ser um mediador do brincar, no momento em que *brinca com o brincante*.

O não dito no discurso se encontra no processo de ação e interlocução do brinquedista, *ele não conduz a brincadeira. Ele não é o centralizador no espaço da brinquedoteca*.

Encontramos no discurso **o processo de brincadeiras**, a relação do movimento durante o brincar e o jogo. Assim, a compreensão é que todo brincar perpassa por uma dinâmica em movimento. Não estamos nos referindo somente ao corpo físico, mas a toda ação que é incorporada no momento em que se brinca. Portanto, existe um deslocamento dos sentidos dados historicamente que são construídos no contexto da brinquedoteca. Tão pouco faremos a distinção entre o

brincar e o jogar contidos na língua portuguesa. Mas trazemos seu aporte cultural no sentido francês (jouer).

Para Caillois (1990, p. 80-81)

O espírito do jogo é essencial à cultura, embora jogos e brinquedos, no decurso da história, sejam efetivamente os resíduos da cultura. Incompreensíveis sobreviventes de uma situação caduca ou empréstimos pedidos a uma cultura estrangeira e que se encontram destituídos do seu sentido naquela em se inserem, são sempre alheios aos funcionamentos da sociedade onde aparecem.

A cultura é proveniente do jogo (Huizinga, 2008), e assim como o jogo, possui intrinsecamente uma rede de sentidos transformados pelas mudanças históricas sociais. Assim, tanto o jogo como a brincadeira possuem uma função social, cujas atividades demandam de uma ação voluntária dos sujeitos.

Para Bruner *apud* Kishimoto (2014) considerando o brincar livre, e, portanto, lúdico, “é o prazer e a motivação que impulsionam a ação” (p.143) que oportuniza os diferentes graus de exploração. Desse modo, existe uma conduta lúdica, que possibilita a flexibilidade das ações e, portanto, leva o brincante a um aprendizado natural.

Quando se trata do texto “**na estrutura de uma brinquedoteca**”, o discurso nos remete a um espaço que deve ser estruturado, organizado com características específicas que envolvem o debate e compreensão do contexto onde ela se institui. Portanto o espaço, é institucionalizado, possui uma lógica formal de desenvolvimentos de suas ações.

Para aportarmos a compreensão de instituição buscamos Castoriadis (1975, p. 159) *apud* Córdova (2004, p. 24) que a define como “Uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis, um componente *funcionalidade* e um componente *imaginário*”. Portanto a instituição brinquedoteca pode ser compreendida como aquela que oferece um espaço de brincar, ou seja, atende uma função (espaço de brincar) que responde as redes simbólicas socialmente sancionadas e que tratam da necessidade vital e coletiva dos sujeitos. O brincar livre/a ludicidade compõe as estruturas sócio históricas do ser humano, portanto são significadas na cultura dentro de uma instância imaginária.

Os processos das estruturas da brinquedoteca, passam, portanto, por uma criação do imaginário coletivo que foram entrecruzadas nas diferentes sociedades

internacionais, mas que aporta em solo brasileiro, a partir de uma releitura das dinâmicas sociais vigentes.

O imaginário, portanto, no sentido utilizado por Castoriadis, é algo que introduz o novo, constitui o inédito, a gênese ontológica, a verdadeira temporalidade, a posição de novos sistemas de significados e de significantes, presentifica o sentido. E passa a ser o imaginário radical o verdadeiro motor da sociedade e da história, portanto “a questão histórica por excelência é da gênese do sentido, a produção de novos sistemas de significados e de significantes” (CASTORIADIS, 1975, p. 168 *apud* CORDOVA, 2004, p. 28)

A criação da brinquedoteca, enquanto estrutura institucional, não é sua materialidade física, mas aquela que surge no imaginário, e possui um sistema lógico que atende as necessidades sociais dando-lhes sentidos próprios.

As relações do não dito condicionam que toda brinquedoteca possui uma estrutura, sem a qual é inexistente. Não se reporta aqui a estrutura física (superficial e materializada), mas aos processos sistematizados que dão sentidos a existência do espaço. Ela possui, portanto, uma organização e lógica própria que se instala em outras instituições. Nesse sentido a brinquedoteca possui uma dinâmica interna e de movimento sócio histórico e cultural.

No texto encontramos a afirmação que o **brincante, que é aquele que vem brincar, o público que vem brincar (...) ele faz as escolhas do que brincar.** Assim, destitui da brinquedoteca a visão de que é um espaço somente para criança/infância. E considera o ser brincante, ou aquele que é atendido dentro do espaço. Não existe, nesse caso, o limite de início ou fim para a promoção da ludicidade. Ela está concentrada no sentido da essência de vida dos sujeitos sociais, tratando especificamente, neste caso, da ludicidade humana. Pois ele faz as escolhas: do que brincar? como brincar? com o quê brincar? E até quando brincar.

Então quem são os sujeitos brincantes?

Existe a compreensão que o brincante é o artista popular que manifesta toda sua expressão lúdica e artística: “eu saí para brincar” (Instituto Brincantes, 2017).

Mas encontramos no discurso da brinquedista uma denominação ideológica que mistura a cultura lúdica do ser humano e o paradoxo do tempo de trabalho do adulto. Assim, o que normalmente se institui é a brincadeira para a criança no período da infância.

Brougère (2014) esclarece que o brincar compõe de início as atividades humanas, tal designação possui diferentes interpretações de acordo com o contexto

sócio histórico e cultural existente demarcando-as. Portanto, o uso dos termos jogo, brincar, brinquedo, lúdico, não trazem neutralidade, mas delimitam as representações e o modo de dar sentido ao mundo. Afirma ainda que a cultura daquilo que é designado como brincar em Aristóteles e Thomas de Aquino, são caracterizadas pela futilidade e oposição ao que é sério.

Foi nesse contexto que atividade infantil pôde ser designada com o mesmo termo, mas para salientar os aspectos negativos (oposição às tarefas sérias da vida) do que por sua dimensão positiva, que só aparecerá quando a revolução romântica inverter os valores atribuídos aos termos dessa opinião. (BROUGÈRE, 2014, p. 21)

Assim a brincadeira da criança passa por intensas transformações na sociedade. Percorrendo um longo caminho entre a Idade Medieval até nossos dias. Onde a compreensão da infância terá seus valores revertidos a partir das especializações e encontrando um grau de importância e relevância.

Áries (2014) retrata que por volta de 1600 as crianças na primeira infância, entre os 03 a 04 ano “jogavam os mesmos jogos e participavam das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer misturada aos adultos” (p. 49). Portanto havia a convivência do brincar entre os adultos e as crianças, mesmo que com sentido diferente ao de hoje no século XXI.

Na sociedade, antiga, o trabalho não ocupava tanto tempo do dia, nem tinha tanta importância na opinião comum: não tinha o valor existencial que lhe atribuímos há pouco mais de um século. Mal podemos dizer que tivesse o mesmo sentido. Por outro lado, os jogos e os divertimentos, estendiam-se muito além dos momentos fortuitos que lhe dedicamos: formavam um dos principais meios de que dispunha uma sociedade estreitar seus laços coletivos, para se sentir unida. Isso se aplicava a quase todos os jogos, mas esse papel social aparecia melhor nas grandes festas sazonais e tradicionais. (...). Ora as crianças – as crianças e os jovens – participavam delas em pé de igualdade com todos os outros membros da sociedade e quase sempre desempenhavam um papel que lhes era reservado pela tradição. (ARIÈS, 2014, p. 51).

Assim, cremos que os jogos, as brincadeiras tinham uma função de fortalecimento da convivência social. O trabalho, também não exercia a intensidade de produção pelo capital que passamos a ter após a Revolução Industrial, onde agregasse as relações do tempo.

Norbert Elias (1998) esclarece que as estruturas sociais transformadas pela era capitalista industriais, impondo o trabalho ao tempo regulado e não mais orientado pelas relações da natureza (clima, marés, fases da lua, etc.), predestinando assim o papel dos seres humanos. Existe uma ordem capitalista onde

a força do trabalho é vendida, e todas as relações de subsistência são reguladas pelo novo sistema sócio econômico e pela regulação do tempo cronológico.

Assim, as relações do brincar adentram neste universo referencial, separando o tempo do brincar, e do tempo do trabalho. Essa lógica irá adentrar ao campo educacional na separação da “hora do brincar”, “Hora do recreio”. E para além disso regularizara a funcionalidade dos jogos. As teorias do brincar irão avançar nas possibilidades metodológicas da aplicação do jogo e na importância do brincar para o desenvolvimento e formação do futuro adulto.

Caillois ao falar sobre o jogo mostra parte dessa complexidade:

Torna-se assim claro que o jogo não é, de forma nenhuma, o andrógino resíduo de uma ocupação que os adultos já não exercem, ainda que, eventualmente, perpetue o simulacro dessa ocupação, quando ela própria caiu em desuso. Antes do mais, o jogo apresenta-se como uma atividade paralela, independente, que se opõe como uma atividade paralela, independente, que se opõe aos gestos e as decisões da vida corrente através das características específicas que lhe são próprias e que fazem com que seja um jogo. (1990)

As relações do jogo/brincar que instituem as regras para o exercício social, para a criança e o adulto não são reduzidas as imitações e preparação para a vida, como se houvesse o tempo em que será inexistente na vida do ser humano. Pelo contrário ele sofre transformações quer seja pelo modo de brincar, quer seja pelo intensão dado pelos sujeitos **brincantes**.

(...) os jogos das crianças consistem sobretudo e muito naturalmente, na atividade mimética em relação aos adultos, da mesma maneira que a sua educação tem por objetivo prepara-los para virem a ser, por seu turno, adultos carregados de efectivos, e já não imaginárias responsabilidades, daqueles que não basta dizer <<não jogo mais>> para que sejam abolidas. Ora começa exatamente aqui o verdadeiro problema, pois é preciso não esquecer que os adultos, por sua vez, não deixam de se dedicar a jogos complexos, variados e até perigosos, que continuam a ser jogos pois são vividos como tal. (1990)

Apesar da existência dos jogos miméticos das crianças que imitam o universo adulto, existindo assim, uma relação de antecipar aquilo que será um dia. As relações de responsabilidades, da regra do jogo, do tempo cronológico, entre outras relações de aprendizagem que contribuem através de seus processos, psicológicos, físicos, emocionais e afetivos. No entanto espera-se ideologicamente que na mudança das fases da vida esse jogo venha a desaparecer. O que é comum nas falas empíricas que surgem dos sujeitos na sociedade.

- Não tenho idade para isso.

Entretanto, esse desaparecimento não ocorre, mas está escondido, ou oculto, mas não extintos. Pois, os adultos passam a vivenciar outras formas de jogo, que não se reduzem apenas aqueles que encontramos: O pega-pega se transforma em “pega de carros”, “racha”; jogos de azar; esportes de aventura ou urbanos, ou esportivização.

O jogo é transformado em sociedade e passa a exercer diferentes funções inclusive enquanto aparato ideológico, que reforçam que o melhor é o mais qualificado, ou alienador concentrando milhares de pessoas a torcer e participar, mesmo que de forma indireta, em frente ao aparelho televisivo. Exemplo disso vemos nos jogos como os *reality shows midiáticos*: Aprendiz que reforça a lógica de treinamento e seleção de trabalho ou mesmo A Fazenda e Big Brother, que tratam sobre os valores sociais e culturais.

O não dito nos permite interpretar que brincantes encontrados na brinquedoteca possuem uma relação diferencial, pois aporta um campo de memória e imaginação da criança ao adulto, permite a convivência e estreitamento de laços familiares, como a construção de novas amizades, e reconhecem nos sujeitos a importância de dialogar entre eles, através de suas diferenças, seja pela faixa etária, seja pelo respeito ao outro.

O discurso afirma que **O brincadista, ele brinca junto, ou não (...), mas tem que ser convidado a brincar.**

Existe uma interação entre o brincante e o brincadista, essa relação deve ser constituída tanto pelo respeito à cultura lúdica, como pelas relações de empatia constituída no espaço.

Quando tratamos sobre a compreensão dos processos educacionais no espaço brinquedoteca, afirma que existe distinção entre aquilo que é direcionado e aquilo que não é direcionado. Reforçado no texto **no caso na brinquedoteca Arthur Viana (...) essa construção do ensino aprendizagem ele é inexistente. Existe sim um processo de uma educação, mas que essa educação acontece de forma natural.**

Existe uma diferença na realidade pedagógica e nos processos educacionais que ocorrem nos espaços das brinquedotecas. Pode-se considerar a partir do discurso que existem brinquedotecas pedagógicas (escolares) que estão

preocupadas em utilizar o brincar como método de ensino aprendizagem, assim, as relações são direcionadas e escolhidas pelo profissional.

Outra relação é o processo vivencial das brinquedotecas onde o brincar livre é o princípio que regem as atividades lúdicas, o que reafirma no espaço de brinquedoteca da Biblioteca Arthur Vianna.

Para Vygotsky (1991) tanto a brincadeira, o brinquedo/objeto e a instrução escolar criam a zona de desenvolvimento proximal, possibilitando a criança adquirir habilidades sociais que serão internalizadas

Leontiev e Luria resumem, em um ensaio sobre as ideias psicológicas de L. S. Vygotsky, alguns aspectos específicos da educação na sala de aula: "O processo de educação escolar é qualitativamente diferente do processo de educação em sentido amplo. Na escola a criança está diante de uma tarefa particular: entender as bases dos estudos científicos, ou seja, um sistema de concepções científicas. Durante o processo de educação escolar a criança parte de suas próprias generalizações e significados; na verdade ela não sai de seus conceitos, mas sim, entra num novo caminho acompanhada deles, entra no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. A criança raciocina, seguindo as explicações recebidas, e então reproduz operações lógicas, novas para ela, de transição de uma generalização para outras generalizações. Os conceitos iniciais que foram construídos na criança ao longo de sua vida no contexto de seu ambiente social (Vygotsky chamou esses conceitos de "diários" ou "espontâneos", espontâneos na medida em que são formados independentemente de qualquer processo especialmente voltado para desenvolver seu controle) são agora deslocados para um novo processo, para nova relação especialmente cognitiva com o mundo, e assim nesse processo os conceitos da criança são transformados e sua estrutura muda. (Vygotsky, 1991, p.86)

A brinquedoteca enquanto espaço de integração e educação se distingue na sua intencionalidade, pois poderá enquanto brinquedoteca escolar, ser um espaço direcionado do sujeito/criança com o objeto/mundo social a qual se insere e pode relacionar o brinquedo mediando às áreas dos conhecimentos científicos que se apresentam no currículo. Mas não podemos desconsiderar outro aspecto. O da brinquedoteca enquanto espaço de desenvolvimento da cultura lúdica, portanto um espaço espontâneo e livre que não estão limitadas pelas regras dos jogos, mas podem flexiona suas ações de acordo com a releitura dos sujeitos sociais que interagem com o brinquedo.

O não dito, nesse caso, impõe o princípio primeiro da existência das brinquedotecas, ele é um espaço do brincar, onde os sentidos são dados pelos brincantes. Qualquer relação inversa a isto fere sua intencionalidade. Não há a negação de brinquedotecas pedagógicas, pois são compreendidas como aquelas

que direcionam o ato de brincar, portanto, o profissional pode ser identificado como professor e não como brinquedista.

No texto **eu estou aqui, como brinquedista na Arthur Viana e não como pedagoga**, esse discurso revela a identidade escolhida. A ideologia e a identidade profissional passam pela própria formação para o trabalho, é uma identidade coletiva que orienta o papel do pedagogo nas dimensões de educador e técnico na sociedade. E o sujeito adentra nessa realidade constituindo os valores institucionais. O papel do pedagogo nas instituições públicas incorpora um repertório daquele que compreende as relações educacionais, planejamento, relações interpessoais no atendimento do público. Assim, o sujeito passa por diferentes identidades, aquelas que são sua identificação enquanto indivíduo existente e contribuindo para a cidadania. A identidade que é imposta pela relação profissional desconstruindo o sujeito e reconstruindo para uma identidade coletiva ideologicamente imposta.

No atentaremos sobre a identidade defendida em Bauman (2005) que irá esclarecer que a identidade só é revelada a partir de algo descoberto,

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outros infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação as últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (2005, p. 21)

Existe um processo de movimento da identidade, e no momento em que nos identificamos com as relações culturais nos permitimos fazer parte de uma nova identidade, que não aquela imposta.

O não dito, a brinquedista se identifica com a cultura encontrada e instituída de brinquedista, não somente pela formação, mas pela essência dialogada com as experiências vividas. A identidade de brinquedista não é uma imposição, mas uma decisão. Por outro lado, demonstra que as relações da instituição pública (FCP) não reconhecem o papel de brinquedista no processo formal instituído, mas sua formação primeira de pedagoga/técnica pela qual passa por concurso, haja vista que o profissional brinquedista não é uma habilitação reconhecida na sociedade, por isso é observada a afirmação categórica quando diz: **eu estou aqui**, o que afirma sua presença, sua opção identitária.

Buscamos traçar uma relação sobre os aspectos de interações que ocorrem entre os brinquedistas e os brincantes para compreender como ocorre esse processo de contatos.

A análise do discurso para a B2 esclarece que a formação profissional só é reconhecida nacionalmente em cursos técnicos profissionalizantes ou no ensino superior, assim a formação de brinquedista não é regulamentada oficialmente por se tratar ainda de curso de 40 horas, ou seja, na concepção do Ministério de Educação são cursos livres. Mas é uma nova profissão reconhecida culturalmente. Assim, compreende-se que para ser um brinquedista é necessário passar por uma formação que o qualifique para atuar nas brinquedotecas. Reconhecemos no texto, **talvez não esteja regulamentada, mas é uma nova profissão, uma pessoa que precisa ser qualificada para essa demanda que é a brinquedoteca.** Existem processos sócios-históricos construídos regionalmente desde a década de 90, mas precisa ser reconhecido na sociedade em geral a importância destes espaços que garantem o direito ao brincar, e a possibilidade de convivência. Existem profissionais que são colocados dentro deste espaço, que não compreendem as relações da cultura lúdica necessária a convivência do ser humano, e as contribuições para o seu desenvolvimento integral.

Resumidamente **é um profissional capacitado na área do lazer em todas as suas vertentes**, o texto, traz a inserção dos debates sobre a ludicidade e da brinquedoteca na área do lazer. Pois, possuem campos específicos de estudos que historicamente estão ligados a recreação.

O sentido e significado entre lazer e recreação se confundem, raras vezes em virtude dos contextos sociais por que passaram, afinal que os elementos lúdicos culturais sempre estiveram presentes desde a antiguidade até os nossos dias.

No entanto a compreensão, a partir da sociedade moderna, toma caminhos opostos, pois a recreação claramente será utilizada enquanto atividade focada na recuperação e no entretenimento, e o lazer, mesmo quando compreendido como instrumento de alienação, passa por transformações de lutas e confrontos ideológicos, por isso toma dimensão maior do que a atividade em si mesma.

O lazer começa a ser compreendido enquanto área de conhecimento e pesquisas dentro de uma sociedade pós-industrial e se amplia enquanto debate sobre os mecanismos de controle do sistema capitalista quanto ao tempo livre e ao trabalho. Assim, o estudo da brinquedoteca enquanto espaço de estudos e

pesquisas no campo universitário, pode advir da relação estabelecida pela própria relação histórica da inserção do espaço da brinquedoteca na UEPA.

O não dito encontrado no discurso ressalta a importância de a sociedade reconhecer o profissional, e, portanto, qualifica-lo através da oferta de curso no ensino superior em habilitação específica. Centrado na formação humana os cursos de especialização *lato-sensu* excluí as possibilidades da existência da formação em nível tecnológico, ou em nível médio.

Existe uma real necessidade de qualificação, pois existem pessoas que atuam, mas não entendem a complexidade deste espaço, e não se dão conta da importância de sua existência.

É preciso que o campo científico defina a área de estudos enquanto conhecimento lúdico. Assim, poderá se definir enquanto área do lazer ou especificamente do lúdico.

A **análise do discurso do B3** mostra que o texto traz a identificação com a profissão. **enquanto brinquedista**. E este deve ser carismático para receber o público, e ter a habilidade de interagir com este. Assim, o brinquedista favorece ou media as relações interpessoais em trocas contínuas. **brinquedista é receber o público que faz a visitação na brinquedoteca e interagir com eles**. Compreende-se, portanto, que essas relações acontecem de forma ativa.

Dentre esse processo de interação com o público existe uma troca de informações, onde a brincadeira se faz presente. Isso decorre das experiências mútuas, por isso não está voltada a ensinar a brincar. **eu não gosto de dizer ensinar a brincar**. Mas a se permitir brincar e receber informações a partir das experiências trazidas também pelas crianças que adentram o espaço. Assim, portanto, compreende-se o brinquedista como aquele que media o espaço do brincar pela troca de experiências.

O não dito encontra no brinquedista a função de troca de experiências que ocorre entre o profissional e as crianças.

Quadro Síntese 02: As interações entre o brinquedista e o público de atendimento no espaço de brinquedoteca.

Legenda	Pergunta 2: Como ocorrem as interações entre você e o seu público de atendimento no espaço de brinquedoteca?
B1	(...) uma relação única, é uma relação de encontro diário , é uma relação assim que me comove, quando eu viajo de férias, quando faço visita, quando eu saio de licença, quando eu chego ali na portaria da biblioteca, as pessoas falam

	<p>- Olha d. Lina a pessoa perguntou pela senhora, o menino perguntou pela senhora. Quer dizer eles sentem falta, (...)..., eu me emociono (risos), porque eles são demais. Sabe, porque eles têm muita coisa para dizer para a gente, por isso que eu digo que esse negócio de dar muita programação, isso aí não adianta muita coisa sabe, por que muitas vezes eles querem o contato, eles querem o sorriso, eles querem dizer o que eles estão se propondo na vida deles, o que eles estão fazendo o que eles tão passando, eu acho tão bonito isso, e eles encontram o alimento dessa fala. (...) (risos) Eu nasci para isso, por que é assim, algo lindo demais, eu acho que a gente não consegue encontrar isso escrito em lugar nenhum, sabe, essa poética desse encontro que tem entre o brinquedistas e aí a gente fala do brinquedistas, mas é da pessoa que se propõe... que se dispõe que está aberta a encontrar, isso que é bacana, sabe, isso é muito legal.</p>
B2	<p>Da melhor forma possível, né, como eu falei. A gente faz um acolhimento e a pessoa já se sente segura, já se sente querida, já se sente pertencente, então, é um primeiro passo. Então eu procuro ser muito agradável né, na minha própria fala, na minha própria expressão corporal, facial, fazer com que a pessoa seja bem recebida e bem acolhida. Também procuro respeitar minhas próprias situações, de forma honesta e verdadeira, ou seja, se não estou muito bem-disposta a brincar, oriento, mas não me envolto muito, porem sempre dando atenção e oportunidade a todos se apropriarem do espaço e das relações com o brinquedo e as brincadeiras.</p>
B3	<p>(...) quando é evento escolar ou de alguma instituição, a gente já sabe previamente a escola que vem, já tem uma orientação da quantidade de crianças e a gente já faz as orientações na porta, né, se apresentando como brinquedistas, apresentando as pessoas que estarão no dia, né dando uma conversa informalmente, (...) fala um pouco da história do bosque quando há tempo, porque as vezes não tem tempo. E eles entram a gente dá as orientações e sobre o espaço, para brincar, para ficar à vontade, interfere em algumas brincadeiras é isso basicamente é isso.</p>

A análise do discurso em B1 encontra na frase **uma relação única, é uma relação de encontro diário**. As relações existentes entre a brinquedista e os brincantes superam a relação imediatista e impessoal. Existe um elo que une o brinquedista ao brincante, isto fica mais evidenciado quando existe um afastamento temporário. A relação do espaço de tempo deixa uma lacuna na referência da brinquedista no espaço. Esse fio condutor pode estar concentrado nas ações de mediação que ocorrem entre os sujeitos brincantes e a identidade referencial do espaço brinquedoteca. Existe a necessidade da brinquedista no espaço de brinquedoteca.

A construção referencial do brinquedista é uma forma compensatória que vai para além da valorização proposto pela produção do capital, ela é uma valorização de reconhecimento da pessoa, centrado no ser humano, no ser lúdico. A referência textual **sente falta** traz a condição da necessidade de permanência. Eles podem sentir falta da pessoa, da representatividade refletida no papel do adulto brincante, que está ali para acolhê-los, como também para aprender com eles e ao mesmo tempo mediar o brincar. É uma relação de aproximação de histórias de vida que no momento do brincar se integram. É uma entrega pessoal onde as diferentes

expressões do corpo (o sorriso, o olhar, o diálogo, etc.) se comunicam. E, na ausência há a falta.

Foto 07: Brincantes adolescentes se fantasiando na Brinquedoteca Arthur Viana.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora (2016).

O diálogo e a comunicação não ocorrem necessariamente por aquilo que é falado, o corpo expressa diferentes formas que se manifestam durante a vivência lúdica, não só na atividade prática, nem na oralidade, mas também, na ludicidade silenciosa. O encontro de olhar e a cumplicidade do jogo. Esse discurso está contido na frase **eles tem muita coisa para dizer**, ou seja, existe uma proximidade onde é permitido a construção dialógica entre brinquedista e brincantes. Esse diálogo é contraposto a imposição institucional da sistematização de programações que incidem arbitrariamente a lógica do brincar livre. Pois a busca é pelo contato, e não pela atividade programada como um rito institucional a ser cumprido.

Buscando na categoria diálogo em Freire podemos entender como

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...] O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir; sobre a sua realidade tal como a fazem e a refazem. (FREIRE; SHÖR, 1986, p. 122-123)

As relações da comunicação corporal fazem parte do diálogo, seja no próprio jogo seja nas expressões verbalizadas. Assim, entre os brincantes existe o momento do encontro. E, os olhares administrativos institucionais por vezes não conseguem reconhecer esse momento e contrapõe pela premissa de atividades fechadas. O dialogo faz parte da natureza humana e através dele se permitem refletir e reconstruir seus pensamentos.

As relações afetivas também estão presentes na interação dos sujeitos e se encontra na afirmativa **eles querem o sorriso**. A relação afetiva envolve as relações de se sentir em um espaço de aceitação, daquilo que o sujeito é, sem justificção, e ou preconceitos. O sorriso passa a ser a forma de manifestação da integração existente.

Quando esclarece que **eles querem dizer o que eles estão se propondo na vida deles, o que eles estão fazendo o que eles tã passando** evidenciam-se a necessidade de estabelecer o elo dialógico das perspectivas subjetivas dos sujeitos para o momento sócio histórico que vivem, e estabelecer aquilo que querem de modo livre, sem medo de ser cerceado de seu direito ao falar. O que por vezes ocorre no meio ambiente familiar ou escolar, quando existe a figura do adulto que dita às regras a serem seguidas.

Oliveira (2011) compreenderá que o diálogo promove o exercício de ações colaborativas e participativas que possibilitam aos silenciados o exercício da palavra. A brinquedoteca, portanto, também é um espaço de convivência e de troca de sentidos e significados lúdicos, os brincantes possuem a liberdade de sentar e simplesmente conversar.

Foto 08: Brincantes adolescentes brincando com o jogo da fortuna.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Existe uma identificação pessoal que agrega a natureza do brinquedista para brincar, identificada na fala **eu nasci para isso**. Essa relação para alguns é designada como perfil para algo, ou alguma coisa.

O brinquedista se identifica com a natureza lúdica que permite o encontro dos sujeitos em um universo livre das convenções limitantes, pois é o espaço de confrontação daquilo que a sociedade impõe. Bauman (2005, p.35) “o anseio por

identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo”. Entretanto, em nossa época líquida e moderna a flutuação da identidade é possível e permitida. E contrapõem os padrões comportamentais socialmente impostos.

Existe um imaginário e uma fantasia que se constroem no espaço de brinquedoteca. Não trago aqui o sentido do sonho, devaneio, mas das regras construídas pelos próprios sujeitos. Existe uma **poética do encontro**, entre os sujeitos sociais que se permitem vivenciar uma cultura lúdica que dialoga com as distintas realidades. A descrição desse encontro poético não consegue trazer todos os elementos que dão sentido a essa rede significativa, pois cada subjetividade do ser é única.

O não dito evoca as relações institucionais da sociedade que oprimem os sujeitos, eles não são ouvidos, o poder de decisão não cabe a eles. E institucionalmente não está centralizado também nas mãos do brinquedista, a decisão é externo a ele. A instituição social não possui sensibilidade, ela é objetiva. A ausência do representante simbólico do espaço provoca uma ruptura temporária do vínculo lúdico criado entre brinquedistas e brincantes. Existe a necessidade de fazer ouvir os anseios, projeções de vida, experiências vividas dos brincantes, que encontram no espaço essa liberdade, querem ter a possibilidade de fazer ouvir sua voz interior.

A **análise do discurso em B2**, existe um processo prático construído diariamente e de acolhimento ao brincante, que dá a abertura de humanização para o espaço, e isso se dá inclusive a partir de uma leitura corporal, pois este corpo precisa se identificar com o espaço, para se sentir pertencente a ele. **já se sente pertencente.**

A relação de pertencimento perpassa pela compreensão que os brincantes ou sujeitos do brincar possuem um interesse em comum apesar de serem diferentes entre si, que seja da comunidade onde mora, ou das diferentes faixas etárias. Eles se reconhecem na coletividade e expressam suas formas de ver e de existir que está vinculada a essência lúdica do *ser* e do reconhecimento da existência de um espaço para brincar. Brincar com o corpo, brincar com o outro.

Essas relações acontecem através das diferentes formas de expressão que o corpo encontra para acolher **na minha própria fala, na minha própria expressão corporal, facial**. E essa relação respeita o próprio corpo da brinquedista, pois se existe o momento em que o corpo não se dispõe para o tempo de brincar ele não

deve força-lo, pois levaria a uma conduta durante o jogo que seria perceptível aos brincantes. Huizinga (2001) afirma que qualquer jogo na menor desobediência ou transgressão estraga o jogo. Da mesma forma o brinquedista deve respeitar essa relação, de mediar, mas sem se envolver diretamente no jogo/brincar.

A **análise do discurso em B3**, existe a identificação do público atendido no espaço, e ele é voltado para crianças quando em atendimento de escolares. Assim já existe um levantamento prévio de quem será atendido, desde a faixa etária, quantidade de estudantes, entre outros. Existe uma orientação para a atividade no espaço. **já faz as orientações na porta**. Como existe um conjunto de procedimento realizados na visitação dos estudantes, que passam por etapas até chegar a brinquedoteca, as vezes o tempo se torna reduzido para atividade da brincadeira. Existe um tempo cronológico que influencia o tempo de brincar. Este não é decidido pela criança, mas pela instituição. **quando há tempo, porque as vezes não tem tempo**.

Existe uma característica própria da brinquedoteca do bosque, pois apesar do momento da brincadeira “livre”, existe algumas que são orientadas quando há visitação por escolas, em virtude de o perfil ser da educação e preservação ambiental.

O não dito, existe um direcionamento das atividades quando se trata das escolas, para que seja trabalhado a educação ambiental. Ela aparece como conhecimento que atravessa o ensino formal.

O tempo cronológico, ou seja, o tempo em que a escola dá a disponibilidade define, o tempo do brincar, ele é objetivo.

Quadro Síntese 03: Transformações das práticas a partir da interação diária com o seu público.

Legenda	Pergunta 3: Alguma dentre essas experiências modificou sua forma de atendimento na brinquedoteca?
B1	<p>(...) há uma modificação que ela acontece diariamente, (...) porque eu costumo dizer que cada dia que eu venho para cá é um dia novo(...) sabe porque eu tenho uma relação humana, então mesmo que a gente tenha hoje frequentadores da brinquedoteca que venha diariamente, mas é um diálogo novo.</p> <p>Eles trazem novidade, então é isso que eu acredito muito que pulsa, sabe, essa relação do novo, todo tempo constante, (...)</p> <p>Enfim, mas assim, agora mesmo já estou pensando novas ideias, para o novo espaço, né, que o governo está preparando aí, (...)</p> <p>Costumo dizer que nós estamos instalados (...) falaram que isso para eles os gestores não é assim, mas para nós que somos brinquedistas e participamos desse ela se instala em uma instituição como essa ou não (...) essa formação não só hoje é dada</p>

	<p>com 40 horas, mas a gente tem que estar atuando (...) como eu posso mudar? como é que eu posso contribuir? como é que eu posso buscar mais informações? (...) pra que nosso trabalho cada vez mais, o significado dele (...) A importância dessas brinquedotecas para a guarda desse brincar, um brincar que eu costumo pensar hoje também, observando as ruas, que na verdade, o brincante ele sempre acha um lugazinho para brincar, né ele sempre acha uma janela, a rua ali com os carros mas ele vai driblando aqueles carros, mas é claro, se ele tiver uma estrutura que ele possa não correr os riscos, é lógico que isso é o ideal.</p>
B2	<p>Sim, pois o tempo e espaço das ações da Brinquedoteca são favoráveis a uma interação mais intensa e de qualidade. E muito, eu já era uma pessoa criativa e hoje eu me sinto muito mais, por que chega um momento da vida adulta que parece que a gente fica um pouco limitado nas coisas, né, de criar de sabe de mexer com as estruturas seja ela de um jogo seja da confecção de algum material, agora eu me sinto muito mais, então tudo que eu vejo hoje, eu vejo a possibilidade de transformar aquele objeto de criar alguma coisa.</p>
B3	<p>houveram muitas (...) eu era muito preconceituosa, preconceituosa com crianças que tenham alguma síndrome e não ter a capacidade de brincar e a história do menino e menina, interação entre os brinquedos dos meninos e brinquedos das meninas. Então houve uma mudança quando eu olhei para brinquedoteca e achei que os brinquedos não tinham mais que ficar separados como em uma casinha tradicional, sala, quarto, cozinha, pai, mãe e filhos. (...) São brinquedos e as crianças, são crianças, e elas tem que ficar à vontade para brincar dos brinquedos que ela se agrada. (...)</p>

A **análise do discurso de B1** nos traz os movimentos das práxis lúdicas, ou seja, a sempre um movimento contínuo e diário existente dentro dos espaços. E isto ocorre em virtude das interações pessoais. **“há uma modificação que ela acontece diariamente”**. Os diálogos com os brincantes mudam diariamente, pois existe uma **relação humana**. Com isso, através de diálogos construídos abertamente, também existe a possibilidade de mudanças, de melhorias para o espaço.

Castoriadis (1975) (re) conceitua a práxis definida como “fazer no qual o outro ou os outros são visados como seres autônomos e considerados como o agente essencial do desenvolvimento de sua própria autonomia”. Para a práxis lúdica partindo da visão do autor, o brincante estabelece através do brincar relações de autonomia nas decisões construídas pelo sujeito individual ou coletivo, um grande exercício.

Magnani (2012) compreende a práxis lúdica como proposta de “valorização da criatividade, cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, da felicidade e a nutrição da alma” (p.20). Desse modo, são processos construídos a partir da corporeidade do ser humano e das experiências vividas, oportunizados pelos diálogos e pela dinâmica do jogo.

Freire (1980) irá entender a relação humana oportunizando a existência da cultura, pois esta é, “resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador de [homens e mulheres], de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros [seres humanos]” (p.38). Demanda-se que o processo educativo é cultural a partir da tomada de consciência e libertação, promovendo transformações e construções democráticas. Portanto, havemos de repensar o espaço/brinquedoteca como espaço democrático de liberdade e exercícios práticos das vivências sociais.

Existe **um pulsar**, um movimento dinâmico, com ritmo próprio e interno encontrado na relação estabelecida entre os diálogos dos sujeitos sociais permitindo que ocorra a inovação dentro da brinquedoteca.

Do mesmo modo existe, a tentativa de construção do diálogo com o governo para trazer à tona os debates promovidos sobre o espaço, no entanto existe, uma relação fragmentada que impossibilita essa interlocução. Isso é observado no texto **governo está preparando**. Os processos administrativos nem sempre atendem as questões essenciais dos projetos, pois estes passam por instâncias gerenciais financeiras que impõe aquilo que acreditam que deve ser feito, sem consultar os especialistas que possuem conhecimentos e estudos sobre as concepções necessárias para alavancar os processos.

Castoriadis *apud* Córdova (2004) faz uma reflexão sobre a instituição e as relações de trabalho existindo conflitos em geral que são reificadas pelas organizações capitalistas e burocráticas.

Tais crises, por sua vez, não são acidentais, mas “consustanciais aos caracteres mais profundos da produção capitalista”. E elas não são elimináveis ou corrigíveis por reformas parciais do sistema, porquanto “decorrem da relação capitalista fundamental: a divisão do trabalho em um *momento da direção* e em um *momento de execução* sustentados por *polos sociais diferentes*” (CASTORIADIS, 1975, p. 101 *apud* CÓRDOVA, 2004, p. 70).

Existem conflitos envolvendo as relações entre trabalhadores e dirigentes, assim como, de modo interiorizado por cada um dos sujeitos, mesmo que de modo velado. Esses conflitos também são inerentes à esfera pública quanto aos processos decisórios criando uma cisão entre trabalhadores e dirigentes.

Existe uma diferença de intenções e interpretações entre o governo, e os brinquedistas observados na fala **para eles os gestores não é assim, mas para nós que somos brinquedistas e participamos desse movimento que é mundial**

e movimento que é mundial onde há diálogos grandes encontros, grandes congressos, nós sabemos que a brinquedoteca é um movimento prioritário (...) **(silêncio)**. Existe um conflito no sentido de *ser brinquedista* e as relações dos processos organizacionais das instituições públicas.

Existe um movimento mundial que trata do diálogo dinâmico que vem se transformando durante as épocas e diferentes contextos, esse movimento mundial consolida novos debates, a qual a brinquedista se faz presente, no entanto as relações institucionais da FCP, através das decisões governamentais projetam ações e estruturas que nem sempre correspondem aquilo ao contexto da brinquedoteca naquele espaço.

Castoriadis *apud* Córdova (2004) esclarece que os paradigmas da sociedade possuem um conflito em si mesma, “o sim e o não coexistem” (p.73) dentro de um processo de organizar ou de desorganizar. Do mesmo modo que a sociedade possui essa dualidade conflitiva, as instituições também a possuem.

No fala **ela se instala**, traz à tona essa característica de interação institucional, aqui compreendida como projeto daquilo *que deveria ser*, mas que pode ser limitada pelo papel na qual é instalada. Nesse sentido deveria haver uma maior sensibilização para o diálogo e ou parceria, para que houvesse um projeto comum, ou ao menos, um projeto onde ambos se beneficiariam. Entretanto, as decisões são realizadas sem levar em conta esses processos subjetivos internos. Pois as decisões para implantação não são consultivas aos brinquedistas, e sim a engenheiros e arquitetos, que em sua grande maioria não compreendem as relações do brincar e o contexto com o brincante, pois o mediador que possui essas informações é o próprio brinquedista.

O brinquedista passa por uma formação que **hoje é dada com 40 horas**, para compreender as teorias e conhecimento que envolve a história, o brincar, o brinquedo, os tipos de brinquedotecas entre outras relações que surgem durante o curso. Esses conhecimentos primeiros são somente a consolidação dos conhecimentos científicos, pois existe um movimento que antecede a este, é a manifestação essencial lúdica contida interiormente *não ser*, posteriormente a formação específica há de se considerar a vivência real, **a gente tem que estar atuando**. Compreende-se que esse atuar é diário, não é algo temporário obtido durante o curso, mas é algo que transcende, e assume as relações diárias do contexto sócio histórico e cultural onde aquele brinquedista irá atuar.

Essa relação *praxiológica*, ocorre a partir de questionamentos, que surgem na leitura do contexto, tornando possível a transformação significativa para o brinquedista e para os brincantes que estão no espaço. A brinquedoteca é um lugar de trabalho e possui um significado próprio, mas que ao mesmo tempo responde a sociedade através das funções defendidas pela instituição, isso é observado no texto **o significado dele**. As instituições devem possuir um sentido e significados específicos.

A função dada a brinquedoteca existente em detrimento as mudanças ocorridas na sociedade e na cultura local que se volta **para a guarda desse brincar**. Isso é garantir, a defesa e preservação do brincar que contem memórias, identidades e saberes. Essa dimensão pela brinquedista que se identifica dentro de uma funcionalidade de: guardiã do brincar é subjetiva, e vem se constituído na multiplicação de informações quando consultada sobre o tema, ou seja, é uma definição do contexto amazônico que surge a partir de sua história cultural em diálogo com suas experiências.

As observações realizadas enquanto prática das atividades desenvolvidas dentro da brinquedoteca, não fica interiorizada. Ela se expande externamente, o brincar transcende o espaço instituído e por isso é possível observa-lo nas relações sócio culturais na cidade. (...) **observando as ruas (...), o brincante ele sempre acha um lugarzinho para brincar**. O brincar nas ruas e na cidade sofreram alterações, se nas décadas passadas era possível encontrarmos as crianças convivendo e brincando nas ruas, hoje com o crescimento urbano, as ruas foram tomadas pelo asfalto para o trânsito de carros e de pessoas, a rua foi ressignificada por fatores sociais e econômicos para refletir o progresso. Mas, as crianças ainda assim, encontram um meio, mesmo que isso ofereça riscos imediatos, então é observado, os jovens *driblando os carros em* pegas, corridas, ou realizar práticas de *skate* como a de segurar nos para-choques dos carros para serem rebocados sem que sejam vistos, subir nos telhados para pegar pipas, ou jogar o futebol mesmo com as passagens dos carros, em vias públicas que possuam menos fluxo de movimentação.

A brinquedoteca pública é um meio de garantir o direito ao brincar, mas que deve ser pensado não somente na esfera interna das instituições, mas externamente, como uma possibilidade de espaço segura do brincar. E para isso, há

de se considerar a profissão do brinquedista. A manutenção da brinquedoteca, portanto se faz presente em nossa sociedade.

A **análise do discurso do B2** esclarece no texto sobre a identificação do espaço para o brincar na universidade. Este brincar demanda o tempo disponível. Assim existe uma relação entre tempo e espaço do brincar cujas ações devem favorecer as interações entre os sujeitos sociais que se encontram e vivenciam experiências. **o tempo e espaço das ações da Brinquedoteca são favoráveis a uma interação mais intensa e de qualidade.** A intensidade da brincadeira é dada pelo brincante e por se tratar de uma instituição que se volta ao estudo da educação do corpo, existe uma transversalidade para a qualidade de vida, aqui compreendida a partir das relações humanas do *ser integral*.

A interação diária promoveu transformações tanto ao brincante como ao brinquedista, pois ampliou o seu potencial criador. **eu já era uma pessoa criativa e hoje eu me sinto muito mais eu já era uma pessoa criativa e hoje eu me sinto muito mais.** A abertura para as possibilidades de criar novas ações dentro dos espaços existentes. Pois diferentemente de outras brinquedotecas, a do CEDF/UEPA, possui uma estrutura que favorece diferentes possibilidades de vivência corporal, o corpo brincante.

O brinquedista se permite mexer nas estruturas sociais, onde o adulto é limitado pela capacidade de produção. **chega um momento da vida adulta que parece que a gente fica um pouco limitado nas coisas.** Para o caráter lúdico que é livre e criador, a possibilidade de vivências no espaço resgata a dinâmica criativa do sujeito e o retira da latência em que se encontrava.

Essa mudança é possível devido a capacidade imaginária e de criação do ser humano, que se manifesta tão logo as estruturas que estavam antes consolidadas sejam questionadas. **eu vejo a possibilidade de transformar aquele objeto de criar alguma coisa.** A sociedade impõe aos adultos as relações de produção do trabalho, em um sistema de repetição, de ordenamento, de lógicas que impõe ao indivíduo um conjunto de atos que ao longo dos anos acabam por serem introduzidas e aceitas como, aquilo que é, do jeito que é. Não existe liberdade na ação humana nesse sistema de alienação. No entanto, no momento em que a possibilidade de estar em estreita relação com a cultura lúdica, do movimento, da liberdade, aciona outras relações estruturantes, que são construídas pelos sujeitos num ato do imaginário criativo.

O não dito estabelece que alguns espaços de trabalho não promove o favorecimento das interações pessoais.

Existe uma natureza criativa que se encontra latente nos sujeitos sociais, em virtude do modo mecanizado em que vivemos. A cultura social reproduz a ideologia em que o adulto é limitado em detrimento do ritmo do trabalho. Não a tempo para a diversão, mas para a produção. Assim, o tempo de criação também lhe é reduzido. Para que haja a transformação é necessário mexer nas estruturas fundantes da lógica mercadológica e voltarmos ao sentido das relações lúdicas.

A **análise do discurso em B3** demonstra que durante a vivência profissional da brinquedista, e com o passar do tempo ocorreram mudanças significativas, na postura pessoal. **eu era muito preconceituosa**. A partir das observação e experiências vivenciadas com os diversos participantes houve um processo de transformação em si mudando a ideologia que é encontrada cotidianamente na sociedade onde a separação de brinquedos por diferenças sexuais. **olhei para brinquedoteca e achei que os brinquedos não tinham mais que ficar separados**. A possibilidade da cultura lúdica vai além da fronteira dos preconceitos sociais. Brincar é único e prazeroso. Assim, é identificada a necessidade de a criança exercer a escolha do que brincar, e com que brincar.

O não dito, nos mostra a capacidade de mudança pessoal que atuava em virtude de sua não habilidade profissional de lidar com deficiências. O não saber provocava a aversão. Isso foi transformado a partir das experiências na brinquedoteca.

A estrutura de organização dos brinquedos na brinquedoteca era o reflexo do preconceito social de gênero trazendo relações distintas dos brinquedos de menina e de menino. Essas relações foram transformadas quando ocorreu a compreensão da cultura lúdica, que considera a liberdade do brincar.

Quadro Síntese 04: As vivências lúdicas vivenciadas na brinquedoteca enquanto saberes culturais.

Legenda	Pergunta 4: Como você considera as atividades lúdicas desenvolvidas na brinquedoteca enquanto saberes culturais?
B1	A gente sabe que o lúdico já é cultura , é uma cultura específica do homem , então é importante, a gente manter essa cultura dentro (...) as próprias brincadeiras das rodas abertas, se a gente brinca na roda, a gente está favorecendo esse saber lúdico que desde a muito, muitos anos a gente vem brincando de rodas vem cantando canções novas então isso são saberes da cultura e essa troca de cada um. (...) até aqui na Arthur Viana onde nós temos muitos brinquedos industrializados, mas tá aqui a Maiolina pra lembrar que não tem só brinquedos industrializados, que a gente pode fazer outras brincadeiras, brincadeiras de nossos avós, brincadeiras de nossos bisavós , enfim,

	trazer essas possibilidades ricas, e trazer também o imaginário favorecendo esses meninos , por que como citei ainda agora a Rosani, né, ninguém ensinou a brincadeira ou talvez tenha ensinado isso, dessa brincadeira do disco voador, talvez naquele momento ela viu um grande disco voador (risos). Ela soltou a criança dela, né, daquela cultura que se sabe do brincar pulsante dentro dela. Então é nisso que a gente tem que começar realmente a se permitir, trazer a nossa cultura ação e abraçar a cultura do outro que traz essa cultura que faz parte de sua vida.
B2	A brinquedoteca ela vem também com esse, grande acervo. Acervo de brincadeiras, acervo de brinquedos, então isso é cultura, isso é preservar, é ressignificar a cultura. Então as crianças entrando nesse universo, elas vão estar tendo contato com esse universo da cultura , local, regional, planetária, ou seja, lá qual for.
B3	(...) pelo espaço e a proposta do espaço da brinquedoteca do bosque ela tem esse diferencial, então como ela trabalha a educação ambiental, então como ela tem esse diferencial ela traz a cultura da Amazônia , como a contações de histórias da lara, Curupira que falam de um modo do imaginário e da fantasia da criança sobre a educação do meio ambiente. Na trilha esses personagens se encontram no Bosque também.

Na **análise do discurso de B1** existe uma compreensão que o **lúdico é cultura (...) específica do homem** que antecede a própria cultura, portanto as brinquedotecas também mantêm as memórias coletivas através do brincar, a cultura aqui não é compreendida como aquela que são conhecimentos compartimentalizados da música, do brincar do jogo, não. A afirmativa do texto **para lembrar que não tem só brinquedos industrializados, que a gente pode fazer outras brincadeiras, brincadeiras de nossos avós, brincadeiras de nossas bisavós** evoca as lembranças e memórias dentro de uma dimensão que pulsa, ou seja, dentro de um ritmo próprio de movimento de trocas de saberes manifestado ludicamente que podem ser pelas histórias contadas, pelo brincar/jogo, pelo brinquedo, pelas danças, pelas rodas cantadas, são diferentes formas de expressões.

Existe ainda uma forma de luta contra a lógica dos brinquedos industrializados aliado as possibilidades de produção de brinquedos artesanais, que ocorrem pelas oficinas. **Trazer também o imaginário favorecendo esses meninos**, a resistência da lógica social do capital e da produção acontece através da criação, que no espaço de brinquedoteca é dado através da liberdade criadora e imaginária, permitindo existir um fluxo contínuo de possibilidade de saberes culturais transformados. A partir dessa relação o brinquedista também se permite reconhecer a ludicidade interior que está ali pulsante, em alguns momentos em sociedade ela se

encontra latente, mas que ao haver o pertencimento cultural ele se exterioriza de diferentes formas permitindo novos imaginários expressos corporalmente.

A cultura dos saberes lúdicos existentes neste espaço, através do olhar do brinquedista é uma troca constante oportunizada por meio do brincar. E, dialoga com sua cultura interiorizada, mas aberta, pronta para se expandir com o dialogo da cultura do outro. Essa cultura está nas formas empíricas das práticas diárias.

O não dito se concentra em alguns recortes:

As relações institucionais procuram reproduzir uma cultura de massa, fragmentada e destituídas das representações dos sentidos que se encontra em suas raízes, portanto não produzem saberes culturais, mas informações culturais. Ela não é espontânea.

A sociedade em seu sistema econômico traz uma lógica de produção e consumo, de relações materiais (brinquedo) e imateriais (ideia, comunicação da necessidade de consumo) acabando na promoção do afastamento do imaginário como fonte criadora e pulsante do ser humano. Na manifestação cultural da construção dos brinquedos (artesanais) existia um sentido e significados que era dado pelos próprios sujeitos que se identificavam com o objeto construído.

Atualmente o adulto não se permite brincar, as relações lúdicas culturais estão latentes, mas estão em oculta provavelmente em detrimento da cultura do trabalho. (o que é sério em oposição ao não sério).

A cultura lúdica, fala por si deve ser vivida, ela é livre, e possui sentidos e significados próprios, não precisam de programações de massa para subsistir, elas se transformam no diálogo e nas interações contextuais.

Na **análise do discurso em B2** as dimensões das brincadeiras e dos brinquedos fazem parte do acervo cultural existente, assim, elas são ressignificadas diariamente dentro da brinquedoteca pelos sujeitos que ali se encontram. [...] **ressignificar a cultura.** Quando se adentra no universo do brincar, os sujeitos encontram formas de mudar e de utilizar o brinquedo, elas constroem, e trazem às memórias as formas aprendidas em seu contexto familiar, de rua, de grupos de amigos, ou mesmo, por que viram em filmes. Elas se permitem dialogar com as diferentes formas.

O não dito se encontra nas relações subjetivas que permitem experimentar culturas diferentes seja com relação ao objeto seja em relação a construção coletiva da brincadeira.

A **análise do discurso em B3** mostra que existe um projeto que alinha as ações ocorridas na brinquedoteca. **pelo espaço e a proposta**. Como trata da educação ambiental, vinculada aos critérios da Rede Brasileira de Jardins Botânicos(RBJB) que defendem a conservação dos habitats naturais das vegetações e biodiversidade, a brinquedoteca procura responder a proposta de educação ambiental que envolve os valores sociais de conservação e harmonia do ambiente e da vida, para preservação e sobrevivência também humana, portanto são atreladas as visões educacionais pedagógicas. Daí possuir forte alcance ao compreender a cultura atrelada as informações das lendas, mitos ou outras manifestações, através da contação de histórias. **traz a cultura da Amazônia... contações de histórias da lara, Curupira que falam de um modo do imaginário e da fantasia da criança sobre a educação do meio ambiente.**

Ressaltasse que as relações culturais passam pela aceitação coletiva do imaginário. Mas, esses saberes são significados quando possuem uma representatividade. São distintos os sentidos trazidos pela atividade quando se trata de crianças que nascem no meio urbano, onde essas representações são apenas informações regionais, das crianças que advém do interior ou zonas rurais, que possuem essas manifestações diárias e possuem sentidos e significados presentes na sua vida. Aí então decorre através das interações entre as crianças e o brinquedista a produção do saber cultural. Estas nascem nas experiências vividas dos brincantes e que adentram ao espaço de brinquedoteca dando significados as atividades.

O não dito, a cultura é compreendida como informação pela educação ambiental. E não como processos de sentidos e significados que estão presentes no individuo ou no coletivo.

Quadro Síntese 05: As atividades lúdicas na brinquedoteca enquanto saberes educacionais.

Legenda	Pergunta 5: Como você considera as atividades lúdicas desenvolvidas na brinquedoteca enquanto saberes educacionais?
B1	Ah! (risos) Falar dos saberes educacionais(...) é da nossa área a gente sabe que o brincar é luta, né cara, é luta solta aí, frequente, então para que eu vou pensar numa atividade pedagógica dentro de uma brinquedoteca, não tem sentido. Ela espontaneamente ela já é. Então a gente vê muitas terminologias por aí, escuta, né, e a gente como brinquedistas que tem a vivencia, por que tem uma diferença, tem o brinquedista que é brinquedista, mas não atua, não vivencia, né por alguma razão da vida que eu não sei qual é, mas tem muitos brinquedistas que tá atuando, claro que eu já relatei várias coisas aqui, a gente tá observando, tásentindo, que é pulsante, né,

	<p>então a gente sabe muito bem que tudo que acontece nas brincadeiras na brinquedoteca educa.</p> <p>Educa o cuidar com o outro, educa o cuidado com a outra, educa o olhar do outro, educa o respeitar o outro, tá entendendo, educa em função do brinqueado, do que o brinqueado pede, do que aquele jogo tá pedindo e ele tá percebendo que ele precisa é recuperar o que ele pode ter perdido no movimento do conhecimento dele, enfim, então esse processo já se insere no contexto lúdico, já tá lá, né verdade, e o brinquedista sabe disso, (...) É claro que a gente também tem que entender esse processo todo que é cobrado na sociedade onde se separam coisas, tudo eles gostam de separar, né, Ah! o pedagógico, ah! isso vai servir pra não sei que, ah! isso vai servir pro movimento, ah! isso serve pra cognição, né (risos) então tem isso, infelizmente, eu tô falando aqui espontaneamente mas eu sei falar tecnicamente, (...) o lúdico é espontâneo, não pode acontecer de forma diferente, né. Quantos meninos brincaram aqui na brinquedoteca de escola pública, porque nós temos os frequentadores que visitam a biblioteca pública que são da escola pública e que passaram na UFPA e que brincaram a tarde inteira aqui. Que brincaram de Dama, de xadrez de War, os jogos que eles escolherem, então é isso, eles sabem que eles têm aquele momento troca e do dialogo um com o outro que é mais rico ainda, por que quantas amizades são realizadas e são construídas na brinquedoteca, muitas amizades, amizades que me convidam até para padrinho sabia disso, que se conheceram aqui, então é assim (<i>dando adeus para os frequentadores que estão de saída</i>). Eu fico dando adeus, olha que coisa bonita, eles não sabem sair daqui sem dizer:</p> <p>- Tchau Maiolina, e eles sabem que eu estou gravando, tanto é que eles não interromperam, olha o respeito, e eles sabem que eu estou falando da brinquedoteca que eles me sinalizaram assim, (fazendo o sinal). – Legal.</p> <p>Então quer dizer são coisas que a gente tem que estar atenta nessas percepções, são elas que enriquecem a nossa fala enquanto profissional brinquedista, são elas, né, então escrever livro sobre a montagem e organização isso não é difícil, o difícil é saber o que a gente vive (...) por que (...) eu acredito que a nossa brinquedoteca não é diferente de outras nessa vivência. Nessas construções que foram realizadas, que foram feitas, eu tenho certeza que as pessoas que vão lá na Joana d'Árc também passam por isso, contribuem com tudo o que elas vivenciam(...) Só que o hospital vai contribuir no sentido mais da compreensão do seu processo de estar hospitalizado cuidando de sua saúde (...) olha a compreensão que as brinquedotecas realizam para os brincantes, nesse sentido da educação.</p>
B2	<p>A brinquedoteca, ela vem como esse espaço de lazer, que é livre, que precisa ser vivenciado, vivido, compreendido, e a brincadeira deve ser livre, né. Mas nada impede que a gente também faça atividades que direcionem para uma atividade educacional, que vá dar esse apoio educacional, então ela vai ser bem-vinda sempre mesmo quando focam esses caminhos educacionais. Por exemplo, eu tenho crianças aqui que está aprendendo hábitos de higiene simples, como lavar as mãos, escovar os dentes. Estão aprendendo aqui na brinquedoteca, olha que legal, coisas que eles não tinham na casa deles, e que talvez não foi explorado na escola, e está sendo explorado aqui, então isso é muito importante.</p>
B3	<p>vão formando né os saberes nas crianças e elas vão tendo a percepção da importância da educação ambiental, do preservar, de saber que elas têm que manter e preservar especificamente esse espaço da importância que ele tem para eles, para a vida e valorizar esse espaço. Que é um espaço antigo que tem uma história (...) são referentes à educação ambiental, nossas informações sobre esses saberes ficam voltadas aos saberes daqui.</p>

Na análise do discurso de B1 no sentido literal do texto [...] **atividade pedagógica dentro de uma brinquedoteca, não tem sentido. Ela**

espontaneamente ela já é. Os saberes educacionais que ocorrem dentro do espaço da brinquedoteca não são métodos a serem aplicados, os saberes são mediados pelos diálogos construídos a partir daquilo que é vivencial e importa estar em sintonia lúdica, livre. A brinquedoteca não impõe os brinquedos e as atividades ela oportuniza que os saberes educacionais sejam manifestados pelos sujeitos. Não possui uma filosofia educacional única, nem limitada nas relações de conteúdos escolhidos pedagogicamente para apresentar resultados e metas. Ela está alicerçada na construção de saberes lúdico, educacionais e culturais dentro de um processo criativo dos sujeitos que interagem entre si.

Existem muitas terminologias sobre as questões do brincar no espaço da brinquedoteca aplicadas a partir da visão educacional, porém há de ser considerada, a existência de pedagogos ou de outros profissionais que estão dentro do espaço, e não do brinquedista.

Existe uma diferença entre o **brinquedista que é brinquedista, mas não atua, não vivencia.** Aqui há uma ruptura de conteúdos instruídos e saberes construídos. O brinquedista que não atua traz somente as informações inerentes aos conhecimentos das diferentes áreas da psicologia, sociologia, pedagógica, etc. que envolvem a própria formação do brincar, diferentemente dos saberes construídos pelo brinquedista atuante, onde media o brincar e interage com os brincantes, ele observa e ao mesmo tempo relata a partir das relações vividas, fluídas, portanto envolvendo redes de sentidos que surgem a partir das trocas simbólicas entre os sujeitos. Por isso, no discurso ele aparece como dinâmico, **é sentido... que é pulsante.** Portanto os saberes não estão reduzidos a teorias ele envolve também as relações afetivas.

As relações da educação também são pessoais pois trabalha com o respeito ao outro, educa **o cuidar com o outro, educa o cuidado com a outra, educa o olhar do outro, educa o respeitar o outro.** As possibilidades educativas estão, portanto, relacionado aos valores culturais e sociais, há necessidade de sociabilidade encontrado nas relações intrapessoal e interpessoal.

Tudo na brinquedoteca é movimento, assim, a educação encontra uma função a partir do próprio objeto de brincar: **o em função do brinquedo, do que o brinquedo pede, do que aquele jogo está pedindo e ele está percebendo que ele precisa é recuperar o que ele pode ter perdido no movimento do conhecimento dele, enfim, então esse processo já se insere no contexto**

lúdico. O discurso existente neste texto constrói a importância de considerarmos o brinquedo enquanto função educacional. Não no sentido pedagógico de jogos para matemática, português, etc. Mas das relações que possibilitam que o brincante interaja com o brinquedo reconhecendo sua lógica, como ele se constrói a partir das regras existentes no jogo, mas também daquilo que pode ser criado para facilitar a brincadeira. Não é as regras do jogo simplesmente, mas as regras instituídas pelo brincante. Aí, está o sentido da educação na brinquedoteca. E transcende a isso, pois ele irá constituir novas formas imaginárias, além da comunicação, de um olhar, um franzir de testa, ela é expressa na corporeidade do brincante.

Existem também, outras relações que tratam da educação emocional durante no jogo. O controle exercido, as superações do medo, ou da frustração, as conquistas.

Essas relações são percebidas pelo brinquedista, isto está contido no texto, **o brinquedista sabe disso**, o processo educativo utilizado pelo brinquedista fica concentrado na mediação e nas observações integrais do ser humano expressas na comunicação corporal.

Reconhece o contexto pedagógico entendido como conhecimento formais, acadêmicos ou científicos constroem um movimento que fragmenta em partes, o que é pedagógico, da psicologia, do físico/biológico; da sociedade; da cultura, etc. **esse processo todo que é cobrado na sociedade onde se separa coisas, tudo eles gostam de separar.** As relações na brinquedoteca podem ser perpetuadas, cuja constatação existe através dos relatos das brincantes crianças, que passaram pela brinquedoteca e que hoje retornam como adultos. Que jogaram xadrez, dama, entre outros e que foram preparados para as estratégias da vida, a lógica da vida. É claro que isso não está consolidado somente no espaço da brinquedoteca, mas como ela traz o movimento, esses saberes dialogam também com aquilo que está externo a ela, a família, a sociedade, o trabalho.

O brinquedista no texto deve estar atento a esse fluir, aparece quando diz que **a gente tem que estar atenta nessas percepções.** A observação é algo que envolve a percepção subjetiva e objetiva dos contextos do brincar. Existe mudanças quando se trata de alguns locais como é o caso da brinquedoteca hospitalar, que trata da educação também com um sentido de preparação da compreensão do brinquedista com relação a sua saúde. (...) Só **que o hospital vai contribuir no sentido mais da compreensão do seu processo de estar hospitalizado**

cuidando de sua saúde (...) olha a compreensão que as brinquedotecas realizam para os brincantes, nesse sentido da educação.

A brinquedoteca hospitalar possui relações específicas, tanto quanto a escolar, mas em geral elas priorizam o brincar e a cultura lúdica.

O não dito não existe passividade no debate, mas um movimento de luta social para que se institua a compreensão do que realmente é a brinquedoteca quem é esse profissional brinquedista.

O processo educacional da brinquedoteca é pautado pela essência lúdica, portanto é diferente daquele projetado pela educação pedagógica escolar compreendida pela sociedade.

A sociedade cobra uma função da brinquedoteca das relações fragmentadas a partir da compreensão funcional do brinquedo (brinquedos simbólicos, brinquedos operatórios, brinquedos motores, etc.) cada qual a partir da linha teórica da psicologia e da educação. Não há negação dos espaços que assim atua, mas existe outra corrente de contraposição onde a brinquedoteca constrói diferentes saberes que não estão dissociados entre si.

O público que frequenta (baixa renda) não perde tempo ao brincar, mais enriquecem suas experiências, e são beneficiados para a entrada no ensino superior.

Existe um respeito instituído entre os brincantes e o brinquedista, existe um silêncio lúdico no espaço, essa relação é mediada pelo diálogo.

As realidades das brinquedotecas mesmo em contexto diferentes são muito próximas, excetuando as que estão no campo hospitalar e escolar.

Na **análise do discurso em B2** o sentido literal do texto compreende duas relações possíveis no espaço, uma voltada a educação pelo lazer, onde as experiências vivenciadas são pautadas no princípio de liberdade do brincar. **ela vem como esse espaço de lazer.**

As bases de fundamentações teóricas defendem relações de educação pelo lazer e para o lazer, o que aponta na defesa do discurso analítico dos elementos e aspectos que intervêm no lazer, favorecendo a construção crítica do conhecimento nesta área. É importante compreender que o autor defende um engajamento da sociedade na busca de mudanças culturais que permitam aos sujeitos a promoção de experiências subjetivas mais humanizadoras.

Neste espaço, pode haver uma flexibilidade de compreensão educacional direcionada, dando suporte para a compreensão do corpo, na área da educação física. **Mas nada impede que a gente também faça atividades que direcionem para uma atividade educacional.** Uma vez que a brinquedoteca se encontra em curso universitário que forma professores da área da educação física, quando o espaço é concedido as experiências práticas junto a algumas disciplinas, é comum que ocorra essa outra dimensão educacional.

No entanto a brinquedoteca também produz diferentes aprendizagens que vão desde procedimentos básicos de higiene corporal, como de outras relações de convivência em grupo, superações de preconceitos, entre outras formas.

O não dito a brinquedoteca pode ser considerada um espaço de lazer. Mas também produz aprendizagens institucionalizadas em virtude do local onde ela é historicamente construída.

Na **análise do discurso de B3** existe no texto a centralidade do princípio da brinquedoteca deslocado do brincar, para a educação ambiental. **elas vão tendo a percepção da importância da educação ambiental.** Não existe a negação do brincar, mas ela atende em caráter secundário, quando no atendimento de escolares. A constituição sócia histórica do espaço, onde a brinquedoteca está instituída– O Bosque – possui, uma relevância cultural de sua existência. **espaço antigo que tem uma história.** Ela existe antes da brinquedoteca, portanto é maior que ela e suas premissas são prioritárias. A brinquedoteca neste local surge para atender a critérios institucionais na ascensão à Jardim Botânico. Possuí assim, duas dimensões do brincar: aquela que está focada na educação ambiental, dirigida aos estudantes, e outra que dá sentido ao princípio do brincar, quando ocorrem as visitas abertas, não agendadas, onde cumpre seu papel.

O não dito, a educação direciona os saberes, portanto possui uma relação ideológica reforçada na e pela escola. E o mesmo pode ocorrer quando se trata da brinquedoteca com fins a educação formal, a partir da instituição global que não irá compreender seu papel, e sim utiliza-la como meio para o crescimento à patamares de qualidade institucional e não pessoas.

As interpretações dos discursos nos mostraram que existe relações ideológicas que estão refletidas no interdiscurso dos brinquedistas, e isso ocorre de modo diferencial em virtude das concepções institucionais, ou seja, o campo onde

foram criadas, o que interfere diretamente nas compreensões do espaço brinquedoteca. Em alguns momentos existem compreensões que irão ser semelhantes na defesa dos saberes lúdicos, educacionais e culturais, no entanto existem também distinções, visto a intervenção do processo de criação sócio histórico a qual foram construídas.

No entanto as vivências e experiências práticas produzem sentidos específicos quando se trata do olhar do brinquedista sobre suas ações e experiências a partir da interação existente com os brincantes.

5. CONCLUSÃO:

Ao finalizarmos a pesquisa, traçamos algumas considerações relevantes. É importante compreender os diferentes olhares que surgem das experiências dos brinquedistas em seus referidos espaços de atividades. Cada brinquedoteca possui um contexto que apresentam determinada identidade institucional. E, as atividades propostas refletem não somente a função do brincar, mas também as relações de sentidos construídas na brinquedoteca pelos brincantes e pelo brinquedista. Essa relação de pertencimento traz diferentes modos de interpretar suas especificidades.

Em primeiro foco existe saberes lúdico-educacionais e culturais que são interpretados no discurso dos brinquedistas de forma diferencial, pois as vivências trazem experiências distintas e enriquecedoras.

Respondendo à questão problema sobre quais os saberes lúdico-educacionais e culturais estão contidos nos discursos dos brinquedistas a partir de suas vivências diárias?

Valemo-nos da compreensão que existe uma rede de *saberes* não fragmentado das relações existentes entre o lúdico, a educação e a cultura. Pois elas são construídas pelos sujeitos sociais de modo uniforme, nenhuma dessas categorias sobrepõe à outra. No discurso elas aparecem concomitantemente. Não estão dissociadas. Mas podemos identificar as características específicas partindo da estrutura institucional onde a brinquedoteca se instituí, pois, reflete as relações sócio históricas e culturais. É uma característica, interessante, pois consolida a possibilidade da coexistência de instituições integradas em um mesmo espaço físico com concepções que podem ser distintas.

A resposta obtida da questão problema nos leva a crer que existe uma complexidade e diversidade nos discursos, sobre o estudo, que firma as reflexões críticas das definições existentes sobre a brinquedoteca. Pois de modo global, muitas pesquisas procuram definir o brincar, o brinquedo, a estrutura física e organizacional, e trazendo a visão dos brincantes, normalmente crianças. A nossa pesquisa percorreu outro caminho, a visão do brinquedistas, enquanto profissional atuante do espaço.

Apesar de apresentarmos analiticamente os discursos e algumas das ideologias identificadas a partir dos saberes lúdico, educacional e cultural, nos valemos de bases teóricas de grandes estudiosos, para defendermos

conceitualmente que os saberes lúdico, educacional e cultural que existem na brinquedoteca são construídos a partir das relações pertinentes *intrapessoal* e *interpessoal* com o meio contextualizado, ou experimentado. Os sentidos dados partem dessas vivências e transformam-se pelo movimento dinâmico existente. Eles não se fecham em teorias únicas, salvo quando o próprio espaço se institucionaliza considerando-as dentro de uma especificidade. Exemplo disso encontrar-se-á nos hospitais e escolas, cujas brinquedotecas são criadas com propósitos específicos de educar para um fim único, seja como, processo de educação sobre a doença, ou como processo pedagógico de educação formal. E mesmo, considerando que essas relações limitantes ocorram dentro do brincar na brinquedoteca, ainda assim, haverá na intencionalidade subjetiva dos brincantes, o desafio às regras, encontrando no mundo imaginário a potencialidade do confronto. Pois a ludicidade está na sua essência, o brincante sempre encontrará o caminho do brincar livre.

Foi possível alcançar o objetivo geral pretendido, pois a partir da análise dos discursos dos brinquedistas correlacionadas as suas experiências vividas compreendemos as relações de sentidos a partir de sua visão sobre o lúdico, a educação e a cultura.

Nossos resultados apontam para alguns desses saberes, interpretados e compreendidos pelos brinquedistas acerca de suas vivências no espaço de brinquedoteca, são eles:

A **Ludicidade**: É compreendida como pulsão, como movimento dinâmico que possui um ritmo que lhe é próprio, todo ser humano possui em sua natureza, faz parte de sua essência. E, possui no brincar/jogo amplas formas de manifestação.

O *ser humano* cria as possibilidades expressas nesse movimento do corpo. O corpo é compreendido aqui em sua integralidade, na sua potencialidade do vir a ser, por isso, está relacionado à rede de sentidos e significados para se comunicar através do brincar.

A brinquedoteca como espaço que tem por princípio o brincar, pode ser compreendida, como o espaço que oportuniza a manifestação lúdica, ou seja, integra os saberes. Esses saberes não estão dissociados, eles possuem uma simbiose que ocorre pelas interações trazidas entre a pulsão lúdica do sujeito individual ou coletivo e o meio (social, histórico, cultural, filosófico, psicológico). E, se desdobram nas mais amplas possibilidades.

É no encontro que o diálogo (comunicação/linguagem) se efetiva onde as representações simbólicas passam a ter sentido para os sujeitos. Esse pertencimento é designado como *encontro poético. Poiésis*. Compreendido como a construção da obra. Assim, compreendemos que é no encontro das interações dos sujeitos brincantes que se manifesta através do brincar a construção livre das representações da vida e para a vida.

A **Educação**: aparece no discurso como processo, onde ocorre a mediação entre aquilo que se conhece com aquilo que se quer conhecer. Essa relação educacional decorre da intencionalidade do sujeito (individual ou coletivo). Mas existe uma dupla dimensão:

Na primeira dimensão o brinquedista assume o papel de interventor, ou seja, ele interfere, nos processos da manifestação lúdico-educacional direcionando para que ocorra uma aprendizagem - do ponto de vista institucional-, necessária ao desenvolvimento do outro. Parte de uma concepção social de fragmentação das coisas e, portanto, do conhecimento.

O conhecimento dentro dessa lógica se apresenta conforme a teoria de Descartes onde há divisão entre a mente/matéria, e essa separação dualista influencia até hoje os processos educacionais. Na brinquedoteca não é diferente quando se trata dessa concepção. Pois reproduz as relações de produção social impostas após a revolução industrial. E que influenciaram a composição de estruturas do currículo e disciplinas. Assim, o conhecimento da brinquedoteca aporta no desenvolvimento da criança em relação ao objeto, visto de modo separado, o brinquedo está externo a criança. Ele possui uma função sensorial, motora ou lógica e possui diferentes características que promovem a aprendizagem, cabe ao brinquedista ensinar como brincar. Existe um papel a ser cumprida pela brincadeira, ela é utilizada como método de ensino-aprendizagem.

Longe de dizer o que é o certo ou não, para a sociedade, as brinquedotecas que atuam nesta concepção, estão sendo ampliadas, a partir das normas de formação para o profissional pedagogo, em detrimento da obrigatoriedade de sua existência a partir do índice de avaliação dos cursos superiores, imposto pelo Ministério de Educação do Brasil. Do mesmo modo, pela obrigatoriedade da lei 11.104 de 25 de março de 2005.

A segunda dimensão implica na construção de processos educacionais partindo-se de diálogos construídos e mediados pelo brinquedista. Nesta os saberes

surgem de forma natural e são ressignificados pelos brincantes, de acordo com suas percepções e releituras contextuais. Existe uma compreensão de pertencimento ao espaço e nela a possibilidade de novas construções. O brinquedista assume o papel de mediador, ele faz junto, para que o brincante encontre as possibilidades a partir de sua criação imaginária (individual e coletiva), que promove a instituição de valores, normas, regras a partir das experiências vividas e dialogadas.

Os saberes educacionais constroem os sentidos e significados que transcendem a brinquedoteca e se relacionam com o universo vivido. Na relação epistemológica da educação se aproxima da concepção interacionista.

Em nossa compreensão consideramos que a brinquedoteca quando permite o movimento fluído da ludicidade permite a efetivação da relação interacionista sócio discursivo propostos por Jean Paul Bronckart, teórico de nosso século, cujos influenciadores são Vygotsky, Marx e Spinoza. Compreendendo os processos educacionais como as interações brinquedista/brincante constituindo o centro das atividades educativas, nessa prerrogativa, comunicam os saberes de modo integrado e são construídos pelos discursos e narrativa orais.

Devemos considerar que as brinquedotecas podem possuir as duas dimensões dentro do seu espaço, pois existe uma relativização encontrada em algumas das brinquedotecas pesquisadas.

A **Cultura**: é compreendida nos discursos, como aquela que evoca a memória e o imaginário que constroem as relações simbólicas e dos sentidos existentes no espaço. Transformam-se mediante as trocas de experiências vividas pelos dos sujeitos sociais a partir de uma aceitação coletiva durante a manifestação da cultura lúdica. Existem dinâmicas decorrentes da interação e da convivência que são elementos propulsores das possibilidades de construção de novos saberes culturais na brinquedoteca, existe uma abertura para o reconhecimento da cultura do outro.

As manifestações encontradas no jogo trazem as memórias historicamente instituídas na sociedade, mas não se fecham em si mesmas, elas são transformadas pelo imaginário criador dos sujeitos, que constroem novas formas de expressões, novas regras, novos valores.

Quanto aos objetivos específicos realizamos o levantamento sobre o contexto pelo qual se constituiu as brinquedotecas públicas na cidade de Belém no Estado do Pará. Essas informações estavam contidas nas memórias dos sujeitos e foram obtidas através das narrativas, consideramos o processo sócio histórico que foi o do

início da década de 90 até o início do segundo milênio. Consideramos que as motivações de sua instituição ocorreram de modos distintos, mas esclarecedores quanto às relações que permeiam as mudanças sociais que envolvem a concepção da recreação no Brasil. Existindo ainda os reflexos dos debates sobre as brinquedotecas internacionais e sua instalação no Brasil.

É possível que as formas de estruturas e organização das brinquedotecas no Brasil estejam em estreita relação com o pensamento sobre a infância, o brincar e o brinquedo, possuindo um reflexo de caráter higienista, que foi reproduzido pela recreação. Os cantinhos pedagógicos/brincar se constituem na sua maior característica. A organização da brinquedoteca faz essa separação dos cantos lúdicos.

Há de considerarmos que a brinquedoteca reflete ideologias socioculturais de uma determinada sociedade, portanto cada uma das brinquedotecas pesquisadas possuem uma função ideológica para o atendimento dos sujeitos, sejam eles, crianças, jovens ou adultos.

O levantamento que aconteceu através da pesquisa participante através da observação participante e narrativas orais nos permitiu registrar alguns desses processos históricos, dentre eles o da primeira brinquedoteca do Estado do Pará, que é a brinquedoteca da Biblioteca Arthur Vianna da atual Fundação Cultural do Estado do Pará. Pois a partir das experiências desta no atendimento dos sujeitos sociais, que outras brinquedotecas foram se estruturando no Estado.

Ressaltamos que para maior profundidade dos processos históricos deve-se alcançar os pioneiros que pensaram na sua instalação.

Quanto as outras brinquedotecas da pesquisa, foi possível dialogar diretamente com a autora do projeto, como foi o caso da brinquedoteca Joana d'Árc/UEPA, ou com membros da equipe como foi o caso da Brinquedoteca do Bosque/SEMMA.

Nenhum desses espaços possuía uma descrição bibliográfica de sua história, contendo as motivações, concepções, e as primeiras vivências práticas que ocorreram durante o período social em que se estabeleceram.

Quanto ao objetivo de interpretar o discurso produzido pelos brinquedistas junto ao contexto da brinquedoteca em que atua. Foi possível compreendê-los a partir das experiências vividas e expressadas nas falas daqueles que vivenciam o espaço de brinquedoteca. E isso se tornou possível a partir da pesquisa da análise

do discurso proposta por Orlandi (2005). O desmembramento obtido a partir da transcrição se apresenta na forma de texto, e ajudou-nos na constituição processual do intertexto/discurso e deste na identificação das influências ideológicas ou matizes das concepções teóricas que foram reproduzidas no discurso analisado.

Por fim o objetivo específico que trata de compreender como os saberes lúdicos, educacionais e culturais produzem sentidos para os brinquedistas a partir das interações entre os sujeitos sociais, e suas experiências diárias, foi alcançada quando relacionamos o discurso ao contexto vivencial do brinquedista respeitando suas especificidades e os diferentes processos sócio histórico e cultural que influenciam na rede de saberes lúdico-educacionais e culturais presentes no espaço.

O estudo permitiu desvelar os discursos produzidos pelo brinquedista a partir da sua visão sobre os saberes encontrados na brinquedoteca e que se referem a identificar quem o brinquedista, qual o seu papel no espaço e como compreendem as relações de ludicidade, educação e cultura dentro deste do local específico de trabalho.

A pesquisa científica produzido a relação sistematizada para favorecer nova construção de saberes sobre a brinquedoteca e os profissionais que ali estão. E, constituiu-se em novo documento científico que representa parte do pensamento expressado por este profissional em específico, o brinquedista.

O conjunto da obra poderá servir aos estudiosos da área, além, daqueles que se preocupam verdadeiramente com a garantia do bem-estar social, e a garantia do direito ao brincar. Os dados podem ser utilizados como referência ou desmembramento de novas pesquisas.

Devemos refletir sobre como as brinquedotecas vem sendo instituídas na sociedade a partir do olhar específico do profissional que lá atua. Pois pode servir para dimensionar decisões governamentais já que trata de espaços públicos do brincar.

Para isto contribuimos com algumas recomendações que consolidam debates futuras:

1. Consolidação dos debates científicos e identificação de área de pesquisa sobre as brinquedotecas;
2. Traçar debates sobre a formação de pessoal e profissional Brinquedista. Uma nova profissão?

3. Investimento de novos espaços públicos do brincar oportunizando o acesso ao espaço e convivência entre os sujeitos sociais, além do acesso aos brinquedos. Devendo-se considerar o espaço de distribuição geográfica e respeitar as diversidades culturais e identidades amazônica no Estado do Pará.

Concluimos o estudo, considerando a necessidade da existência de um amplo debate social sobre os saberes construídos pela interação do brincadista/brincante com as relações da ludicidade, educação e cultura no contexto vivido.

Compreender esses saberes possibilita uma emancipação política e humana sobre a brinquedoteca, enquanto acesso seguro de brincar, efetivada pelos saberes ressignificados pelos sujeitos brincantes, garantindo os princípios democráticos e de direito social.

Por fim, esperamos ter contribuído ao debate da brinquedoteca sob o olhar do brincadista, assim como, para a abertura de novas reflexões do lúdico, da educação e da cultura de nossa cidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. **Desigualdade social e pobreza: ontem, hoje e (que) amanhã**. Revista Angolana de Sociologia. 9 | 2012: Pobreza e desigualdades sociais. Disponível em <https://ras.revues.org/440>. Acessado em 28 de dezembro de 2016.
- ALMEIDA, M.T.P. **Brinquedoteca e a importância de um espaço estruturado para o brincar**. In. SANTOS. Santa Marli Pires (org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 14 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- ARIÉS. P. **História social da criança e da família**. 2.ed. 2ª reimpressão Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- ATKINSSON, P. **Uma breve história das brinquedotecas**. In. OLIVEIRA, Vera Barros de. (Org.). Brinquedoteca: uma visão internacional. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2011.
- AZEVEDO, A. C. P. **Brinquedoteca no diagnóstico de intervenção em dificuldades escolares**. São Paulo: Alínea, 2008, 2º ed.
- BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Profissionais de Educação Superior. Disponível em www.capes.gov.br Acessado em 02 de fevereiro de 2015 às 13h.
- BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Profissionais de Educação Superior. Disponível em www.capes.gov.br Acessado em 02 de fevereiro de 2015.
- BATISTA. R. L. **A ideologia da educação profissional: perspectivas para o século XXI**. (Anais) VI Seminário do Trabalho, 2008. Disponível em <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/robertolemebatista.pdf>. Acessado em 28 de dezembro de 2016.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009 – (Coleção Espírito Crítico).
- BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia as produções das Dissertações e Teses. Disponível no site <http://bdtd.ibict.br>. Acessado em 18 de novembro de 2015 às 15h.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. Cap.1 - **O mundo que criamos para aprender a viver** (p.15-27); Cap. 4 - **O sentido do saber**. (p.101-131).

BRANDÃO. H.N. **Introdução a análise do discurso**. 3.ed. rev. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A criança e a cultura lúdica**. In. Kishimoto, Tizuko (Org.) O brincar e as suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

_____. **Brinquedo e cultura**. 8ed. – São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v.20).

BURKE, P. **História e teoria social**. 3.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Cotovia LTDA, Lisboa, 1990.

CHAUÍ, M. **Ideologia e Educação**. Educação & Sociedade. 1980, nº5, pp. 24-40.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CONH, G. & PIERUCCI, A. F. **Clássicos da sociologia: Max Weber**. UnivespTV. Bloco 1 – Módulo 2 realizado em 2010. Disponível em youtube.com. Acessado em 07 de janeiro de 2016.

COSTA NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977. 264 p.

COULON, A. **La Etnometodologia**. 3ed. Madrid, Fernandez Ciudad, Catedra (Colección Teorema), 2005

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

_____. **A Brinquedoteca Brasileira**. In. SANTOS. Santa Marli Pires (org.). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O que é a brinquedoteca?** 1ª Jornada Nacional de Brinquedoteca. Vídeo. Disponível em 2016.

_____. **Brinquedista hospitalar**. In VIEGAS. Diego (org.) Brinquedoteca Hospitalar; isso é humanização. Associação Brasileira de Brinquedotecas. Rio de Janeiro: WAK Ed, 2007.

DEBORTOLI. J. A. **Educação infantil e conhecimento escolar: reflexões sobre a presença do brincar na educação de crianças pequenas**. In. CARVALHO, Alysson *et al* (Organizadores). **Brincar (res)**. Belo Horizonte: Editora UFMG: Pró-Reitoria de Extensão. UFMG, 2009.

_____. **Brincadeira.** In. Dicionário crítico do lazer (Org.). GOMES, Christianne Luce. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

DIREITOS HUMANOS. [Disponível em http://www.dhnet.org.br/abc/onu/comites_crianca.htm. Acessado em 29/11/2015 Às 08h58min].

ELIAS, N. **O processo civilizador; formação do estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 2v.

_____. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998

ESPINDOLA, P. M. **A fenomenologia de Alfred Schutz: uma contribuição histórica.** Revista TRAMA interdisciplinar – Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Prebisteriana Mackenzie. (Volume 3. n. 1), 2012. [Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php>. Acessado em 08 de dezembro de 2015 às 16h57min].

GARFINKEL, H. & SACKS, H. **Sobre estruturas formais de ações práticas.** Revista Veredas, vol. 16, n. 2, 2012. Juiz de Fora. [Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files>. Acessado em 02/12/2015 as 18h.]

FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca.** 2. ed. São Paulo: Scritta, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm. Acessado dia 26 de novembro de 2015 às 13h45min.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** tradução: Marcos Santarrita Revisão Técnica: Maria Célia Paoli. 2ed. 9a reimpressão Companhia das Letras. (1994). Disponível em bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Eric%20Hobsbawm-1.pdf. Acessado em 21/11/2016

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

I JORNADA NACIONAL DE BRINQUEDOTECA, Acessível Em www.indianapolis.com.br

INTERNATIONAL TOY LIBRARY ASSOCIATION. Disponível em <http://www.itla-toylibraries.org>. Acessado em 26 de novembro de 2015, as 09h15min.

JAPIASSU, Hilton F. **Introdução ao pensamento epistemológico.** Rio de Janeiro, F. Alves S.A. 1975.

JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M.W. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KISHIMOTO, T. M. **Bruner e a brincadeira**. In: KISHIMOTO, T.M. (Org.) *O Brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

KISHIMOTO, T. M. **Diferentes tipos de brinquedotecas**. In: Friedmann A *et al.* *O direito de brincar: a brinquedoteca*. São Paulo:Scritta; 1992. p. 49-59.

KHOURY, Yara A. *Narrativas Oraís na Investigação da História Social*. Artigo. Projeto História, São Paulo, 22 de junho de 2001. Núcleo de Estudo Cultura, Trabalho e Cidade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 27.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEI n.º11.104 de 21 de março de 2005 acessado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm

LIMA, M. B. S. **Descrição e avaliação das brinquedotecas hospitalares em Belém**. 2011. 169 f, Dissertação (Mestrado em Ecoetologia). Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Estado do Pará. Pará. 2011.

LOIOLA, F.C.F. **Subsídios para a educação hospitalar na perspectiva da educação inclusiva**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Natal: Pernambuco, 2013.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, M.W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MAGNANI, Eliana Maria. **A práxis ludo-pedagógica do professor da pré-escola**. 2012. 206 f, Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Análise do discurso: a questão dos fundamentos**. Cadernos de Estudos de Linguagem. Campinas, SP: (19): jul/set. 1990, p-64-74.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.) **Lazer e Sociedade: Múltiplos Olhares**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

MARQUES, A.A.N. **A ludicidade e o simbolismo na infância: um estudo hermenêutico em uma brinquedoteca escolar do município de São Luís/MA**. 2013. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão. Maranhão. 2013.

MASSUKADO-NAKATANI, M. S. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo: Amostragem**. 2009. Disponível em: <http://www.turismo.ufpr.br/drupal5/files/>

Aula%2022%20-%20Amostragem.pdf. Acessado em 16 de junho de 2016 as 12h54min.

MEIRELLES, V. A. da S. P. **Repercussões da implementação do ensino fundamental de nove anos sobre as práticas de professores do 1º ano da rede municipal de ensino de São Paulo.** 2013, 131f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2013

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo: contexto de observação interação e descoberta.** In. MINAYO, M.C de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 31ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MOORE, Julia E. **A History of Toy Lending Libraries in the United States Since 1935,** A Master's Research Paper submitted to the Kent State University of Library and Information Science in partial fulfillment of the requirements for the degree Master of Library Science Tese, July, 1995.

NEGRINE, Airton. **Brinquedoteca: teoria e prática dilemas da formação do brinquedistas.** In. SANTOS. Santa Marli Pires (org). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

NETO, W. N. **Comentário Geral do Comitê dos Direitos da Criança.** Art. 31. Disponível em <http://www.redlamyc.info/index.php/seguimiento-a-la-convencion-de-los-derechos-del-nino/informes-presentados-ante-el-comite-de-los-derechos-del-nino/comite-de-los-derechos-del-nino-de-las-naciones-unidas/16-informacion-y-actividades/1209-novo-comentario-geral-do-comite-sobre-os-direitos-ao-reposu-ao-lazer-e-as-artes-artigo-31>. Acessado em 29/11/2015 as 09h10min.

OLIVEIRA, I. A. de. **Epistemologia: conceitos fundamentais.** Texto elaborado para fins didáticos, Belém, UEPA, 2012.

OLIVEIRA, L. B. de. **Caminhos e descaminhos na implantação de assistência social no município de Junco do Seridó-PB.** 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Paraíba, 2010.

OLIVEIRA, V. B. de (org.). **Brinquedoteca: uma visão internacional,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 6.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005

PAIS. N. **O milênio da ludicidade.** In: OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). **Brinquedoteca: uma visão internacional,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PERES, Benjamin. **De instrutor a facilitador.** Artigo. Revista Bittencourt GS& Inteligencia em Redes de Negócios. Enviado em 22 de Março de 2011. Disponível em <http://www.bittencourtconsultoria.com.br/artigos/de-instrutor-a-facilitador.html>

REZENDE, D. O. **O brincar livre de crianças na brinquedoteca: análise da frequência de ações motoras, tipos de brinquedos, brincadeiras e interações**

sociais. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

ROUCOUS, N. **LUDOTHÈQUE, UN TERRITOIRE DE L'ENFANCE. CERSE - Université de Caen** | « Les Sciences de l'éducation - Pour l'Ère nouvelle » 2006/2 Vol. 39 | pages 15 à 32.

SANTOS, T. R. L. **Crianças e infâncias: um olhar de azul para os trabalhos apresentados no GT07 da ANPED.** 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SAMPIERI, R.H. *et al.* **Metodología de la investigación.** 5ed. McGraw - Hill, México, Santa Fé, 2010

SOMMERHALDER, A. **Crianças brincando de casinha numa brinquedoteca: um olhar psicanalítico.** 2004. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro: São Paulo, 2004.

TEIXEIRA, Sirlândia O. 1ª Jornada Nacional de Brinquedotecas. Vídeo. 2016. Disponível em www.indianapolis.com.br.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

WATSON, Rod & GASTALDO, **Etnometodologia & Análise da conversa.** Pétropolis, RJ: Vozes, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

APENDICE I: Entrevista Narrativa. Formulação das proposições *exmanentes*.

- a) Motivações, processos que envolvem o Projeto de criação (concepções, organização e ações)
- b) Ano de criação.
- c) Pioneiros que pensaram e planejaram a construção da brinquedoteca.
- d) Atividades da brinquedoteca da e intensão do espaço de brinquedoteca junto à sociedade e barreira
- e) Pensamento sobre o espaço e atividades a serem promovidas

APENDICE II - Roteiro de entrevista semidiretivas para os brinquedistas:**1.1. Do Brinquedista**

- a) O que é um (a) brinquedista?
- b) Como ocorrem as interações entre você e o seu público de atendimento no espaço de brinquedoteca?
- c) Alguma dentre essas experiências modificou sua forma de atendimento na brinquedoteca?
- d) Você considera que o brinquedista pode ser um novo profissional que necessita de habilitação específica? Por quê?
- e) Como você considera as atividades lúdicas desenvolvidas na brinquedoteca enquanto saberes educacionais?